



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

CAMILA CARVALHO MOURA FÉ

**Memória e Patrimônio Cultural sobre a Fábrica de Laticínios Puro Leite em Campinas
do Piauí (1897-2008)**

PICOS-PI

2017

CAMILA CARVALHO MOURA FÉ

**Memória e Patrimônio Cultural sobre a Fábrica de Laticínios Puro Leite em Campinas
do Piauí (1897-2008)**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, Como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em História.

Orientador: Prof. Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos

PICOS-PI
2017

**FICHA CATALOGRÁFICA Serviço de Processamento Técnico da
Universidade Federal do Piauí Biblioteca José Albano de Macêdo**

Fé, Camila Carvalho Moura.

F111m

Memória e Patrimônio Cultural sobre a Fábrica de Laticínios Puro Leite em Campinas do Piauí (1897-2008) / Camila Carvalho Moura Fé. – 2017. CD-ROM : il.; 4 ¾ pol. (88 f.)

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História)- Universidade Federal do Piauí., Picos, 2018.

Orientador: Prof. Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos

1. História-Práticas Pedagógicas. 2. História. 3. Professor-Formação. I. Título.

CDD 981.812 2



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros
Coordenação do Curso de Licenciatura em História
Rua Cícero Duarte Nº 905, Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos- Piauí
Fone: (89) 3422 2032 e-mail: coordenacao.historia@ufpi.br

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos seis (06) dias do mês de dezembro de 2017, no Laboratório de Ensino de História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a Defesa de Monografia de **Camila Carvalho Moura Fé** sob o título **Representações da memória sobre a Fábrica de Laticínios Puro Leite em Campinas do Piauí (1897 a 2008)**.

A banca constituída pelos professores:

Orientador: Prof. Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos
Examinadora 1: Profª Drª Marylu Alves de Oliveira
Examinadora 2: Profª Ma. Sabrina Verônica Gonçalves Lima

Deliberou pela APROVAÇÃO do (a) candidato (a), tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe uma média aritmética de 100.

Picos (PI), 06 de dezembro de 2017.

Orientador (a): Raimundo Nonato Lima dos Santos
Examinador (a) 1: Marylu Alves de Oliveira
Examinador (a) 2: Sabrina Verônica Gonçalves Lima

Dedico este trabalho à minha mãe, Josilene, mulher que sempre me inspirou na forma de ser e pensar.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é um ato reconhecer quem nos apoiou de tantas formas ao longo dessa jornada que se encaminhou de maneira árdua, pois, foram diversos os obstáculos que cruzaram no decorrer desses quatro anos e meio de vida acadêmica. Mas, na mesma proporção que houve dificuldades também foi de grandes descobertas, vivências e experiências alegres e empolgantes que fizeram com que eu chegasse até essa etapa final com alguma garra. Nesse momento ao escrever essas palavras de agradecimentos o que passa na minha mente é são lembranças maravilhosas das quais tive a imensa oportunidade de vivenciar ao lado de pessoas incríveis.

Assim, começo a agradecer aos amigos que já se faziam presentes na minha vida e os que tive a oportunidade de conhecer desde o momento que entrei na universidade. As amizades se assumem na forma de laços e afetos, é algo que se constrói ao longo do tempo, mas, principalmente, os amigos são nossa família quando a nossa não está presente. Então, deixo aqui meus agradecimentos a turma 2013.1, turma da qual sempre tive o prazer de fazer parte ao longo da graduação. Quero ressaltar, sobretudo, o meu grupo de trabalhos e seminários, Marina, Ariani, Genilda, Iara, Jailson, estivemos juntos desde o início. Também quero destacar outras pessoas que não faziam parte desse grupo, mas que sempre tive uma proximidade como Erllandy e Francimary, duas mulheres e amigas das quais admiro muito.

Não posso deixar de mencionar também aqui o nome de Jardel, meu parceiro do Pibid, do jogo de UNO, da vida, ele é raro, simples e singular. Outra pessoa que eu não posso deixar de citar aqui é Aendy, ela só esteve com nossa turma até o quinto período, apesar do pouco tempo sua presença foi tão significativa, ela é doçura em forma de pessoa. Amigos fora da sala de aula que jamais poderia deixar de mencionar é o João Neres, amigo querido, que com sua leveza conseguia me acalmar nos momentos de desespero ao longo da graduação.

Deixo meus agradecimentos também para Eliane Moura Fé, uma parente e amiga especial que conheci bem no momento que estava começando minha pesquisa. Ela, compartilhou comigo tanto informações importantes sobre sua mãe na época em que lecionava na fábrica quando funcionava como escola, como seu interesse na história do antigo prédio, me mandando vários recortes de livros que mencionava a indústria.

Aos professores que tive ao longo da minha formação acadêmica, agradeço seus ensinamentos e conselhos, com certeza vou levar para a vida inteira. Especialmente, ao meu professor e orientador Raimundo Nonato Lima dos Santos, ele que ofereceu tanto suas contribuições intelectuais como humanas, quando me ajudou a ir ao Arquivo Público do Piauí

e no IPHAN em Teresina, sem falar da sua paciência e calma sempre ao escutar meus posicionamentos.

Agradeço também aos meus entrevistados que tão bem me receberam em suas casas e compartilharam em uma longa tarde suas vivências e experiências, sem eles esse trabalho não teria se desenvolvido. A senhora Maria do Socorro Alves Moura, Maria de Jesus Carvalho, Maria Marisol Jesuíno e ao senhor Evilásio Jesuíno da Silva.

A partir daqui quero expressar todo meu reconhecimento a minha família que sempre foi essencial nos meus dias. Aos meus avós Losinha e João, as minhas quatro tias maternas que ajudaram de tantas maneiras ao longo da minha formação, sobretudo, Tia Daci, minha tia doida, mas que sempre admirei seu caráter diante das imposições da vida. Aos meus irmãos que sempre me ajudaram ao longo dessa jornada e de tantas outras, Cecília e Caio Moura Fé. Das viagens que fiz a Campinas para conseguir os depoimentos Caio me ajudou indo e gravando as entrevistas.

A minha mãe, que também é meu pai, Josilene de Carvalho Sousa, deixo aqui meus maiores agradecimentos. Pois, ela que sempre me protegeu, nunca deixou nada faltar, sempre se fez presente na minha vida. Cresci vendo-a independente, forte, de opiniões bem fundamentadas, e apesar de toda essa personalidade, ela ainda consegue ser sensível de uma forma tão humana. Agradeço a ela toda sua proteção, ensinamento e carinho. Espero retribuir seus esforços.

Agradeço a Deus, pela luz, por sempre me dá forças para continuar em busca dos meus objetivos.

Muito obrigada a todos!

Mas a memória não é somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é sobretudo oral ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita que melhor permitem compreender essa luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória. (Jacques Le Goff, 1991)

RESUMO

O presente trabalho pretende analisar como ocorreu o processo de construção da memória acerca da antiga indústria de laticínios em Campinas do Piauí de 1897 a 2008, tendo em vista que a transmissão dessa memória se fez de forma seletiva pelos grupos sociais. Dessa forma, ao longo do tempo a memória foi se modificando, mostrando diferentes pontos de vista sobre a história da construção da fábrica, bem como do seu idealizador Antônio José de Sampaio. Com isso, os conflitos políticos que se deram em torno da construção da indústria serão o arcabouço dessa pesquisa para mostrar como ocorreu o processo de construção da memória. Ainda que tenha havido um esforço de eliminação dos vestígios sobre a fábrica, foi observado que há uma forte resistência pela permanência dessa memória. Desse modo, outro objetivo que se insere nesse trabalho é mostrar como determinados grupos sociais lutaram pela restauração do patrimônio que representa a busca e o direito pelo passado. Esta análise tem como fonte principal os relatos orais dos moradores mais velhos da cidade. Sendo assim, alguns conceitos foram fundamentais na elaboração desse trabalho, bem como o de amnésia social, do autor Peter Burke (2006) que discute como ocorre o processo de esquecimento. Outro conceito utilizado foi o de manipulações da memória de Jacques Le Goff (1990), o qual discorre as distorções da memória coletiva. Com Michel Pollak (1992) o conceito de memória em disputa norteará a ocorrência das memórias concorrentes.

Palavras-Chave: Campinas-PI. Memória. Resistência. Patrimônio. História Oral.

ABSTRACT

The present work intends to analyze how the process of construction of the memory about the old dairy industry occurred in Campinas do Piauí from 1897 to 2008, considering that the transmission of this memory was made selectively by the social groups. Thus, over time the memory was modified by showing different points of view on the history of the construction of the factory, as well as its idealizer Antônio José de Sampaio. With this, the conflicts the politicians that took place around the construction of the industry will be the framework of this research to show how the process of memory construction occurred. Although there was an effort to eliminate the traces on the factory, it was observed that there is a strong resistance by the permanence of this memory. Thus, another objective that is inserted in this work is to show how certain social groups fought for the restoration of the patrimony, that represents the search and the right by the past. This analysis was made has with main source the oral reports of the older residents of the city. Thus, some concepts were fundamental in the elaboration of this work, as well as the one of social amnesia, of the author Peter Burke (2006) that discusses how the forgetting process occurs. Another concept used was the manipulation of the memory of Jacques Le Goff (1990), which discusses the distortions of collective memory. With Michel Pollak (1992) the concept of memory in dispute will guide the occurrence of competing memories.

Key words: Campinas-PI. Memory. Resistance. Patrimony. Oral History.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|---|----|
| FIGURA 01: Fábrica de Manteiga Puro Leite em Campinas do Piauí | 37 |
| FIGURA 02: Maquinários e trabalhadores da Fábrica de Laticínios | 53 |
| FIGURA 03: Maquinários e trabalhadores da Fábrica de Laticínios | 53 |
| FIGURA 04: Trabalhadores da Fábrica de Laticínios em Campinas do Piauí | 59 |
| FIGURA 05: Desenho da Fábrica de Laticínios..... | 67 |
| FIGURA 06: Fábrica de laticínios atualmente | 70 |
| FIGURA 07: Fábrica de laticínios atualmente | 70 |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 12 |
| 2. A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DA FÁBRICA DE LATICÍNIOS EM CAMIPINAS DO PIAUÍ COMO UM PROCESSO DE SELEÇÃO E MALEABILIDADE..... | 20 |
| 2.1 Os conflitos políticos entre Antônio José de Sampaio e a elite piauiense: como a memória dominante age..... | 33 |
| 2.2 O processo de administrações das Fazendas Nacionais e os discursos criados em torno da fábrica de laticínios..... | 50 |
| 2.3 Relatos de memórias dos trabalhadores da fábrica de laticínios..... | 59 |
| 3. A IMPORTÂNCIA DO PATRIMÔNIO CULTURAL: UMA DISCUSSÃO SOBRE MEMÓRIA, RESISTÊNCIA E POLÍTICAS DE PRESERVAÇÃO..... | 64 |
| 3.1 Os diferentes usos do patrimônio cultural..... | 68 |
| 3.2 Grupos sociais e o constante processo de lutas pela restauração da fábrica de laticínios | 73 |
| 3.3 É preciso pensar em novas políticas de patrimônio | 78 |
| 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 84 |
| REFERÊNCIAS..... | 87 |

1 INTRODUÇÃO

No município de Campinas, localizado ao sul do Estado do Piauí, encontramos as ruínas de um prédio construído na metade do século XIX, pelo qual personificou a noção de modernidade em um espaço marcado pelo extremo atraso paralelo ao mundo da industrialização, que viria a trazer mudanças nas relações econômicas e sociais da região. O majestoso prédio acena para o visitante a história de um passado que ainda reverbera no presente. Adentrando o local, observamos suas paredes pichadas, destroços de telhas por todo o chão, restos de animais mortos e uma caldeira que vai até o teto, poucos conhecem a história desse lugar que um dia foi uma indústria de grande porte e que foi objeto de fascínio aos olhos dos moradores da região que nunca viram nada parecido, quanto sua estrutura física imponente.

A antiga indústria de laticínios, conhecida como Fábrica de manteiga Puro Leite dos Campos, pois, quando a cidade de Campinas do Piauí ainda era povoado de Simplício Mendes, recebia o nome de Campos. A fábrica de manteiga foi a primeira experiência de um projeto agroindustrial no Nordeste e não foi uma iniciativa qualquer, uma vez que seu idealizador, o engenheiro Antônio José de Sampaio colocou todo seu saber técnico e científico para a construção de tal empenho tendo como base o modelo econômico europeu de países como Suíça e Alemanha. Entretanto, a história desse grandioso empreendimento, bem como do seu idealizador é pouco conhecida, uma vez que sua memória sofreu uma espécie de tentativa de apagamento.

Do ponto de vista econômico e político essa indústria marcou o desejo de desenvolvimento das Fazendas Nacionais no Piauí que no século XIX era objeto de disputa entre as elites piauiense, o que somou para reforçar a crise econômica que o Piauí vinha sofrendo. Na questão social em que se coloca a fábrica foi a primeira forma de trabalho assalariado surgido numa época em que ainda predominava a mão-de-obra escrava, pela primeira vez a população do sertão piauiense sentia o gozo do dinheiro em suas mãos. A história dessa indústria que tem tamanha relevância hoje se encontra perdida em suas ruínas pela falta de manutenção e preservação ao prédio que é um patrimônio histórico nacional.

A escolha do seguinte objeto de estudo, sobre a construção da memória sobre a fábrica de laticínios, foi pensada no constante interesse que despertou em mim pela história do antigo prédio. Ao morar na cidade de Floresta do Piauí, cidade vizinha a Campinas do Piauí, nunca tinha escutado falar sobre as histórias da indústria de laticínios. Ao fazer uma visita ao prédio em 2015 fiquei fascinada pelo local, ainda que estivesse em puro estado de degradação o local parecia morto por fora, mas vivo por dentro, quer dizer, observando de perto sua estrutura

uma profusão de pensamentos incitou essa curiosidade, como se resquícios do século XIX ainda assombrasse aquele lugar que no passado serviu como cenário de uma série de conflitos travados entre seu idealizador e grupos políticos locais. Foi pelo sentimento de abandono que decidi traçar esse trabalho tendo como base a discussão de memória, resistência e patrimônio.

O recorte temporal desse trabalho dado de 1897 período da construção da indústria a 2008 quando foi tombada, foi traçado a partir da perspectiva de memória herdada de Michael Pollak (1992), pois o quadro em que se organiza as representações das memórias em Campinas do Piauí apresentam lembranças que se situam em diferentes épocas sobre a história da fábrica, que hora a memória é sentida em um espaço de tempo mais recente, em outra ela se situa a um período mais distante, bem como na época de sua construção. Então, os acontecimentos destacados nos relatos orais permitem observar que são fragmentados onde a seleção da memória foi fixada através da memória herdada, isto acontece quando os grupos se identificam com determinado passado de maneira tão forte que passam a se sentirem pertencidos a esse tempo.

Em Campinas do Piauí nota-se que a transmissão da memória se realizou de maneira divergente ao longo do tempo, fator que se deve ao caráter seletivo entre os grupos sociais. Sendo assim, este trabalho visa compreender como ocorreu o processo de construção da memória tendo em vista essas diferentes informações que se formularam sobre a memória da antiga indústria, dando a compreender quanto essa memória pode ser maleável. As divergências variam de um grupo para outro, através da transmissão de memórias, que se assumem, principalmente, no poder da oralidade. Com isso, foi necessário fazer uma análise dos conflitos políticos que marcaram no final do século XIX cruzando com as fontes atuais para entender porque a memória sobre a fábrica de laticínios é hoje tão vaga. Outro objetivo que se insere nesse trabalho é entender como o patrimônio cultural através da sua degradação representa objeto de resistência da memória, nesse sentido abordar sobre políticas de patrimônio foi essencial para a construção do objeto de pesquisa.

Desse modo, os relatos orais são as principais fontes desse trabalho. Foram coletados relatos dos moradores mais velhos da cidade, pessoas das quais gentilmente cederam um pouco do seu tempo para responder algumas das questões que norteiam o objetivo deste estudo. Desta forma, podemos citar os depoentes que participaram desta empreitada, bem como Maria Jesus de Carvalho, Maria do Socorro Alves Moura, Evilásio Jesuíno da Silva e Leônidas Rêgo da Silva. Os quatro depoentes são atores fundamentais nesse trabalho, pois estes tiveram parentes que trabalharam na fábrica, então suas informações partem daquilo que lhes foi contado ao longo das gerações.

A história oral é imprescindível quando abordamos o tema memória, por se tratar de uma fonte que auxilia na investigação do objeto na ausência de informações nos documentos escritos, vestígios, imagens. A pesquisa oral tem como objetivo dar voz aos que estão à margem da sociedade, os esquecidos, os excluídos, aqueles que nunca lhes foi dado espaço na História.¹ A fonte oral, é também a maneira de resgatar acontecimentos que foram completamente abandonados, busca contemplar indivíduos ou grupos que nunca tiveram participação na construção histórica.

Conseguimos também como fonte para o desenvolvimento deste trabalho um documentário intitulado *A fábrica de manteiga e queijo das fazendas nacionais do Piauí: uma história contada pelos seus trabalhadores*. Este documentário foi cedido pelo IPHAN, a autoria do filme é do diretor Roberto Sabóia (2007), que produziu o documentário com o intuito inicial de elencar ao dossiê para o processo de tombamento da fábrica. Esse trabalho visual é substancial para a compreensão do nosso objeto de estudo, uma vez que nele está contido entrevistas importantíssimas dos próprios trabalhadores da antiga fábrica ainda vivos, como José Belém de Sousa, José Mariano Filho e Euclides Ribeiro de Sousa.

Outra fonte utilizada para o desenvolvimento deste estudo é o desenho da fábrica de laticínios de Campinas do Piauí datado de 1941, feito por Noeme Madeira Moura Fé. Na época em que a mesma desenhou ainda estudava no internato Nossa Senhora Auxiliadora na cidade de Petrolina, depois que terminou seus estudos foi lecionar na antiga indústria quando funcionava como escola. Quem disponibilizou a referente imagem foi sua filha, Eliane Madeira Moura Fé que guarda todos os desenhos de sua mãe.

A problematização do desenho, é importante para a construção deste trabalho, visto que atenta para a compressão da identidade e das lembranças sobre a fábrica que está vinculada ao fato da importância dada ao prédio em forma de registro que remete a ideia de ter a lembrança guardada consigo daquilo que seus olhos capturaram e, assim, ter prazer o de olhar em outros momentos aquela imagem da qual a autora se identificou.

Dois periódicos foram também utilizados como fontes, bem como *A Legalidade* (PI)² de 1892 e registro marcado pela correspondência como, *Mensagens do Governador do Piauí para a Assembleia* de 1897³. Nesses dois periódicos mencionam a figura de Antônio José de Sampaio e do seu empreendimento, foi possível fazer a análise dos discursos políticos que se

¹ PORTELLI, Alessandro. **História Oral e Poder**. Conferência no XXV Simpósio Nacional da ANPUH, Fortaleza, 2009.

² **A Legalidade (PI)**, Teresina, Ano 1, n.18, 7 de maio, 1892.

³ **Mensagens do Governador do Piauí para Assembleia**. Mensagem apresentada a câmara legislativa. Teresina, junho, 1897.

faziam em volta da construção da indústria. Dessa maneira, os jornais utilizados serviram para fundamentar os conflitos políticos pelos quais Antônio José de Sampaio enfrentou, são esses jornais que constata a forma como ele fracassou no desenvolvimento do seu empreendimento e, que a partir desses conflitos travados entre os grupos políticos locais fizeram a memória do engenheiro ser o que é hoje.

Além dessas fontes utilizadas nesse trabalho é importante destacar o uso de outras que serviram como suporte para melhor elaboração do objeto de pesquisa. Bem como o dossiê de tombamento da fábrica cedido pelo IPHAN, que serve para compreender o contexto da construção da fábrica no século XIX, e como alguns grupos da cidade se empenharam para que o tombamento da indústria fosse executado.

Algumas das informações sobre a vida de Antônio José de Sampaio, do livro *Voo de Ícaro*, do autor Marcos Vilhena (2006), contribuíram para o desenvolvimento desse trabalho, pois, este autor foi o primeiro que conseguiu estabelecer um trabalho mais concreto sobre o engenheiro, seu livro é uma espécie de biografia. Embora se encontre poucas fontes sobre Antônio José de Sampaio, Vilhena conseguiu reunir um número considerável de documentos e registros acerca do seu objeto de estudo. O livro do referente autor foi de grande relevância para compreender a história da construção da fábrica, tendo em vista que Vilhena mostra os conflitos políticos e sociais entre Antônio José de Sampaio e a elite do Piauí. Tais conflitos, serão imprescindíveis para esta análise, para que possamos fazer um paralelo com os discursos atuais e, assim compreender como decorre o processo de construção da memória.

Há também uma monografia produzida na Universidade Federal do Piauí / Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, por Joyce Nunes de Moura (2013), a qual tomamos também como apoio nessa pesquisa. A referida autora é filha da cidade de Campinas do Piauí, um dos fatores que a motivou para a elaboração do seu trabalho intitulado *Sociabilidade e interação entre operários da fábrica de laticínios de manteiga puro leite, em campinas Piauí: retratos de uma época de 1897 a 1947*.

Em sua pesquisa a autora, demonstra como se desenrolava o cotidiano dos trabalhadores da Fábrica de Laticínios de Campinas do Piauí, bem como também mostra como acontecia as relações de trabalho e sociabilidades entre operários, fazendo uma relação ao período de formação do movimento operário na Primeira República nos grandes centros urbanos do Brasil, dessa maneira, a autora estabelece um paralelo com os acontecimentos na fábrica de Laticínios em Campinas Piauí.

Atualmente, o completo abandono do prédio demonstra a falta de manutenção e preservação. A construção da memória coletiva mostra que ao longo do tempo os grupos sociais com maior predomínio político foram forjando a memória. Ao entrevistar os

moradores da cidade, percebe-se que suas lembranças sobre a fábrica variam de pessoa para pessoa. Para isso, o conceito de amnésia social utilizado por Peter Burke (2006), foi fundamental para a análise desse estudo, tendo em vista que os usos da amnésia estão presentes na memória coletiva, podendo assumir várias formas, tendo a supressão ou repressão da memória por acontecimentos traumáticos ou por aniquilação de vestígios.

Outro conceito indispensável para a elaboração desse trabalho foi o de manipulações da memória empregado por Jacques Le Goff (1990), no qual o autor discute a maneira como a memória é manipulada e moldada de acordo com as classes, grupos sociais que tem maior predomínio sobre as sociedades históricas. Ainda recorremos ao conceito de memória coletiva do autor Maurice Halbwachs (1990), onde aborda que a lembrança é uma reconstrução do passado, feita pelos grupos sociais.

O conceito de memória em disputa norteará também todo o objeto de pesquisa, uma vez que, Michael Pollak (1989) analisa a existência de conflito e competição entre memórias concorrentes. Desse modo, sua abordagem se torna importante na medida em que a pesquisa oral evidencia memórias subterrâneas que, por sua vez, comporta culturas minoritárias e dominadas que irão se colocar em contraposição a memória oficial ou a memória nacional. A memória coletiva nacional é constituída por um caráter opressor e dominador, mas essa condição é rompida no momento em que as memórias subterrâneas despontam, bem como na busca de laços de pertencimento.

Muito se foi analisado nos relatos orais feitos na cidade de Campinas do Piauí, em que suas memórias vêm de outras, ou seja, são as lembranças de diversos acontecimentos que não foram vividos diretamente pelo grupo ou pela coletividade, mas que não fazem parte da vida das pessoas, são os acontecimentos vividos por tabela. “São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não”⁴. A memória por tabela, dessa maneira, será outro conceito inserido na discussão desse trabalho, para fundamentar as análises dos relatos orais.

Se fez necessário também a importância da discussão sobre patrimônio vinculado a memória e poder. Os lugares de memória, remetem a ideia de lugares de preservação, mas também importam, por outro lado, a prática da destruição ou depredação que está entendida sob formas de dominação, no que se pode relacionar a disputas de memórias. Aí se pode recorrer a abordagem sobre questões emergentes voltadas para a elaboração de políticas de cultura, que

⁴ POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. (Tradução de Dora Rocha Flaksman). Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p.02.

visem estratégias para a manutenção e conservação desses lugares, mas é essa problemática que está também ligada ao fato da identificação com o patrimônio.

A construção dessas políticas de patrimônio é construída a partir do sentimento de posse, ou seja, no momento em que o indivíduo ou o grupo coletivo se identifica com o objeto é que a atividade de preservar é executada. No entanto, essa identificação não é tomada de maneira obrigatória, irá haver os grupos que podem não se identificarem com o objeto histórico ligado ao patrimônio, isso porque não vivemos em uma sociedade homogênea, estamos inseridos em um meio social diverso e plural.

A antiga indústria de laticínios apesar de ter passado pelo processo de tombamento pelo IPAHN em 2008, na sua condição física continua sofrendo pela ausência de manutenção e restauro. A sociedade de Campinas do Piauí já se mostrou diversas vezes empenhada na luta pela preservação do prédio, essa luta é definida pela busca e direito a memória de grupos que se identificam com o patrimônio cultural da cidade. Almir Félix Batista de Oliveira (2010) discute acerca da pluralidade de memórias em disputa no campo do patrimônio. Já Mário Chagas aborda as ações de preservação do patrimônio que só são colocadas em práticas mediante o sentimento de posse tomado pelo indivíduo ou grupo sobre determinado objeto, pois os laços de pertença e identidade identificam-se nas práticas preservacionistas. Os principais pontos, portanto, que delinearão a discussão sobre patrimônio nesse trabalho.

A pesquisa oral que se fez presente em todo o trabalho, para análise dos relatos feitos na cidade de Campinas do Piauí. Lucília de Almeida Neves Delgado (2006), que propõe uma reflexão sobre História Oral, narrativa e identidade. Para a autora as narrativas constituem-se como fontes orais, tendo em vista a dinâmica da História, assim, o processo narrativo compreende, sobretudo, no âmbito da memória desencadeando aspectos sociais, identitários, temporais e espaciais. Sônia Freitas (2002) e sua discussão sobre narrativas na história oral, foi de grande relevância para essa discussão.

Ao entrevistarmos as pessoas que residem na cidade, elas reconhecem a importância da fábrica de laticínios como um monumento de grande relevância e, assim, lastimam muitas vezes a ausência de cuidado que o prédio assume atualmente, a identificação com a fábrica e a consequente importância desta para as histórias dessas pessoas está relacionado a laços afetivos e de pertencimento. “A interpretação das práticas culturais conjuga memórias e sentidos de

pertença de indivíduos e grupos”⁵. Isto é, a concepção de identidades culturais reforça os laços sociais.

A cidade de Campinas do Piauí tem sua existência marcada pela edificação da fábrica de laticínios, que teve depois diversos usos tomando novos ressignificados ao longo tempo, dessa maneira a construção de sua memória foi sendo feita de maneira conflitante. Onde, através de sites e jornais recentes é possível observar a luta de alguns setores da sociedade em busca da memória, que se coloca como algo importante para esses grupos na medida em que brigam pela conservação de um passado que se identificam.

Em 1941 a indústria foi desativada de vez, é importante ressaltar que o prédio muitos anos depois, após a estagnação de seu funcionamento, teve diversos usos. Sendo estes como, Igreja, quando celebravam batizados, missas e até casamentos. Com a construção da Igreja na cidade depois passou a funcionar como clube, onde as pessoas organizavam eventos e festas. E por último funcionou como escola, a primeira da cidade, funcionou da década de 1960 a 1970.

A relação com o passado pela qual a memória tem, faz ligação direta com o presente, pois, são as interrogações impostas no tempo presente faz com que tenhamos a necessidade de reconstituir lembranças passadas. Dessa maneira, um conjunto de valores elementos que perpassam na sociedade bem como, valores, ações, símbolos compartilhados indicam continuidades e rupturas de tradições e culturas, transmitidas de gerações. Isto posto, o veículo da transmissão oral é um meio para a construção da memória se coloca no presente como mecanismo de compreensão do passado. Não só os relatos orais, como fontes documentais e determinados vestígios demonstram aspectos seletivos da memória dada através dos grupos sociais. Em todos os modos podem haver o apagamento de informações feita por uma classe social, para favorecimento da mesma.

Dessa maneira, esse trabalho foi estruturado em duas partes. O primeiro capítulo denominado, *A construção da memória da fábrica de laticínios em Campinas do Piauí como um processo de seleção e maleabilidade*: designa-se a analisar as variações e divergências encontradas nos relatos orais sobre a figura de Antônio José de Sampaio, bem como da história da fábrica. Pois, essas divergências existentes nas narrativas estão relacionadas ao modo como foi construída a memória sobre a indústria de laticínios feitas pelos grupos sociais dominantes. Dessa forma, será discorrido nesse primeiro capítulo os conflitos políticos entre

⁵ PELEGRINI, Sandra C. A.; Memórias, identidades e políticas preservacionistas. In: Áurea da Paz Pinheiro e Sandra C. A. Pelegrini. (Org.). **Tempo, Memória e Patrimônio Cultural**. 1a.ed.Teresina-Piauí: Editora da Universidade Federal do Piauí, 2010, v. 1, p. 233-248.

Sampaio e a elite local, fazendo cruzamento com a pesquisa oral que visa na compreensão de como foi feita a construção da memória.

O segundo capítulo intitulado *A importância do patrimônio cultural: uma discussão sobre memória, resistência e políticas de preservação*. Nessa parte, será abordado os vários usos que a fábrica de laticínios teve ao longo do tempo, o que acarretou em uma reapropriação do espaço tendo novas ressignificações. Outro ponto que será debatido é o processo de lutas em busca da restauração da fábrica, que já ocorre a muito tempo na cidade. Essas lutas por parte dos grupos sociais decorrem do sentimento de pertencimento e identidade que o patrimônio exerce na vida de diversos setores sociedade de Campinas, portanto, se estabelece nesse quadro o direito pela memória. Nesse sentido as práticas preservacionistas se colocam como relevantes nesse processo.

2 A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DA FÁBRICA DE LATICÍNIOS EM CAMPINAS DO PIAUÍ COMO UM PROCESSO DE SELEÇÃO E MALEABILIDADE.

A cidade de Campinas do Piauí foi construída em volta da Fábrica de manteiga Puro Leite dos Campos, ou seja, sua existência é marcada pela construção da fábrica que tem grande valor histórico não só para a compreensão da história política, social e econômica do Piauí como também para a construção da memória da população em torno da antiga indústria, onde podemos observar através de suas lembranças como essa memória foi articulada. Daí é preciso reforçar porque é importante lembrar. Peter Burke (2006), coloca a amnésia social como um fator característico do processo de esquecimento, geralmente, a história dos vencedores é a que predomina a história oficial, o esquecimento recai sobre os perdedores que podem sufocar a memória por possíveis razões bem como pelo silenciamento através de acontecimentos traumáticos ou pelo aniquilamento tendo a destruição de documentos e vestígios.

A segunda opção trazida pelo autor é a que irá predominar sobre a construção da memória da antiga indústria de laticínios. Documentos, fontes e registros da época da construção da fábrica foram extintos em sua maior parte, além do fato de que no período de seu funcionamento os jornais mencionavam muito pouco sobre a figura de Antônio José de Sampaio e o andamento do seu empreendimento e quando mencionavam era de forma superficial e distante. Os jornais do período em que o engenheiro atuou como arrendatário das fazendas “dão a impressão de que Sampaio simplesmente não existia, ou que seus empreendimentos indústrias estavam sendo feitos em outra região que não o Piauí”.⁶

De acordo com Paul Ricoeur (2007), o apagamento dos rastros tem a ver com as distorções da memória, o ato da eliminação é resultante daquilo que seria incômodo aos grupos sociais que dominam a memória coletiva. Como visto, a construção da memória sobre a antiga indústria sofre uma espécie de tentativa de apagamento dos rastros, sendo assim, é importante compreender como esse apagamento é feito, e por quais grupos sociais, tendo em vista que a história da construção da fábrica de laticínios é marcada por uma série de conflitos entre Antônio José de Sampaio e os grupos políticos locais. Assim, podemos entender a memória como reconstrução do passado articulada pelos grupos sociais, que fazem a seleção dos acontecimentos a partir do que consideram como mais importantes para seu grupo.

⁶ VILHENA, Marcos Aurélio de. **Voo de Ícaro**: tensões e drama de um industrial no sertão. Teresina, 2006.

A memória sendo um lugar de disputa nas relações de poder entre as classes sociais, facilita para que haja formas de controle, manipulação e distorção. “Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas”.⁷ O processo de seleção, interpretação e distorção estão presentes na formação da memória coletiva. Embora as distorções ou disfunções possam acabar gerando o esquecimento, por outro lado também pode ocasionar a resistência contra esse esquecimento. Temos exemplos de várias culturas que resistiram a destruição da sua memória.

“Um exemplo extremo de desarraigamento e transplantação é o caso dos escravos negros transportados para o Novo Mundo”.⁸ Mesmo com o desarraigamento os escravos africanos conseguiram levar com eles uma parte da sua cultura, assim reconstituíram na América algumas de suas práticas e crenças. Segundo Peter Burke (2006), essa prática estaria atrelada a uma reconstrução do espaço africano, seria uma forma encontrada pelos grupos africanos de recompensar psicologicamente a perda da sua nacionalidade.

No caso da fábrica de manteiga em Campinas do Piauí, podemos observar que também houve uma forte resistência da sua memória, o que torna a tentativa de eliminação dos rastros no passado viva no presente. Uma demonstração disso é o fato de que prédio hoje se encontra em péssimo estado de conservação, mas, foi por vários momentos alvo da população local e de pesquisadores se juntarem para exigirem seu tombamento. Maria do Socorro Alves,⁹ uma das moradoras mais antigas da cidade fez um abaixo-assinado no ano de 2000 para que a fábrica fosse levada a condição de patrimônio histórico nacional. Apenas em 2008 o IPHAN reconheceu a fábrica de laticínios como patrimônio histórico. Entretanto, a luta pela população por essa ação não passou de um simples reconhecimento, uma vez que a antiga indústria continua sem nenhuma assistência ou proteção em quase total decadência.

Essa circunstância pode ser compreendida através da abordagem de Michael Pollak (1989), sobre a memória como um lugar de disputa. Esse acirramento da resistência da memória acontece quando a memória coletiva que é a memória oficial entra em confronto

⁷ LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão. [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990. p.368

⁸ BURKE, Peter. **História como memória social**. In: Peter Burke. Variedade de História Cultural. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 2006. p.76

⁹ Maria do Socorro Alves de Moura, nasceu na localidade Canudos, que pertencia à cidade de Simplício Mendes, em 01 de Março de 1939. Conhecida por Socorro Alves. É neta de um dos trabalhadores da fábrica. Atualmente mora em Campinas Piauí. A Senhora Socorro Alves é uma das pessoas que lutou durante muito tempo pelo projeto de restauração da fábrica. *Depoimento concedido à Camila Carvalho Moura Fé*, Campinas, 2016.

com as memórias subterrâneas, “elas expressam as memórias dos excluídos, dos esquecidos da memória oficial”.¹⁰ Dessa forma, analisando o discurso dos grupos sociais minoritários na cidade de Campinas é fácil perceber as formas de resistência da memória.

A história oral intervém com os testemunhos que abrangem diferentes interpretações sobre um fato, dos grupos sociais que sempre estiveram excluídos, a margem da sociedade rejeitados pelo discurso do poder.¹¹ Com isso, a pesquisa oral evidencia as memórias subterrâneas, tornando o discurso das minorias visíveis quando abre espaço para a inserção desses grupos esquecidos como agentes importantes na construção da História.

Tendo em vista, que os discursos que constroem a memória são mediados por grupos sociais, é preciso analisar as distorções de memória da cidade de Campinas, no momento atual, relacionando com o contexto em que Antônio José de Sampaio se coloca no Piauí na segunda metade do século XIX, no âmbito político e social.

Tinha-se antes a ideia de que a construção da memória era um fator atribuído somente ao plano individual decorrente do processo de vivências através da seleção, ordenação e sistematização de lembranças. Contudo, lembrar o passado não mais caracteriza um processo exclusivamente individual, uma vez que, “estudos de diversa origem disciplinar coincidem na experiência compartilhada da memória, ou seja, na sua natureza social”.¹² Por mais que a memória abranja experiências pessoais, são os grupos sociais, de maneira geral, que estabelecem como e o que lembrar. Em consequência disso, a memória traz consigo aspectos substanciais, bem como a formação da identidade e a conservação de experiências históricas vinculadas aos valores e tradições.

A memória se porta como principal mediadora para a reconstrução do passado. Tendo em vista que essa construção se dá a partir da interação entre os sujeitos coletivos, podemos constatar que as lembranças das experiências e o sentimento de pertencimento são os laços que unem os agentes sociais para assim formar a memória coletiva. Deste modo, a construção da memória passa a expressar as relações de poder, quando os grupos sociais determinam seus interesses, de acordo com fatores sociais, culturais e políticos. Por isso, são os grupos sociais que articulam as lembranças, de forma que podem ter o poder de escolha sobre os acontecimentos de maior ou menor importância no processo de seleção na construção da memória.

¹⁰ PADRÓS, Henrique Serra. cit.p.12

¹¹ FREITAS, Sônia Maria. **História Oral**: possibilidades e procedimentos. São Paulo: Humanista / FFLCH / USP: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

¹² PADRÓS, Henrique Serra. **Usos da Memória e do Esquecimento na História**. Revista Literatura e Autoritarismo. Edição 4.

Ao entrevistarmos os moradores do município de Campinas do Piauí percebemos como as pessoas mais velhas se sentem ao compartilhar suas vivências e experiências, a partir do momento em que as escutamos acontece uma troca mútua de conhecimentos que nos permite elaborar o objeto de pesquisa com mais clareza e compreensão. Os relatos sobre a história da fábrica de laticínios apresentam várias versões e representações, é possível escutar quando fazemos os seguintes questionamentos sobre quem construiu a fábrica, de onde era esse sujeito, como foi na época de seu funcionamento, se houve mudanças na sociedade, e como essas pessoas se sentem em relação a influência da história da fábrica em suas vidas nos dias atuais diferentes respostas.

Em alguns dos depoimentos é possível observar relatos em que os entrevistados apontam que a indústria foi construída por um europeu chamado Alfredo Modrach, outros afirmam que foi construído por Antônio José de Sampaio, um sujeito que também teria vindo da Europa. As diferentes versões e lacunas observadas nos relatos apresentam diferentes pontos de vista no processo de construção da memória. “A partir de nossa experiência concreta como entrevistadora, percebemos que os nossos entrevistados diferem em sua capacidade de recordar, e muitas vezes, recordam os mesmos fatos de diferentes maneiras”.¹³ Por isto, a análise das entrevistas tem de ser pautada conforme o caráter seletivo da memória, recorrendo ao seguinte questionamento: por que alguns acontecimentos são mais lembrados que outros?

“A seletividade e o esquecimento estão presentes no processo da memória. Do ponto de vista psicanalítico, o esquecimento não é visto como um fenômeno passivo ou uma simples deficiência do organismo”.¹⁴ A censura das lembranças é desencadeada seja por fatores incômodos ou amnésicos, de uma forma ou de outra persistem no comportamento individual, no inconsciente. Isto posto, podemos entender que tanto o ato de selecionar como o de esquecer são decorrentes de manipulações conscientes e inconscientes, que ocorrem por diversos motivos, afetando a memória individual.

O esquecimento não é passivo, ele persiste no comportamento inconsciente na memória individual. Embora esteja no plano individual das lembranças, o esquecimento sendo produto das manipulações da memória, que ocorre de forma inconsciente e consciente, irá pertencer a memória coletiva, pois de maneira geral as manipulações são decorrentes dos grupos sociais que articulam o que vai ser lembrado e como, dessa forma, levam em conta a seleção, a interpretação e a distorção dos fatos. O conceito de memória coletiva apresentado

¹³ FREITAS, Sônia Maria. Cit.p.38.

¹⁴ Idem, Ibidem.

por Maurice Halbwachs (1990), evidencia a construção da memória sendo produzida através dos meios sociais. A lembrança tem como função mediar a reconstrução do passado, a partir das questões que suscitam no presente.

Claro, se pela memória somos remetidos ao contato direto com alguma de nossas antigas impressões, por definição a lembrança se distinguiria dessas ideias mais ou menos precisas que a nossa reflexão auxilia, auxiliado por narrativas, testemunhos e confidências de outros, nos permite fazer de como teria sido nosso passado.¹⁵

Maurice Halbwachs (1990), deixa claro ao desenvolver sua teoria psicossocial que lembrar não é reviver, lembrar está muito mais ligado as práticas de refazer, reconstruir, repensar, pegando as imagens e ideias de hoje. Agora chegamos ao ponto da discussão sobre as diversas versões encontradas nos depoimentos coletados na cidade de Campinas do Piauí. Como observamos em Halbwachs, o que caracteriza a busca pela reconstrução das lembranças são elementos auxiliares, tais como as narrativas, os testemunhos, as confidências repassadas pelas pessoas, que permite pensar como foi o passado.

Pois, as memórias sociais são maleáveis podendo sofrer variação de um lugar para outro, de um grupo para outro e, estão suscetíveis a mudanças de acordo com o passar do tempo. Dessa forma, é preciso analisar os critérios de seleção, pois, é o caráter seletivo que torna a memória social suscetível a sua maleabilidade. Nos relatos orais feitos em Campinas podemos observar esse aspecto quando questionamos várias pessoas que, por sua vez, mostraram pontos de vista diferentes sobre um mesmo fato. As entrevistas foram feitas com alguns dos moradores mais velhos da cidade, que em sua maioria tiveram parentes que trabalharam na fábrica na época de seu funcionamento.

Ao entrevistar Maria de Jesus Carvalho¹⁶ uma das moradoras mais antigas da cidade, ao ser questionada de onde era o engenheiro, Antônio José de Sampaio, ela responde que veio da Europa. “Veio uns engenheiros para cá, um era doutor Modrach, o outro era doutor Sampaio, vieram todos dois da Europa”.¹⁷ Ao longo do seu relato, a mesma demonstra que a história da fábrica foi algo grande e repentino ao mesmo tempo, tendo a ação de dois sujeitos que vieram de longe para construir uma fábrica que funcionava fabricando manteiga e queijo.

¹⁵ HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffer. São Paulo: Vértice, 1990. p.91.

¹⁶ Maria Jesus de Carvalho, nasceu em um interior próximo a cidade de Campinas quando ainda era povoado em 11 de agosto de 1937. Quando ainda era criança, por volta dos seus oito anos foi visitar a fábrica com seu primo Lourival Mendes que trabalhava no escritório da indústria. Depois de adulta e se casar foi morar com seu marido Luís Clementino Gomes na cidade de Campinas, mas nessa época o prédio já teria sido desativado. *Depoimento concedido a Camila Carvalho Moura Fé, Campinas, 2017.*

O senhor Evilásio Jesuíno da Silva¹⁸ outro entrevistado sobre a fábrica de laticínios não menciona em seu relato o nome de Antônio José de Sampaio, ressalta apenas o nome Modrach, como sendo quem construiu e administrou a fábrica: “meu pai contava que ela foi inaugurada antes dos anos 1890, quem veio construir a fábrica foi o engenheiro, Dr Modrach”.¹⁹ Quando questionado durante a entrevista sobre Antônio José de Sampaio ele diz que não há a existência desse sujeito, pelos menos não que ele se recorde e ainda acrescenta que se ouvimos em outros relatos informações diferentes não seriam verdadeiras.

Característica importante da memória coletiva é o caso de que os grupos selecionam determinados fatos e acontecimentos em detrimentos de outros, com isso é possível chegar a uma compreensão de que essa seleção ocorre de acordo com o que o grupo estabelece com o que é importante. A memória social age de acordo com os grupos que exercem maior poder na sociedade e que impõem o que será memorável. Dito isso, duas questões se colocam nesse quadro, a primeira é que no depoimento do senhor Evilásio Jesuíno da Silva percebemos que ele tenta deter qualquer outro tipo de informação sobre a história da fábrica diferente da dele, impondo de uma forma aquilo que para ele é a verdade dos fatos. A segunda questão é a de que a figura do engenheiro Alfredo Modrach reaparece com muita frequência o que explica a importância para os grupos da sua presença naquela época.

Alfredo Modrach, um engenheiro alemão que a convite de Antônio José de Sampaio ajudou-o na projeção da planta da fábrica de laticínios. Modrach, foi também responsável pela edificação do Teatro 4 de Setembro, na cidade de Teresina do Piauí. O mesmo viveu no Brasil até a sua morte em 1939, na cidade do Rio de Janeiro e sempre atuou como engenheiro.²⁰ A presença de Alfredo Modrach marcou as lembranças dos operários da fábrica, haja vista que, que o engenheiro tinha atitudes rígidas e um temperamento bastante incisivo entre os trabalhadores, o que pode explicar porque sua imagem predominou no processo das lembranças que foram sendo transmitidas às gerações posteriores. Bem como frisa Maria

¹⁷ CARVALHO, Maria de Jesus. Depoimento concedido a Camila Moura Fé. Campinas do Piauí-PI, 08 out. 2016.

¹⁸ Evilásio Jesuíno da Silva nasceu no município de Oeiras em 2 de fevereiro de 1945. Seu pai e seu avô trabalharam na indústria na parte administrativa, ambos foram grandes fazendeiros tendo uma grande demanda de gados na cidade o que reflete na vida do depoente até os dias atuais pois, ele é um dos principais comerciantes da cidade. *Depoimento concedido a Camila Carvalho Moura Fé, Campinas, 2017.*

¹⁹ SILVA, Leônidas Rêgo. Depoimento concedido a Camila Carvalho Moura Fé. Campinas do Piauí-PI, 08 out.2016.

²⁰ VILHENA, Marcos Aurélio de. **Voo de Ícaro**: tensões e drama de um industrial no sertão. Teresina, 2006

Jesus de Carvalho, “minha mãe dizia que ele era terrível, botava o povo para trabalhar e ele ficava ali com um guarda-chuva fazendo vigilância”²¹.

O depoimento de Maria do Socorro Alves Moura, percebemos que está já apresenta uma outra versão, a sua fala demonstra uma certeza de detalhes em que seria Antônio José de Sampaio o principal idealizador da construção da fábrica e que Modrak apenas teria lhe ajudado no projeto e assim tenta transmitir o seu relato repassando os fatos sobre quem construiu fábrica e de onde era, no relato a seguir mostra em seu depoimento que:

Sampaio, era piauiense, de Regeneração, o doutor Modrak é que era de fora. Meu avô trabalhou lá na desnatadeira. A primeira fábrica de laticínios do Nordeste foi aqui, porque por aqui tinha muitos rebanhos, muitas cabeças de gado. Aí ele trabalhou lá na fábrica por muito tempo fabricando leite. Lá fabricava só manteiga e queijo. Aqui fazia parte das fazendas nacionais, pertencentes ao Estado.²²

Maria do Socorro Alves Moura, além de ter tido um avô que trabalhou na antiga indústria, também foi umas primeiras professoras de Campinas do Piauí, entre as décadas de 1960 a 1970. A fábrica sofreu diversos usos ao longo tempo um deles foi funcionando como escola, a primeira da cidade. Quando a depoente foi questionada sobre como sabia de tantos detalhes sobre a história da fábrica e da vida de Antônio José de Sampaio, a mesma respondeu que pesquisou sobre a história, lendo em alguns livros e perguntando a pessoas mais velhas. Ainda mostrou um pequeno acervo em seu quarto que produziu com recortes de fotos e jornais sobre a fábrica. Percebemos, deste modo, que a ação da depoente se firma na busca da reconstrução da memória.

Essa busca pela construção da memória expressa a memória em disputa de forma bastante predominante no processo de construção da memória sobre a indústria de laticínios. As memórias subterrâneas surgem no momento conveniente para reivindicar as lembranças que sofreram supressão ou repressão, se colocam na vontade de estabelecer laços de pertencimento. Sabendo que a memória oficial é quem se encarrega de eliminar os rastros indesejados do passado e, assim determina o apagamento ou esquecimento dos acontecimentos que não lhe convém, apesar de dominante essa memória, ela não é perene.²³ Isto é, uma vez que, a memória censurada é rompida em algum momento “as memórias

²¹ CARVALHO, Maria Jesus de. Depoimento concedido a Camila Carvalho Moura Fé. Campinas do Piauí-PI, 08 out.2016.

²² MOURA, Maria do Socorro Alves. Depoimento concedido a Camila Carvalho Moura Fé. Campinas do Piauí-PI, 08 de out 2016.

²³ POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio.** (Tradução de Dora Rocha Flaksman). Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989.

subterrâneas conseguem invadir o espaço público, reivindicações múltiplas e dificilmente previsíveis se acoplam a essa disputa da memória”.²⁴

Dessa forma, a persistência da depoente por uma construção da memória, evidencia a busca de um acontecimento que para ela é importante e, que remete aos sentimentos de identidade e pertencimento. Para Lucília Neves Delgado “[...] o processo da narrativa desperta no historiador o desejo de dar significado as experiências vividas, assim possibilita na construção do saber”.²⁵ Portanto, as falas dos entrevistados e suas diferentes versões devem ser analisadas afim de que possamos entender como ocorre o processo de construção da memória.

Através de registros da época, foi na freguesia de Nossa Senhora do Livramento, atual cidade de José de Freitas onde nasceu o engenheiro Antônio José de Sampaio, em 9 de abril de 1857, pelo que consta nos registros desse período. Sendo filho do capitão Antônio José de Sampaio e de Rosa Merolinda de Jesus.²⁶ Casou-se com Augusta de Franco Sá, mulher que desempenhou grande papel ao lado de Antônio José de Sampaio, na construção de seu empreendimento, bem como na organização de rendeiras na região para a produção ser vendida na Europa, garantindo a renda de mulheres pobres que pela primeira vez tinham uma forma de sustento naquela região onde predominava a pobreza.

Antônio José de Sampaio estudou a maior parte da sua vida na Europa, antes de estudar fora não se encontram muitos registros sobre sua vida. Somente quando retorna ao Brasil em 1882, é que começam a aparecer mais fontes de documentos, registros e recortes de jornais de sua vida, no Rio de Janeiro onde primeiro se estabeleceu depois de sua chegada e depois de sua atuação como arrendatário das Fazendas Nacionais no Piauí.

[...] Sampaio, somente reaparece nos registros, tanto na literatura quanto nos jornais consultados, quando de sua volta da Europa, tendo como única exceção, o texto de Ribeiro Gonçalves e da infância que ele idealiza para seu biografado. Tal ausência de registros não obscurece o fato de que esta primeira trajetória de Sampaio, no espaço de tempo entre sua saída da casa paterna e o retorno ao Piauí, possua uma grande significação histórica importante.²⁷

As diferentes informações contidas tanto nas fontes orais como nas fontes documentais demonstram o fato de como a maleabilidade da memória definiu a forma como transcorreu o processo de construção de memória da antiga indústria de laticínios. Se de um

²⁴ POLLAK, Michael, cit. p. 05.

²⁵ DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral- memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

²⁶ VILHENA, Marcos A.G. cit. p.38

²⁷ VILHENA, Marcos A.G. cit. p.30.

lado existe a versão de Maria do Socorro Alves Moura, que afirma a origem de Antônio José de Sampaio seria Regeneração do Piauí de outro lado as fontes existentes do período em que o engenheiro atuou como arrendatário das fazendas nacionais, mostram que o mesmo era da freguesia de Nossa Senhora do Livramento, onde atualmente fica a cidade José de Freitas, lugar do qual seus pais residiam.

Considerando-se o fato de que a memória social, como a individual, é seletiva, precisamos identificar os princípios de seleção e observar como eles variam de lugar para lugar, ou de grupo para outro, e como mudam com o passar do tempo. As memórias são maleáveis, e é necessário compreender como são concretizadas, e por quem, assim os limites dessa maleabilidade.²⁸

Antônio José de Sampaio não aparece na maioria dos registros da época o que tem relação direta com o quadro de conflitos políticos que se delineou em torno da construção da fábrica, uma vez que tais conflitos no passado contribuíram no presente para que a construção dessa memória ocorresse de maneira seletiva e maleável. Se são os grupos sociais que exercem maior predomínio na sociedade que determinam como os acontecimentos devem ser lembrados então deriva como consequência disso uma memória que sofre diversas mudanças ao longo do tempo.

Nesse sentido, as diferentes versões encontradas nos testemunhos e nos documentos oficiais representam a dupla noção de seleção e maleabilidade que ocorre no processo de construção da memória da fábrica de manteiga. Diferentes pontos de vista acerca de questões como quem construiu a fábrica, se foi Sampaio ou Modrach, seja o fato da origem do engenheiro Antônio José de Sampaio, se era brasileiro ou europeu, se era de Regeneração ou de São José de Freitas, são fatos que ao longo do tempo foram sofrendo variações de um grupo para outro.

As diferenças notadas nas falas dos entrevistados possibilitam as disfunções no processo de construção da memória. O filme *Os narradores de Javé*,²⁹ se encaixa perfeitamente para a análise dessa ideia. O filme conta a história dos moradores do pequeno vilarejo de Javé, que se encontram desesperados com o possível desaparecimento da sua cidade que daria lugar a construção de uma Hidrelétrica pelo Governo. Em forma de comédia o filme mostra o drama dos moradores de Javé que só conseguem encontrar uma única solução para o problema. A esperança para garantir a sobrevivência da cidade seria comprovar e submete-la a condição de patrimônio histórico. Para isso, a população teria de criar documento de “valor científico”.

²⁸ BURKE, Peter. Op. Cit. p. 81.

²⁹ *Narradores de Javé*, é um filme brasileiro, foi lançado em 23 de janeiro de 2003, em coprodução com a França de 2003, do gênero drama, dirigido por Eliane Caffé.

É então feita uma assembleia entre os moradores para estabelecer a história da fundação da cidade, afim de ser escrita e documentada. Desse modo, ficaria comprovado o valor histórico da cidade. É nesse momento que os moradores se reúnem que a trama do filme toma forma. Como a maioria da população de Javé eram analfabetos, a responsabilidade recai sobre Antônio Biá. Este, era o único entre os moradores que sabia ler e escrever, pois, era um ex-funcionário do Correio.

Antônio Biá começa a entrevistar e transcrever as falas dos moradores de Javé. As histórias vão se apresentando muitas vezes de maneiras confusas, contraditórias e fantasiosas, que por vezes podiam se complementarem ou se contraporem. Esse filme mostra a construção da memória na cidade Javé, a qual as pessoas vão ao mesmo tempo reconstruído sua identidade, através, tanto da oralidade como da escrita. Uma vez que, os moradores recorrem a Antônio Biá para escrever o documento.

Dessa forma, as histórias contadas pelos moradores de Javé seguem diferentes perspectivas. Ao passo que, as pessoas iam tecendo os acontecimentos percebe-se que estas vão criando histórias gloriosas, míticas, assemelhando as histórias de grandes países ou civilizações. Embora, os moradores tentassem sempre inferir legitimidade as histórias, de forma que levavam fotografias de antepassados, objetos pessoais, com isso os engenheiros da Hidrelétrica começam a filmar os depoimentos emocionados dos moradores. A construção narrativa é também movida pela sensibilidade, recordar o passado leva a reviver aquele momento.

Portelli, argumenta que as fantasias e mesmo os casos de transferência que aparecem nas estórias são importantes para a memória das pessoas. Deste modo, os fatos que as pessoas lembram ou esquecem seriam a substância da qual é feita a história. Esses fatos apenas sobrevivem se eles fazem sentido para as pessoas, e que por sobreviverem, tornam-se fatos históricos; consequentemente, não há fonte oral falsa. Portelli, salienta, ainda, que nós temos checado a credibilidade das fontes orais com todos os critérios adotados pela crítica histórica, aplicados para todo tipo de documento.³⁰

Ou seja, a pesquisa oral tem de ser analisada não visando em alcançar uma verdade, até porque não há fontes orais falsas, mas analisando as variações e alterações apresentadas nos depoimentos. Os relatos dos moradores de Campinas quanto a figura de Antônio José de Sampaio se apresentam de formas diferentes de uma pessoa para outra, ou de um grupo para outro, devido ao fato de que cada um recebeu informações diferentes ao longo do tempo, ao passo que a alteração da memória ia sendo feita pelos grupos. “O que interessa em História Oral é saber por que o entrevistado foi seletivo ou omissivo, pois esta seletividade tem o seu

³⁰ FREITAS, Sônia Maria de. cit.p.48

significado”.³¹ Dessa forma, podemos compreender as falas dos entrevistados sob aspectos emocionais, fictícios e voltado aos problemas sociais. Como evidencia a autora Sônia Maria de Freitas:

O essencial consiste em aprender a detectar o que não se está dizendo e a levar em consideração o significado dos silêncios durante a entrevista. Embora, em sua prática, o historiador oral depare-se com situações de trauma, comoção, fantasia, enfim, problemas humanos, ele não se utilizará de técnicas que são específicas da psicanálise para a realização de seu objetivo - que é o desenvolvimento mental dos indivíduos. O trabalho realizado pelo historiador oral visa o registro de experiências e representações do indivíduo inserido num contexto social.³²

De acordo a referente autora a História Oral está trabalhando cada vez mais com aspectos da subjetividade. Portanto, ao fazermos as análises das entrevistas com os residentes mais velhos da cidade de Campinas do Piauí é preciso levar em conta a subjetividade das falas dos entrevistados. No caso dos relatos dos moradores de Campinas do Piauí, as interpretações dos fatos sobre a memória da fábrica de laticínios em suas falas, vem de outras vozes, isto é, de pessoas outras, pessoas mais velhas, aquelas que lhes antecederam e que contaram as histórias da fábrica a sua geração. Isso é o que o Michael Pollak vai chamar de memória por tabela, “ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer”.³²

Em sua abordagem salienta que toda memória coletiva confere a um “trabalho de enquadramento”, em que são estabelecidas a construção de modelos de referência que comportam as fronteiras que definem a identidade dos grupos ou da coletividade.

Os relatos colhidos na cidade de Campinas-PI, em sua maioria, são caracterizados por experiências que não foram vividas diretamente, mas no imaginário das pessoas essas lembranças fazem parte de todo o grupo, e designa o sentimento de pertencimento. Dessa maneira, essa memória se coloca no plano da identificação dos acontecimentos por parte da coletividade. “É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada”.³³

Podemos dar outro exemplo dessa visão como o relato de Maria do Socorro Alves Moura, que lembra de histórias que ouviu durante muito tempo de sobre Augusta Franco de Sá Sampaio a esposa do engenheiro Antônio José de Sampaio, são lembranças que ficaram marcadas em sua memória, e por isso, até hoje é lembrada e contada. Ao que parece, Augusta

³¹ FREITAS, Sônia Maria de. cit.p.48

³² Idem, p. 35.

³² POLLAK, Micheal. Cit. p. 02.

³³ Idem, Ibidem.

tinha um piano, e as pessoas iam vê-la tocar, algo que já teria virado costume entre aqueles que moravam em Campos:

[...] ela tinha um piano que ficava na fábrica ou era na casa dela, não sei, só sei de uma história que um dia ela estava tocando piano e uns pajens dela, pessoas que viviam em redor dela disse que viram uma cobra muito grande debaixo do piano. Cascavel. Aí viram e chamaram ela “dona Augusta vem aqui” aí saíram, mataram a cobra e mostraram para ela que estava debaixo do piano... tem tudo a ver, que ela era pianista né? Talvez não tenha sido uma história criada, essa história deve ter ficado contada por eles. Aí mataram, monstruosa a cobra, dizem que tinha cobra demais naquele tempo, e que Sampaio dava cinco reais a quem chegasse com cobra morta na frente da fábrica, o pessoal matava as cobras e levava, chegava lá ele dava cinco mil reais. Que era para ver se acabava com as cobras que eram tantas. Eram muitas.³⁴

Ecléa Bosi (1994), acentua que as lembranças das pessoas idosas possibilitam uma história social mais definida, uma vez que, por sua carga de experiências já viveram em um tipo de sociedade que proporcionou o conhecimento de vivências vinculadas as esferas familiar e cultural, permitindo um amadurecimento da construção da memória.³⁵ O idoso não espera passivamente ser procurado para que suas lembranças sejam reavivadas, ele sai à procura das outras pessoas velhas, afim de interroga-las, assim como fez Maria do Socorro Alves Moura. O velho se empenha mais em saber do passado do que o adulto.

Sendo assim, é na narrativa dos idosos, sobretudo, que encontramos esse acúmulo de vivências e experiências que quando transcritos pelo entrevistador ajudam a formular melhor o objeto de análise. Entendemos que tanto as lembranças como os esquecimentos são essenciais para a construção histórica. Visto dessa forma as divergências são práticas naturais da fonte oral e, dessa maneira, não quer dizer que comprometa a credibilidade da fonte. Os aspectos divergentes nos testemunhos orais são as problemáticas centrais para compreender os aspectos simbólicos e imaginários que permeiam nas fontes orais.

Sabendo que a narrativa é baseada pelo processo seletivo é necessário entender sobre o fato de Antônio José de Sampaio ser raramente mencionado nos jornais da época, bem como o seu empreendimento, ou de se encontrar poucas fontes da época da fábrica, para assim entendermos porque sua história hoje é tão obscura. O contexto em que se dá a presença de Sampaio no Piauí é marcado por uma série de conflitos, uma vez que, suas ideias e concepções modernas inspiradas no modelo europeu bateram de frente com um sistema tradicional, no qual ainda predominava práticas rudimentares em relação a economia. Nesse cenário conturbado, caracterizado por um conflito entre modernidade e tradição Antônio José

³⁴ MOURA, Maria do Socorro Alves. Depoimento concedido a Camila Carvalho Moura Fé. Campinas do Piauí-PI, 08 de out 2016.

³⁵ BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. São Paulo: Cia das Letras, 1994, p.60.

de Sampaio, passara por uma série de obstáculos que farão o seu fracasso como administrador das fazendas nacionais.

Diante dessa perspectiva, podemos adiantar que o fracasso do empreendimento de Sampaio, está diretamente ligado a embates com grupos políticos locais. A memória coletiva, como apresenta Jacques Le Goff (1990), é tecida por grupos, classes que tem maior predomínio na sociedade em que estão inseridas. Portanto, o fator seletivo acontece quando tais grupos levam em consideração o que deve ser lembrado e como. Tais conflitos de cunho político podem explicar porque Antônio José de Sampaio é pouco exposto nos registros do período em questão. Ao que tudo indica sua presença causava um forte incômodo a elite piauiense, que por sua vez, irá articular a derrocada de Sampaio como administrador das Fazendas Nacionais.

Com os poucos registros sobre a passagem do engenheiro no Piauí, demonstra que o elemento da narrativa ao longo do tempo irá sofrer divergências sobre a vida de Antônio José de Sampaio. A transmissão da memória através da oralidade vai se fazer de pontos de vista diferentes de um grupo para outro na cidade de Campinas do Piauí, e, sobretudo, irá sofrer variações. É a própria ideia da maleabilidade que traz Peter Burke (2006), no qual a memória se modifica de acordo com o espaço e com o tempo.

As inconsonâncias nos relatos dos moradores de Campinas do Piauí, podem ser entendidas justamente por tal caráter seletivo que leva aos fatores de supressão e distorção da memória. Com as diferentes falas dos moradores da referente cidade percebemos que cada um tem uma lembrança diferente do outro, ou seja, a memória varia podendo apresentar divergências. É justamente a análise dessas divergências que compreendemos como o processo de distorções ocorre, é quando se há esse conflito de informações que buscamos entender como a memória é tecida entre os grupos sociais.

Na medida em que as pessoas entrevistadas elaboram os seus relatos, elas estão construindo e tecendo a própria história, estão elaborando e reelaborando as suas identidades. A memória que se tem do passado é sempre constituída de fragmentos, nunca de um relato detalhado e acabado. Esses fragmentos de passado são reunidos, ordenados e interligados no momento da narrativa; que narra lhes confere um sentido, o que é próprio da racionalidade. O historiador, quando redige a sua análise, faz exercício semelhante.³⁶

Os relatos orais representam a forma de privilegiar testemunhos de acontecimentos ou situações que foram completamente abandonadas. Nesse sentido, quando reavemos a história de pessoas e grupos que foram negadas, a historiografia se torna responsável por agir como portadora dessas

³⁶ BAAD, Joel Haroldo. **Princípios Metodológicos para trabalho com fontes orais**. Revista da UNIFEBE. Edição 1. jan/jul, 2013.

vozes, fazendo assim, com que este abandono seja denunciado perante a reconstrução da memória. A história se faz como um agente transformador. Tudo que resta é tornar as vozes dos conterrâneos de Campinas do Piauí ativas e coloca-las na construção da História.

2.1 Os conflitos políticos entre Antônio José de Sampaio e a elite piauiense: como a memória dominante age.

Em pleno sertão piauiense uma grande fábrica foi implantada, em meio a seca e a fome pela primeira vez essa situação mudaria a vida das pessoas que viviam na região. Os maquinários eram o que havia de mais moderno à época, seu funcionamento era o primeiro contato das pessoas com o mundo da industrialização, algo novo que certamente mudaria não só as relações de trabalho como mudaria a concepção que se tinha de trabalho. Antônio José de Sampaio, não poupou nem de sua fortuna, nem seus esforços para a idealização de seu empreendimento. Chegando com os maquinários até o porto de Colônia, onde ficava a freguesia São Pedro de Alcântara, foi preciso de um número muito grande de bois das fazendas para carregar os maquinários em enormes carrilhões estrada a dentro.³⁷ Muitos acabavam morrendo, Maria Jesus de Carvalho conta um pouco dessa experiência:

Meu avô paterno e meu avô materno, e uns tios aí perderam várias juntas de boi manso. Vieram só até Floriano, aí as vezes morriam e eles abandonavam e o Urubu era quem comia [...] veio uns engenheiros para cá um era doutor Modrak outro era doutor Sampaio, os dois vieram da Europa, parece. Não cheguei a ver eles. Mas minha mãe dizia, que doutor Modrak era desse tamaizinho (faz um gesto com as mãos), mãe disse que ele era terrível, botava o povo para trabalhar e ele ficava ali com um guarda-chuva observando.³⁸

O relato é um misto da lembrança que a mesma presenciou ainda quando criança aos oito anos, quando foi visitar a fábrica com seu pai e de histórias que escutou da sua mãe e de outras pessoas. Sua narrativa enfatiza muito mais a lembrança do que não viu. Os indivíduos ou grupos. “Sabemos que a memória, bem como o sentimento de identidade nessa continuidade herdada, constitui um ponto importante na disputa pelos valores familiares, um ponto focal na vida das pessoas”.³⁹ Os valores da família são fundamentais na vida das pessoas, em se tratando da memória, bem como do sentimento de identidade.

A disseminação da memória passa, portanto, das lembranças de outras memórias que são importantes na constituição de valores que conciliam a formação da identidade que o grupo coletivo deseja instituir. Nesse sentido, o fato da origem de Antônio José de Sampaio,

³⁷ VILHENA, Marcos Aurélio de. **Voo de Ícaro: tensões e drama de um industrial no sertão.** Teresina, 2006.

³⁸ CARVALHO, Maria de Jesus. Depoimento concedido a Camila Moura Fé. Campinas do Piauí-PI, 08 de out. 2016.

³⁹ POLLAK, Michael. Cit. p. 05.

ser tão confusa e vaga está relacionado a forma como os grupos queriam que fosse visto. Desde de sua chegada da Europa no Brasil a sensação que coloca Sampaio em primeiro momento é de *desenraizamento* de sua terra natal.

A ideia de desenraizamento, é bastante utilizada pelo autor Marcos Vilhena (2006), que recorre a este conceito para descrever como a volta de Sampaio ao Piauí causa essa sensação de deslocamento em relação a sua terra natal, uma vez que, ao voltar para casa se depara com o sistema tradicional fortemente entranhado. Sendo assim, a seguir esboçaremos dos conflitos políticos enfrentados por Antônio José de Sampaio, desde sua chegada no Piauí.

Ao manifestar suas ideias transformadoras aos criadores da região, por um lado é recepcionado com olhares e gestos de admiração, não seria por menos, sua educação e tamanha erudição causava encantamento entre a população de Campos. Por outro lado, ao divulgar suas ideias transformadoras “Sampaio já parece ser encarado como espécie de elemento desestabilizador da rotina secular e atrasada do setor econômico produtivo”.⁴⁰

Antônio José de Sampaio representaria, então, uma ameaça contra a rotina habitual e atrasada de uma elite agrária essencialmente absenteísta e pouco ativa que nada fazia para mudar a situação do lugar em que viviam, acomodada ao paternalismo do Estado. Desde de sua chegada, iria sempre ser visto como um visitante, que uma hora ou outra voltaria para o lugar de onde veio. Então, quando Sampaio volta a sua terra natal é tratado como um hóspede, sendo assim, o forte sistema tradicionalista dificultaria a implantação de seus projetos voltados para a transformação do Estado.

De acordo com Marcos Vilhena (2006), Antônio José de Sampaio não encontraria em sua própria casa intermediadores que pudessem juntar-se a ele na construção de seu projeto. Não encontraria em meio a elite pessoas que pensassem no compasso da sua mentalidade moldada por ideias científicas e positivistas advindas dos seus estudos na Alemanha e na Suíça, dois países que estavam ganhando credibilidade intensa quanto ao avanço da tecnologia e da industrialização. Dessa maneira, o engenheiro volta para o Rio de Janeiro, onde primeiro se estabeleceu quando chegou da Europa em 1882, afim de encontrar quem o ajudasse nos planos de seus projetos vinculados a ações transformadoras.

No Rio de Janeiro, o que Antônio José de Sampaio pôde observar é que a própria capital do império também se mostrava ultrapassada, se decepciona ao perceber que a realidade que presenciava no Brasil estava longe daquilo que vivenciou na Europa. em 1883 após fixar residência na capital foi nomeado como professor da Escola Politécnica do Rio de

⁴⁰ VILHENA, Marcos Aurélio de. **Voo de Ícaro**: tensões e drama de um industrial no sertão. Teresina, 2006.

Janeiro, também atuou como conferencista, onde despertou certa admiração de D. Pedro II.⁴¹ Todavia, Sampaio sentiria uma grande sensação de angústia e desconforto ao perceber que os laboratórios de pesquisa eram bastante extremamente precários. Logo, essa situação tornou a preocupação de Sampaio em seus problemas mais latentes. Pois, havia uma tudo de colocar todo seu conhecimento em prática, tudo que havia aprendido nos anos que estudou na Europa, era o que norteava seus sonhos e objetivos durante toda sua trajetória.⁴²

Em 1889, essa ocasião chegaria quando Antônio José de Sampaio assina o contrato de arrendamento das fazendas nacionais do Piauí. Nesse contrato havia uma série de exigências impostas pelo governo que seria uma tentativa de tornar possível o desenvolvimento material das Fazendas Nacionais, que até esse momento se encontrava em constante desordem administrativa, tendo em vista que, a maioria dos administradores que antes estiveram no encargo das fazendas não souberam administrar as terras, o que na época gerou inúmeras polêmicas. Nesse contexto, o contrato de arrendamento continha cláusulas que expressavam uma certa imposição de repassar para Sampaio “a responsabilidade de promover, em menos de uma década o que o governo fora incapaz de realizar em 67 anos em que administrou as Fazendas Nacionais”⁴³.

Nas exigências do contrato, que foi assinado no dia 26 de abril de 1889, continha questões como: organizar um ou mais núcleos coloniais formados por estrangeiros, o desenvolvimento do gado em grande escala, montar um estabelecimento para a fabricação de queijo, manteiga, leite condensado, montar uma estação meteorológica para análises da região.⁴⁵ Pelo próprio contrato Antônio José de Sampaio, é obrigado construir um estabelecimento capaz de desenvolver a produção da economia da região, ressaltando que todas essas exigências teriam que ser as custas do próprio arrendatário. Pouco tempo antes de Sampaio, outros sujeitos quiseram arrendar as fazendas, mas quando se deparavam com a série de requisitos das cláusulas do contrato desistiam, pois não tinham disposição para cumprir todas exigências feitas pelo governo.

As numerosas exigências contidas no contrato não seria um empecilho para Sampaio, na verdade no contrato já havia muito dos seus desejos em mente, um deles era o de construir um estabelecimento que abarcasse não só as necessidades do contrato, iria além visto que a idealização de um empreendimento similar ao modelo suíço comportaria adequadamente nas

⁴¹ Idem, p. 66.

⁴² VILHENA, Marcos Aurélio de. **Voo de Ícaro: tensões e drama de um industrial no sertão**. Teresina, 2006.

⁴³ Idem, Ibidem.

⁴⁵ Idem, Ibidem.

terras arrendadas, as fazendas tinham um relevante condicionamento ao desenvolvimento de agroindústrias, segundo um minucioso estudo técnico e científico feito pelo engenheiro das fazendas nacionais. Antônio José de Sampaio parte para a elaboração de um projeto que transformaria toda a região não somente do ponto de vista econômico como também pelo lado social quando garantiria a forma de sustento das pessoas daquela região, pois ainda predominava mão de obra escrava. Portanto há uma mudança nas relações de trabalho.

Após a instauração da República o Brasil passa por uma transição do trabalho escravo para o trabalho livre. Essa substituição acontece a partir do momento em que se toma como uma necessidade que advém de um processo histórico referente as mudanças de formas de trabalho que sugere novas condições emergentes do trabalho assalariado que é característica fundamental para o desenvolvimento do sistema capitalista de produção.⁴⁴ Em relação a essas mudanças nas relações de trabalho a autora Joyce Nunes de Moura (2013) que trabalha sobre sociabilidade e interação entre operários da fábrica de laticínios em Campinas do Piauí salienta que a participação dos negros, ex-escravos ou seus descendentes ocorreu de maneira predominante na cidade de Campinas-PI,⁴⁵ até porque o projeto previsto no contrato tinha que incluir a participação destes na produção direta dos laticínios ou no fornecimento do leite, em consequência da Lei do Ventre Livre.

No contrato de arrendamento as fazendas que ficariam para administração Antônio José de Sampaio integrava as doze fazendas do departamento Canindé e as cinco do estabelecimento rural de São Pedro de Alcântara, com todo o gado e edificações existentes nas dezessete fazendas, então subdivididas em 24.⁴⁶ O contrato estava previsto para durar nove anos, Sampaio se teria que pagar uma quantia de 20 contos de réis anuais, obrigando-se o governo a vender todo o patrimônio ao arrendatário ao final do contrato, por quatrocentos contos de réis.⁴⁷

Um periódico encontrado de 1892 do jornal, *A Legalidade (PI)*, menciona o fato de Antônio José de Sampaio ser atacado por outros jornais da época, como a *Gazeta* e o *Piauí*, que publicavam notas que expressavam fortemente a dúvida quanto a Sampaio executar uma boa administração nas fazendas, justamente por conta das cláusulas impostas pelo governo.

⁴⁴ CONSENTINO, Daniel do Val. **A Transição do Trabalho Escravo para o Trabalho Livre e as Raízes das Desigualdades Sociais no Brasil** p. 02 Disponível em: http://www.economia.unam.mx/cladhe/registro/ponencias/448_abstract.pdf. Acesso em: 20 de Janeiro de 2013.

⁴⁵ MOURA, Joyce de Nunes. **Sociabilidade e integração entre operários da fábrica de laticínios de manteiga puro leite, em Campinas do Piauí: retratos de uma época de 1897 a 1945.** 82p. Monografia (licenciatura plena em história), UFPI-PICOS, 2013.

⁴⁶ Idem, Ibidem.

⁴⁷ VILHENA, Marcos Augê. Cit. p. 65.

Mas, o jornal em questão entra em defesa de Sampaio, ressaltando seu prestígio e tudo que já estava fazendo nas terras, quanto a seu trabalho nas fazendas:

O contrato do dr. Sampaio foi firmado ainda no governo monarchico e pelas suas clausulas duvidava-se até da sua exequibilidade, e taes eram as vantagens que offerecia o contractante que tinha-se como certo o prejuízo do arrendatário.

Entretanto, com trabalho methodico, seguro e econômico, que dá em resultado a produção e sobre tudo escrupulosamente, executava o dr. Sampaio os seus deveres quando foi inopinadamente chamado no Rio de Janeiro pelo governo central. O contracto do dr. Sampaio conta mais de três anos e a << Gazeta do commercio >> já fez seu primeiro anniversario. Porque com o patriotismo que a cacterisa não tratou mais cedo de tão magno ajsumplo e só agora achou vasa para atacar a honorabilidade e proficiência do dr. Sampaio?

E o << Piahy >> porque só agora acordou do seu sonno indiferente e pesado?

Não parecerá isto uma cousa mandada, um plano devidamente concordado?

Deste facto resulta uma triste e dura verdade – o Estado do Piahy de pobre que era, esta reduzido a miséria pelo capitão Cariolano e seus accessores.

Estes são insaciáveis, pedem, exigem mais e é preciso fazer entre eles o inventario das fazendas nacionnaes ultima presa e por isso mesmo geralmente cobiçada.

E' ociosa este rebuço de moralidade!

O capitão não rasgou impune e desasombadamente e a constituição piauyense? Continua, pois, a sua obra de destruição, mandando publicar no órgão official a partilha dos gados.

Tantas cabeças para o <<generalíssimo >> tantas para o sr Paz, tantas para este, tantas para aquelle.

E' mais sunimario o processo e mais moralizador⁴⁸.

A explicação aos ataques a Sampaio está explícita na própria nota do jornal citado. Algumas figuras ligadas a elite local queriam, também, usufruir dos gados e das terras, dessa forma através dos jornais atacavam a credibilidade de Sampaio. Com isso, o jornal *A legalidade* faz uma crítica confirmando que aqueles ataques se davam pela cobiça dos grupos de fazendeiros poderosos em relação as fazendas nacionais. Através da leitura desses jornais, fica claro a previsão de como se encaminharia a trajetória de Sampaio, tendo em vista que os conflitos em torno do engenheiro e do seu projeto apenas se iniciava em um nebuloso cenário antagônico.

Depois de seis meses após a assinatura é que o governo inicia a entrega do patrimônio com todos os imóveis e gados. Em 1891, surge o primeiro conflito direto a Sampaio, que envolvia com o a rescisão do seu contrato, acontecimento esse arquitetado pelo procurador fiscal do Estado, o qual argumentava que o arrendatário estava fazendo uso do patrimônio sem ter pago a primeira parcela prevista pelo contrato desde 1889. Contudo, o engenheiro produz um dossiê analisando todas cláusulas do contrato e prova que “a primeira prestação do arrendamento somente deveria ser efetivada depois que estivesse o contratante em plena posse

⁴⁸ **A Legalidade (PI)**, Teresina. Ano 1, n.18, 7 maio. 1892.

e gozo de todo o patrimônio arrendado”.⁴⁹ Sampaio só tomaria plena posse em 1891, assim prova que a rescisão tomada contra ele havia sido injusta.

No dia 9 de abril de 1897, é inaugurada a Fábrica Puro Leite dos Campos, sediando os equipamentos mais modernos que existia para a época, fabricando a “manteiga puro leite das Fazendas Nacionaes do Estado do Piauhy”, como está escrito nas latas de manteiga que ainda se encontram algumas intactas com os moradores de Campinas (PI) até hoje, guardadas pelos mais velhos que se empenharam em manter esses objetos. Assim, lembra Maria Jesus Carvalho, em seu relato: “era uma manteiga tão boa, que como aquela não se faz mais”⁵⁰.



Figura 01: Fábrica de Laticínios Puro Leite em Campinas do Piauí (sem data)

Fonte: Acervo Museu Ozildo Albano.

A imagem mostra a fábrica de laticínios e podemos observar que sua estrutura era composta de dois andares, ocupando uma área de aproximadamente oitocentos metros quadrados, a sua divisão estava distribuída em vinte e seis compartimentos, alguns estavam destinados ao funcionamento da funilaria, fabricação de gelo, uma serraria e uma estação meteorológica. A fábrica de leite era abastecida por todo gado das fazendas, pela manhã a fábrica recebia os galões de leite, para assim dar início a fabricação da manteiga. O senhor José Belém de Sousa, último operário vivo, em seu relato conta que primeiro era retirado a gordura do leite, depois desse processo o leite magro era jogado fora. O leite magro escorria por todo reservatório que saía da fábrica.

⁴⁹ VOLHENA, Marcos. Op. Cit. p.78.

⁵⁰ CARVALHO, Maria de Jesus. Depoimento concedido a Camila Moura Fé. Campinas do Piauí-PI, 08 out. 2016.

Para a construção da indústria o próprio Antônio José Sampaio foi pessoalmente a Europa em 1894, para adquirir os maquinários, contratou profissionais especializados para a montagem dos materiais. Transportados por navios da Europa até a cidade de Parnaíba, depois foi movido em barcas movidas a vapor até o porto da Colônia de São Pedro de Alcântara, atual cidade de Floriano.

No percurso da viagem foi preciso construir uma ponte “sobre o rio Itaueira, para dar passagem aos carrilhões puxados por bois”.⁵¹ Foi necessário abater o gado e estender o couro sobre a estrada, a fim de facilitar a passagem do pesado material que seguia arrastado.⁵⁴ Dessa forma, após o trajeto dos maquinários e a montagem Sampaio teria que se construir uma colônia de imigrantes, como estava estabelecido no contrato. Com a construção da colônia os italianos viriam para o Piauí para trabalhar na indústria, no entanto pouco tempo depois da chegada desses imigrantes teriam entrado com pedido de repatriação, o que se transformou em uma revolta. Esse fator desencadeou um grande conflito, que abalou a administração de Sampaio nas fazendas nacionais, pois foi apontado como irresponsável pelas autoridades que temiam que o ocorrido causasse repercussão em todo o país.

O incidente da repatriação abalaria a atuação de Antônio José de Sampaio como arrendatário das fazendas nacionais, porém, esse ocorrido não foi a única razão para o seu desmoronamento em quanto administrador das fazendas. Após nove anos da assinatura do contrato de arrendamento Sampaio já teria se afundado em um grande caos de dívidas, gastou toda sua fortuna na construção da fábrica, na compra dos maquinários e nas despesas com o transporte. Em razão de todos esses fatores Sampaio acaba perdendo seus direitos como arrendatário das fazendas nacionais, não recebeu sequer indenização pelas melhorias que proporcionou a região. “Os relatos sobre o episódio da falência mencionam a ação de políticos poderosos por trás do plano de destituir Sampaio do posto de arrendatário das fazendas nacionais, mas não existe referência direta aos nomes desses políticos poderosos”⁵².

Existe apenas um único relato, de Odeth Vieira da Rocha que cita o nome do marechal Pires Ferreira como novo arrendatário das fazendas nacionais, após a destituição de Antônio José de Sampaio⁵³. Em 1906 o engenheiro retorna para Rio de Janeiro e elabora um estudo intitulado, *A descrição geral do Estado do Piauí*, com o objetivo de conseguir apoio em outros lugares para reaver novamente seus direitos como administrador, esse apoio ele almejava alcançar através de autoridades de outros países sobretudo. No entanto, não consegue nenhum

⁵¹ VILHENA, Marcos. Op. Cit. p.24

⁵⁴ Idem, Ibidem.

⁵² VILHENA, Marcos A.G. cit.p.46

⁵³ NUNES apud ROCHA.

tipo de retorno, pois, tão logo morre, pobre e amargurado um ano após a publicação do seu livro aos 49 anos de idade. Assim a indústria de laticínios entra em total decadência. Uma vez que, os administradores que sucederam a Sampaio não deram continuidade no seu trabalho, retornando a tradicional rotina do sistema agrário.

Ao que tudo indica, grupos políticos estavam por trás da destituição de Antônio José de Sampaio. Tal ideia remete a discussão sobre como a memória é construída pelos grupos sociais que se articulam através das relações de poder. “Hierarquizam, segundo os interesses dominantes, aspectos de classe, políticos e culturais, etc.”⁵⁴. O caráter seletivo da memória se mostra de maneira mais clara quando observamos o interesse parcial de uma classe que definiria a memória, isto é a elite agrária do Piauí.

Os grupos políticos locais do Piauí da segunda metade do século XIX teriam articulado não só a destituição de Antônio José de Sampaio como arrendatário das fazendas nacionais, como também teriam feito com que o acontecimento da implantação de uma indústria que trouxe mudanças sobre as condições econômicas e sociais da Província fosse camuflado nas redes de comunicação da época.

Le Goff (1990), ratifica que os esquecimentos e os silêncios da história são elementos evidentes de manipulação da memória coletiva. Sendo assim, o autor traz a importância da transmissão oral, que é, por sua vez um mecanismo revelador dos atos de esquecimento. As memórias subterrâneas, por exemplo, se colocam entre esquecimento e a memória social, dessa maneira elas destacam as lembranças dos excluídos, daqueles abandonados da memória oficial.

Os relatos orais coletados dos moradores do município de Campinas do Piauí podem abranger ainda mais os discursos divergentes e diversos do qual a memória social constrói, é possível se observar isso quando os grupos coletivos, bem como grupos de moradores da cidade, como os idosos principalmente se identificam mais com certos acontecimentos que podem contribuir para a construção da memória da cidade. Maria de Socorro Alves Moura, relata como Antônio Sampaio deixou de ser arrendatário das fazendas nacionais:

Dizem que ele morreu pobre, desiludido e desgostoso, então a indústria foi desativada porque disseram que o leite não era mais suficiente, não tinha como abastecer mais gado, naquele tempo aqui não tinha roça, não tinha cerca, não tinha quase nada, era tudo desorganizado. É uma história grande, uma história bonita, uma história até triste para todos nós que moramos aqui.⁵⁵

⁵⁴ PADRÓS, Henrique Serra. **Usos da Memória e do Esquecimento na História**. Revista Literatura e Autoritarismo. Edição 4.

⁵⁵ MOURA, Maria do Socorro Alves. Depoimento concedido a Camila Carvalho Moura Fé. Campinas do Piauí-PI. 08 de out 2016.

Após seu fracasso, Sampaio voltaria para o Rio de Janeiro ainda acreditando que poderia reaver seus direitos como arrendatário e salvar seu empreendimento, que no momento estava nas mãos do seu primo Gervásio Pires, para sua decepção.⁵⁶ Quando tenta alçar mais um empréstimo no banco o que encontra é negação a seu pedido, tenta então buscar ajuda de outras pessoas para lhe apoiar na retomada das fazendas e da sua fábrica, mas não encontra nenhuma resposta positiva a seu favor. O banco havia lhe negado qualquer empréstimo, Odeth Vieira confirma que o Marechal Pires Ferreira juntamente com o conde Modesto Leal, ambos fazendeiros com alto poder aquisitivo, compraram sua dívida no Banco União e conseguiram fazer com que o governo desfizesse o contrato.

O arrendatário nomeado a partir disso foi Gervásio Pires Sampaio, comandante da marinha, sobrinho do Marechal Pires:

Os invejosos tramaram tudo. O Marechal Pires Ferreira fez-lhe uma proposta:
- Cubro sua dívida no Banco União desde que faça minha política no Piauí. O dr. Sampaio negou-se dizendo não ser político, apenas um engenheiro querendo fazer alguma coisa pela Terra.
Então, o marechal foi por detrás e junto com o conde Modesto Leal, comprou sua dívida no Banco União e conseguiu do governo o distrato do seu contrato, tomando-lhe assim as fazendas. Nomeou um novo arrendatário, o seu sobrinho, Gervásio Sampaio, comandante da Marinha. O comandante da marinha era primo e maior amigo do Dr. Sampaio. É como lá diz: parente tem dente e morde a gente.⁵⁷

Em 1905 a obra, *Descrição geral do Estado Piauí*, afim de conseguir o apoio de interlocutores de outros países já que no seu próprio lugar de origem não encontrava, entretanto, não houve tempo para haver algum retorno a favor da recuperação de seu empreendimento. Em 1906 Antônio José de Sampaio já com a saúde fragilizada, pobre e amargurado, falece. Apenas tendo ao seu lado sua esposa e companheira, Augusta Franco de Sá Sampaio.

O relato de Maria do Socorro Alves Moura, enfatiza a tristeza que é para ela a ver o prédio estar na situação que se encontra hoje, seu estado faz com que a história de Antônio José de Sampaio e da Fábrica Puro Leite sejam cada vez mais esquecidas. A construção da narrativa é pautada pelos aspectos emocionais que dizem respeito a uma lembrança muitas vezes carregada de magoas, isto posto, podemos aferir tais sentimentos a uma memória que mesmo reprimida não perdeu alguns de traços marcantes que retoma a história de Antônio José de Sampaio e a forma como levou seu fim.

⁵⁶ VILHENA, Marcos Aurélio de. **Voo de Ícaro: tensões e drama de um industrial no sertão**. Teresina, 2006.

⁵⁷ VILHENA, Marcos A.G. cit. p.84

Realmente, a questão agrária assume uma grande importância quando se procura identificar as razões do fracasso das experiências de Antônio José de Sampaio no período em que assumiu a condição de arrendatário e – segundo cláusula contratual – legítimo futuro proprietário de um imenso patrimônio agrário incrustado em parte significativa do território piauiense.

Não se encontrou, nos estudos históricos precedentes, ou mesmo em outro registro que mencionasse especificamente o malogro dos projetos de Sampaio, nenhuma referência a uma questão importante, no que diz respeito as relações de poder que se desenvolveram por trás do contrato de arrendamento entre o governo e Antônio José de Sampaio.⁵⁸

Essa questão está ligada a dois fatores tais como, a maneira como a posse de terras passou a ser considerada na metade do século XIX, o outro fator era a crise econômica que se deu bem no momento em que o Brasil passava por uma mudança política, bem como a proclamação da República, poucos meses depois do contrato já referido. Com isso, a questão agrária passa a ser um motivo constante de debate no setor político do país. Eis que a Lei de Terras surge no centro da preocupação com a situação que se colocava. “Decretada em 1850, essa lei determinou o fim das doações de terras públicas, estabelecendo que o único meio de aquisição das mesmas deveriam ser a compra”.⁵⁹

A Lei de Terras trazia uma nova concepção a questão da propriedade de terras, a concepção moderna do usufruto de terras. Antes as propriedades eram de domínio público, onde a terra era doada como forma de recompensa a serviços prestados pela Coroa, então o uso das terras estava a serviço de interesses particulares ou a oligarquias. Na concepção moderna, após a mudança de regime político do país, as propriedades passam a representar, na visão moderna, prestígio social e poder econômico. O conflito da assinatura do contrato de arrendamento por Antônio José de Sampaio toma proporções, ao passo que o contrato foi assinado no momento de transição política que teve o golpe como cenário destituindo a monarquia e inaugurando o regime de governo republicano.

Algumas vagas referências sobre Antônio José de Sampaio o mencionam como um sujeito que não tivesse interesse na política local, entretanto, essa informação contraria a existência de alguns indícios encontrados sobre esse fato. A criação do Partido Republicano Federal convida Sampaio para prestar para se juntar ao partido por meio de uma nota publicada no jornal *A Democracia*, criado pelo PRF para a divulgação de suas ideias. Nessa nota consta ainda o convite a Antônio José de Sampaio para “atuar como colaborador no novo periódico”.⁶⁰ Quando partido obtém a resposta do engenheiro de imediato é publicado no jornal com a

⁵⁸ VILHENA, Marcos A.G. cit.p.142

⁵⁹ VILHENA, Marcos A.G. cit.p.126.

⁶⁰ VILHENA, Marcos A.G. cit.p.149.

aceitação de José Sampaio, colocando em destaque a notícia, o que demonstra como sinônimo do prestígio intelectual do cientista.

O jornal *A Democracia* rompeu oficialmente com o então governador do Estado, Gregório Thaumaturgo de Azevedo, a partir do número 6. Esta edição traz um editorial intitulado, “Nossa atitude”, desferindo ataques ao governador. A partir de então, os ataques passaram a dominar todas as edições do jornal, dividindo espaço com a publicação de trechos do texto provisório da Constituição.⁶¹

O Partido republicano Federal, contava com principais lideranças como Teodoro Alves Pacheco, João da Cruz e Santos (Barão de Uruçuí) e Joaquim Nogueira Paranaguá, estes eram em nível local. Já em nível Federal figurava o nome de Antônio Coelho Rodrigues (presidente do partido e ex-conselheiro do império), era destaque em forte oposição, o grupo, então, que fez a destituição de Gregório Thaumaturgo, assim Joaquim Nogueira Paranaguá que depois foi substituído por Gabino Suzano de Araújo, eleito pelo governo provisório.⁶²

No decorrer do governo de Deodoro da Fonseca, o grupo do PRF comandou o controle da política piauiense. No entanto, com a queda de Deodoro e a ascensão de Floriano Peixoto o chefe do partido Coelho Rodrigues perde força, ao mesmo tempo em que outro partido ganha força, assim, é assistido a ascensão do marechal Firmino Pires Ferreira, que assumiu o papel de líder político do mais poderoso grupo oligárquico do Piauí. Pires Ferreira, na circunstancia de adversário do grupo, indica que realmente poderia ter sido responsável, pelo golpe que resultaria na destituição de Antônio José de Sampaio.⁶³

Ainda é preciso ressaltar que Antônio José de Sampaio não foi o único envolvido na compra das fazendas nacionais, há informações de jornais da época que contraria a ideia de ter sido vinculado como sendo o único arrendatário das fazendas nacionais, ao menos momentaneamente, Sampaio não foi o único envolvido. Antônio José de Sampaio, propõe ao governo em 1891, a antecipação da compra das fazendas nacionais, cláusula negociada por ele e pelo governo no contrato de arrendamento no qual estipulava que após nove anos de contrato Sampaio teria plenas posses das fazendas, então, só seria previsto para acontecer em 1898.

Contudo, pouco tempo depois que pede adiantamento uma petição foi elaborada e apresentada ao governo Federal, em nome de um determinado grupo de representantes do

⁶¹ VILHENA, Marcos A.G. cit. 152.

⁶² Idem.

⁶³ VILHENA, Marcos Aurélio de. **Voo de Ícaro: tensões e drama de um industrial no sertão**. Teresina, 2006.

Estado Piauí que se dirigida ao ministro da fazenda procurando intervir por Antônio José de Sampaio, em proveito das suas intenções.⁶⁴

Sobre os representantes que impuseram tal ação a favor de Antônio José de Sampaio, estão dentre os vários nomes Theodoro Pacheco e Pires Ferreira, dois nomes que não por coincidência constam na lista do Partido Republicano Federal. Portanto, podemos perceber que ao longo da trajetória de Antônio José de Sampaio como arrendatário das fazendas nacionais, construiu-se em seu redor um grupo de aliados forte. Depois dessa análise em relação ao contexto político no qual se formou, é necessário discutir sobre a questão da crise econômica, tendo em vista que o golpe que destituiu o regime monárquico e instaurou o regime republicano, gerou uma forte crise econômica, conhecida como *encilhamento*, o que provocou uma série de falências no país. Dessa forma, com a desvalorização da moeda, a aquisição de terras se tornou o escapamento para a crise⁶⁵.

Assim começa a cobiça pelas terras das fazendas nacionais, Antônio José de Sampaio seria o alvo certo para que os interesses se voltassem para ele, no sentido de uma aproximação com intenções certas do valor que ele tinha ao ser o futuro dono de um grande número de terras no Piauí. Aí está o porquê do interesse de tais grupos políticos a favor de Antônio José de Sampaio em sua proposta de antecipação sobre a compra das terras, perante o contrato. Porém, a aliança por parte de Sampaio era uma estratégia para conseguir novamente o direito de arrendatário das fazendas, já que foi destituído por conta do processo de uma colônia de imigrantes italianos que pediram repatriação. No entanto, Antônio José de Sampaio se vê sozinho ao perceber que a aliança que se formou junto a ele não o ajudariam.

Enfraquecido financeiramente, Sampaio se tornou presa fácil para quem alimentava algum tipo de ambição sobre as fazendas nacionais. Em 1902 figurava como arrendatário o Banco Hipotecário e em 1904 o contrato de arrendamento foi transferido para a Companhia de Amparo Industrial assumindo o posto de administrador o tenente da marinha Gervásio Sampaio Pires Ferreira [...] ⁶⁶.

O nome mencionado faz referência ao primo de Sampaio e sobrinho do marechal Firmino Pires Ferreira. Em 1906, Antônio José de Sampaio volta ao Rio de Janeiro e escreve sua obra *A Descrição Geral do Estado do Piauí*. Quanto a sua indústria e as fazendas nacionais, novamente volta ao sistema tradicional. A fábrica faliu, pois, o novo arrendatário voltou sua atenção a extração e exportação da maniçoba, que não durou muito tempo, cedendo assim a indústria para outros arrendatários ao longo dos anos seguintes.

⁶⁴ Idem, Ibidem.

⁶⁵ Idem, Ibidem

⁶⁶ VILHENA, Marcos A.G. cit.p.153

Só em 1934 é que a fábrica volta a funcionar novamente, por determinação de Landri Sales, interventor do Estado na época. Reativada voltou a produzir não só manteiga, como também se dedicou a cera de carnaúba, a produção de algodão e do arroz, nesse mesmo ano a indústria receberia energia elétrica. Ainda em 1935 foi contratado um técnico suíço para a produção de manteiga, Charles André Fevre, a partir de então a manteiga receberia o nome “Dr. Sampaio”, em sua homenagem.⁶⁷

Exposto esse contexto sobre o qual se coloca os conflitos de cunho político entre a elite agrária do Piauí com Antônio José de Sampaio, foi possível observar que os grupos políticos se aliariam a Sampaio em um primeiro momento, movidos por interesses, uma vez que esses grupos queriam abocanhar a fortuna que estava se formando com as fazendas nacionais. Sampaio se tornaria um grande proprietário de grande parte de terras no Piauí, o que o torna alvo de grupos políticos.

A implantação da indústria de laticínios seria a experiência de um projeto privado precursor no Piauí, a iniciativa de Antônio José de Sampaio se desprendia do paternalismo do Estado, uma vez que promoveu práticas como a formação de uma colônia de imigrantes, abrir estradas e na instalação de aparelhos meteorológicos. Todavia, embora Sampaio tenha representado os ideais de ciência e progresso, sua trajetória foi marcada pela inconstância, pela sensação de deslocamento que encontrou em sua terra natal. Dessa forma, com a estagnação da indústria, as fazendas retomam o sistema tradicional e assim, com a morte de Sampaio sua memória começa a se construir de forma vaga e confusa.

“É importante fazer a pergunta: quem quer que quem lembre o quê e por quê? De quem é a versão registrada ou preservada?”.⁶⁸ Os entraves políticos que marcaram o percurso do projeto industrial em Campinas do Piauí explica como o processo de construção da memória foi se formando ao longo do tempo. Os grupos políticos articularam o declínio não só de Sampaio como também o seu projeto industrial e as conseqüentes melhorias para o Estado, no que diz respeito ao desenvolvimento material da Província. A compreensão que se extrai desse contexto é o interesse pela disputa de terras e de poder sobrepondo-se aos interesses em desenvolver de maneira concreta a região. Isto posto, podemos observar que a memória é construída através dos grupos sociais que exercem maior influência na sociedade, bem como os grupos políticos atuaram em Campinas do Piauí.

Guiado pelo conhecimento técnico e científico do pensamento positivista alemão, assumido na forma de progresso econômico, voltado a produção de indústrias pastoris.

⁶⁷ VILHENA, Marcos Aurélio de. **Voo de Ícaro**: tensões e drama de um industrial no sertão. Teresina, 2006.

⁶⁸ BURKE, Peter. cit.p84

Antônio José de Sampaio demonstra o retrato político do Piauí quando mostra que a região suportava melhor até mesmo que países como Austrália e Argentina, o desenvolvimento de indústrias de porte, mas esse desenvolvimento não ocorria por haver uma elite agrária essencialmente absenteísta, mais interessada em disputas políticas, do que no enriquecimento da Província.

Barão de Mauá, teve um papel importante na história econômica e política do Brasil, sua trajetória se assemelha muito com a do engenheiro, Antônio José de Sampaio, por serem dois sujeitos que pensavam o desenvolvimento para o país a partir de grandes percepções vivenciadas do mundo europeu, que norteava para um único ponto: o desejo de progresso. É interessante fazer essa analogia, uma vez que são duas histórias que se convergem mostrando muito do retrato das elites brasileiras e a forma como estas dominavam o cenário político e, conseqüentemente a construção da memória oficial, de forma a manipularem a memória de acordo com seus interesses, [...] “a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder”⁶⁹.

Na metade do século XX, a cidade do Rio de Janeiro, capital do Império, ainda tinha formato de um vilarejo, a noite o cenário das ruas se caracterizava pela escuridão e pela marginalização, no entanto, essa situação passaria por grandes mudanças na primeira capital. “A velha cidade colonial ganha as primeiras marcas do progresso, impressas pelo barão de Mauá: vapores singram as águas, surge a iluminação a gás”.⁷⁰ A cidade recebeu não só iluminação como também, os navios a vela eram substituídos por navios a vapores construídos por Mauá nos estaleiros e nas oficinas da Companhia Ponta de Areia, um estabelecimento industrial, sediado para fundição de ferro, bronze e construção naval.

Com a construção da Estrada de Ferro de Petrópolis, a primeira do país, começava-se a melhorar a qualidade dos meios de transporte, viabilizando o comércio. Todos esses aspectos formam os primeiros passos para a cidade do Rio de Janeiro crescer mediante a modernização do espaço que até então se encontrava atrasada para uma capital. Irineu Evangelista de Souza, o barão de Mauá, seria um sujeito marcado pela prática do pioneirismo, uma vez que, desempenhou um papel de grande importância no que diz respeito ao processo de crescimento econômico e de modernização no setor tecnológico do Brasil, no momento em que teve a iniciativa de financiar grandes obras no país.

O barão de Mauá, comandava oito empresas brasileiras das dez maiores existentes no país, pois, com exceção de duas o Banco do Brasil e Estrada de Ferro Dom Pedro II

⁶⁹ LE GOFF, Jaques. Cit. p. 368

⁷⁰ CALDEIRA, Jorge. **Mauá**: empresário do Império. Companhia das Letras; Edição 1, 1995.

(atualmente Central do Brasil), que eram empresas estatais, contudo, ainda tinha muito da influência do barão nos dois empreendimentos. O banco foi construído e desenvolvido por Mauá, como Jorge Caldeira afirma, “nasceu pronto”, mas logo foi tomado pelo governo depois de um plano articulado pelo imperador e pelos conservadores. A construção da estrada de ferro só foi efetivada após a aprovação de Mauá, que se empenhou para que a cidade pudesse usufruir de um novo modo de se locomover, inspirado naquilo que havia de mais moderno, que era necessário para uma capital.

O filme *Mauá, o Imperador e o Rei*⁷¹, mostra a trajetória de Irineu Evangelista de Souza, desde de sua infância quando é obrigado a sair de casa após a morte do seu pai e se adaptar no mundo do trabalho na função de ajudante de comerciante, até sua vida adulta onde consegue através do seu esforço e talento a confiança e reconhecimento de um renomado empresário, Richard Carruthers, um escocês que vivia no Brasil, que o convida para trabalhar em sua empresa. Sendo assim, Carruthers promove mudanças significativas na vida de Irineu, tendo em vista que o rico empresário o incentiva a aprofundar seus conhecimentos sobre teorias econômicas.

Carruthers, ao adoecer decide retornar para sua terra natal, tornando Mauá seu sócio minoritário, deixando-o responsável por seus negócios no Brasil. Desse momento em diante o barão começa a tecer relações econômicas com outros países, sobretudo, tornando-se sócio dos ingleses, e assim, dá início ao desenvolvimento de seus empreendimentos e acaba se tornando dono de uma das maiores fortunas do país. Todavia, Mauá percorre um caminho demarcado por conflitos gerados por uma elite agrária que se sentia incomodada com a presença de um homem que ascendia economicamente e socialmente de forma instantânea, ainda mais quando esse indivíduo era guiado por discursos ideológicos de cunho liberalista que iam contra os princípios do Império.

No filme, o barão é retratado com um sujeito ingênuo no momento em que coloca toda sua confiança no apoio dos ingleses e brasileiros, ou até mesmo em pensar que poderia impulsionar o país sozinho, já que não conseguia apoio dos políticos locais. Todos esses fatores irão contribuir para que Irineu, fosse obrigado a se desfazer de seus bens, e acabar decretando falência.

Na história de Antônio José de Sampaio, por exemplo, um dos motivos que contribuíram para o seu fracasso foi a forma como a política local desprezou seus projetos para o desenvolvimento da Província, os jornais da época eram impregnados de discursos contrários da

⁷¹ *Mauá, o imperador e o rei*, é um filme brasileiro, lançado em 1999, dirigido por Sérgio Rezende, e elenco integrado por Paulo Betti, Malu Mader, Hugo Carvana e Cláudio Corrêa e Castro entre outros.

implantação da indústria, afirmando que tal empreendimento nunca iria trazer retorno para a região, haja vista que não havia recursos financeiros suficientes para o fomento da fábrica. Já foi delineado aqui os conflitos pelos quais Sampaio travou com a elite agrária piauiense, que se fez, sobretudo, pela recusa dos grupos locais aos projetos voltados a agroindústria, recusa essa que se justificava pela cobiça das terras.

Houve também o fato de que Sampaio, se esforçou praticamente sozinho na construção do empreendimento, no que acabou com seu declínio, bem quando perde o poder de arrendatário das fazendas e acaba totalmente falido assim como Mauá.

A exemplo disso, podemos observar no filme e na obra de Jorge Caldeira intitulada, *Mauá, empresário do Império*, que o Imperador e o Visconde de Feitosa responsabilizavam Mauá de estar distanciando o Brasil de sua inclinação para a agricultura, fazendo uso indevido do dinheiro público com o apoio da maçonaria, sendo assim, estava enfraquecendo o Império. Ainda se pode ressaltar a parte em que Mauá discute com o Imperador sobre o lançamento do Código Comercial, tendo em vista que o barão defendia a liberdade de mercado, no lucro e na livre concorrência sem intervenção do Estado. Com o fim da escravidão, os recursos disponíveis seriam investidos em capitais produtivos. O que só vai reforçar desconforto entre as classes oligárquicas.

O crescimento de Mauá caminhava junto com a desaprovação das elites, só estava ocorrendo porque nesse contexto há dois fatores que permitiram com que o barão pudesse colocar em prática seus projetos empreendedores: a aprovação da Tarifa Alves Branco, que elevou as taxas alfandegárias, e a Lei Eusébio de Queirós de 1850, que aboliu o tráfico negreiro, e permitia a liberação de capitais para outras práticas econômicas. Nesse período há uma diversificação nas atividades econômicas que incentivaram uma série de mudanças nos principais setores urbanos no Brasil.

Embora Mauá contrariasse o governo, tentava demonstrar que nunca foi seu intenção desrespeitar a pátria. Pelo contrário, fazia tudo em prol da mesma, esperava um dia convencer de que suas ideias poderiam elevar o Brasil ao mesmo patamar de outros países desenvolvidos nos setores industrial e tecnológico, podendo se tornar até mesmo concorrência. Jorge Caldeira, enfatiza o fato de Irineu não compreender porque os governantes brasileiros não lhe retribuía a devida atenção e respeito que merecia:

Como homem que se orgulhava de ser educado no princípio de servir a pátria, sempre fez questão de defender as políticas do governo brasileiro no exterior, mesmo quando discordava delas. Em reciprocidade, esperava que os governantes brasileiros ao menos considerassem seus pontos de vista. Ele acreditava ter construído uma base

sólida e permanente de influência brasileira na região, capaz de trazer o progresso e melhorar as relações entre países que viviam às turras. Por isso, não se conformava com certas reações.⁷²

Jorge Caldeira, em sua obra *Mauá, o empresário do Império*, constrói a figura de Mauá de maneira romantizada, descrevendo-o como um homem ingênuo que mesmo diante das imposições geradas de uma incompatibilidade que havia com a elite brasileira, acreditava que poderia convence-los com suas ideias e projetos do que encaminharia o país ao progresso e na viabilização nas relações entre os países que viviam em clima de divergência, tendo em vista o respeito e influência que acreditava ter conquistado dos grupos políticos ligados ao Império.

Sua fortuna crescia a cada ano, ao mesmo tempo as desconfianças também aumentavam. Quando as notícias dos grandes aumentos no lucro do barão de Mauá ficavam evidentes à sociedade, começavam a questionar, averiguar, como alguém poderia aumentar sua fortuna em tão pouco tempo? Logo, o acusavam de estar fazendo seus negócios de maneira desonesta. De modo algum, pensavam que o barão enriquecia por um bem comum, ou seja, a serviço do progresso ao país, que era de fato o que o barão fazia e acreditava. Mas, Irineu planejava mudar tais concepções negativas geradas a seu respeito quando explicasse aos brasileiros filosofia da livre iniciativa, filosofia essa que mudaria o mundo.

Em breve o Brasil seria como a Europa, onde um empresário como ele podia exibir seus lucros sem se sentir menosprezado por ninguém. A esperança era verossímil. Em Londres e Paris seu nome era mais respeitado que no Rio de Janeiro. E não se tratava de respeito menor, mas do respeito devido a quem penetra em esferas inacessíveis a mortais comuns.⁷³

Mauá exercia uma influência poderosa dentro e fora do Brasil, portanto, conhecer sua história significa compreender não só mudanças e transformações econômicas de um determinado período da história do Brasil, como também entender as relações políticas e sociais que giravam em torno das classes oligárquicas que predominavam as decisões de todo um país, e assim poderiam vetar ou até mesmo sabotar projetos e ideias que iam contra o regime de governo vigente. O regime escravista, era ainda a forma de sistema econômico suplantado, quando quase todo resto do mundo já havia abolido a escravidão, as elites brasileiras se recusavam a desvincular-se desse sistema, o que levou o país a lento processo de crescimento econômico, principalmente, no setor industrial, prevalecendo uma economia essencialmente agrária.

⁷² CALDEIRA, Jorge. Cit. p. 26

⁷³ CALDEIRA, Jorge. Cit. p. 30

Não era o maior banqueiro nem o maior industrial do mundo. Mas também não havia no mundo alguém que fosse, ao mesmo tempo, dono de bancos, ferrovias, fábricas e indústria pesada, e que tivesse tido a idéia de juntar todos os seus negócios em torno de uma empresa financeira de alcance mundial. Nesse ponto, estava além dos limites da época ⁷⁴.

Em vários episódios da vida de Mauá seus empreendimentos foram sabotados, como por exemplo a Companhia Ponta de Areia, que foi incendiada propositalmente. Começou a desencadear uma série de ações criminosas, como fábricas sendo destruídas, e a lei começava a interferir em suas transações comerciais, que passou a cobrar taxas excessivas sobre as importações. Em 1875, Irineu foi atingido por mais outro fracasso, a falência do Banco Mauá, dessa forma ele foi obrigado a vender a maior parte de suas empresas a capitalistas do exterior. Com Antônio José de Sampaio é perceptível que seu fracasso se deu, sobretudo, aos planos arquitetados pelos grupos políticos locais em prol do seu benefício sobre as Fazendas Nacionais.

Duas histórias, portanto, que se convergem, e que mostram a relevância num âmbito geral da construção histórica do país, tendo em vista que são duas figuras que lutaram por coisas comuns, em época e espaços diferentes. Quiseram agir em favor do progresso, da modernização, do desenvolvimento em lugares que se encontravam atrasados, em vista a outros países que estavam a frente nessas questões, após a Revolução Industrial. O contato de ambos com suas experiências e vivências na Europa, e ainda mais da formação intelectual que tiveram, fizeram enxergar a adoção de um outro modelo econômico que possibilitasse o Brasil a se igualar com os países europeus. No entanto, fracassaram, pois não houve forças suficientes para confrontar e vencer os grupos políticos agrários.

2.2 O processo de administrações das Fazendas Nacionais e os discursos criados em torno da fábrica de laticínios.

O processo de colonização do Piauí se dá, inicialmente, com as terras sendo tomadas das populações indígenas pelo sertanista Domingos Afonso Mafrense, a região passa a ser tratada como Fazendas Nacionais. “Mafrense ocupou todo território que posteriormente seria a região central do Estado do Piauí, uma área que ultrapassava um milhão e duzentos mil hectares de terras”.⁷⁵ Após seu estabelecimento na região do Piauí, incorporou 30 fazendas por

⁷⁴ Idem, p.34.

⁷⁵ ESTABELECIMENTO DAS FAZENDAS Nacionais do Piauí. **Dossiê de Tombamento da fábrica de manteiga e queijo em Campinas e da Escola Rural São Pedro de Alcântara em Floriano.** Dossiê produzido pelo IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Volume I. Em Abril de 2008. Disponível no site do IPHAN: <http://www.fnt.org.br/painel.pdf>. Acesso em 14 de março 2016. p.26.

toda área as margens dos rios Canindé e Piauí, que correspondia cerca de 40 léguas, concedida pelos d'Avila e pela Coroa Portuguesa como forma de recompensa por ter desempenhado inúmeras atividades na região.

Em 1664, Domingos Afonso Mafrense, teve que escolher as terras que eram mais propícias para as atividades pecuaristas, foi assim que estabeleceu as primeiras fazendas. Mas, a manutenção dessas Fazendas se formaria a partir das guerras constantes contra tribos indígenas, ocasionando na expropriação dos territórios ocupados por esses povos, tal ação resultaria no “núcleo de pecuária no Estado”. A pecuária logo se estende para outras regiões, passaria a exercer grande importância em toda colônia portuguesa na América.⁷⁶⁷⁷

Ainda no início do século XVIII, Mafrense morre, e sem herdeiros deixa as fazendas nacionais para a Companhia de Jesus, que na sua administração ampliaram as terras, conseguindo um acréscimo de 39 fazendas. “Do ponto de vista da pecuária e do agronegócio, as quase cinco décadas de ação dos religiosos teriam obtido resultados bastante favoráveis para aquelas terras”⁸⁰. Expandiram a criação de gado, construíram casas, escolas, ensinaram os moradores a fazerem lavouras. No entanto, em 1761, a Coroa Portuguesa expulsa os jesuítas das fazendas, confisca todas as terras, tornando-as como bens patrimoniais do governo.⁷⁸

A Coroa visava a arrecadação de lucros com as terras de forma imediata, assim sendo “estas deveriam ser arrematadas e vendidas em um espaço de tempo extremamente curto”⁷⁹. Dessa maneira, para facilitar a administração das Fazendas, a Coroa divide as terras em três Departamentos ou Inspeções, NAZARETH, onde atualmente é a cidade de Floriano, CANIDÉ, na qual hoje fica a cidade de Caminas e PIAUHY, eram administradas por representantes, geralmente, enviados de Portugal. No entanto, após o processo de independência política, em 7 de setembro de 1882, as Fazendas passam ser propriedades da Nação Brasileira, nesse sentido foram rapidamente submetidas a administração do Departamento da Fazenda.⁸⁰

Com exceção da Inspeção de Canindé, que inicialmente foi concedida como dote no casamento da princesa Januária, irmã de D. Pedro II, durante o século XIX. Porém, após a partida da princesa para Europa, onde decidiu fixar residência, as fazendas do departamento

⁷⁶ MOTT, Luíz R.B. **Piauí Colonial: população, economia e sociedade**. Teresina: Projeto Petrônio Portella, 1985.

⁷⁷ Idem, p.27.

⁷⁸ SAMPAIO, Antônio José de. **Descrição Geral do Estado do Piauí**. Tradução de Maria Cacilda Ribeiro. Imprensa oficial. Teresina, 1963.

⁷⁹ Idem.

⁸⁰ SAMPAIO, Antônio José de. cit. 245.

em questão voltaram a ser controladas pelo poder do Estado, ou seja, “pertenciam ao Imperador, que as dispunha da forma que melhor conviesse aos interesses políticos da Monarquia”.⁸¹ Por consequência disso, foram se formando as fazendas particulares.

A partir dessa mudança, as Fazendas Nacionais ficariam sob a administração de Delegados da Fazenda, que residiam na cidade de Teresina, capital do Estado, com a função de assegurar o desenvolvimento das terras, garantido uma renda anual ao governo. Mas, esse sistema de administração feito dessa forma acabou resultando em um grande descaso com relação a organização das fazendas, pois, é importante lembrar que as fazendas vão se tornar objeto de cobiça para os políticos locais, visto que as terras representavam alto valor lucrativo. Justamente, por conta disto, a administração nas Fazendas se transformou em sérios prejuízos para o governo, uma vez que, as terras vão se tornar objeto de disputa e exploração em benefício de interesses particulares.

Não obstante serem as mais severas e positivas as instruções do governo, as fazendas não prosperavam sob essa direção administrativa, e os políticos locais tiravam vantagem das mesmas, no interesse de seus partidários, sempre sequiosos de obterem uma situação com a ideia única de explora-las em seu próprio benefício.⁸²

O gado, como principal elemento gerador de riqueza em consequência do comércio interprovincial, proporcionaria o poder do fazendeiro em meio a sociedade piauiense. O que irá ocasionar um longo processo de disputas pelas terras que formavam as Fazendas Nacionais. O que deveria viabilizar a administração das terras através do arrendamento se transformou em graves prejuízos para o Estado, tudo isso acarretou em sucessivas administrações que teve como consequência o declínio das fazendas.

Nesse contexto, os danos eram sentidos tanto na renda anual que diminuía, como no desaparecimento do gado. Para impedir que as Fazendas continuassem tendo prejuízos materiais, em 1877, o Parlamento Nacional votou em leis que “autorizavam a venda ou arrendamento de várias propriedades nacionais, inclusive muitas fazendas situadas nas Inspeções de NAZARETH e CANIDÉ, na província, hoje Estado do Piauí”.⁸³ A autorização

⁸¹ ESTABELECIMENTO DAS FAZENDAS Nacionais do Piauí. **Dossiê de Tombamento da fábrica de manteiga e queijo em Campinas e da Escola Rural São Pedro de Alcântara em Floriano.** Dossiê produzido pelo IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Volume I. Em Abril de 2008. Disponível no site do IPHAN: <http://www.fnt.org.br/painel.pdf>. Acesso em 14 de março 2016.

⁸² SAMPAIO, Antônio José de. cit. p.261.

⁸³ ESTABELECIMENTO DAS FAZENDAS Nacionais do Piauí. **Dossiê de Tombamento da fábrica de manteiga e queijo em Campinas e da Escola Rural São Pedro de Alcântara em Floriano.** Dossiê produzido pelo IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Volume I. Em Abril de 2008. Disponível no site do IPHAN: <http://www.fnt.org.br/painel.pdf>. Acesso em 14 de março 2016.

do governo a venda ou arrendamento das Fazendas Nacionais, foi pensado como um estímulo para a obtenção de um melhor rendimento das terras. Com a promulgação da Lei do Ventre Livre, de 1871, o governo determinou, também, que o arrendamento das terras teria como obrigação prestar assistência aos jovens libertos, para que esses pudessem ter instrução e trabalho.

Com objetivo de prestar assistência aos escravos libertos, o engenheiro Francisco Parentes foi escolhido para construir um estabelecimento de ensino prático de agricultura, localizado a margem do rio Parnaíba. A escola agro-técnica foi inaugurada em 1873, se chamava Estabelecimento Rural S. Pedro de Alcântara, pertencia a Inspeção de Nazareth. O estabelecimento viabilizava no aprimoramento da agricultura e da indústria pastoril, do qual o governo desejava para o desenvolvimento da província do Piauí. A localização do estabelecimento teria todos os elementos necessários ao futuro do empreendimento:

Realmente, o gado, as terras e a posição dessas instâncias, situadas à margem de um rio livremente navegável, faziam-nas admiravelmente apropriadas a fins agrícolas e pastoris. Além disso, estaria assegurado o transporte fácil e econômico dos seus produtos, para os principais mercados de consumo. Foi, portanto, devido a este fato, que, desde 1873, ali surgiu, no Estabelecimento Rural S. Pedro de Alcântara, uma pequena vila chamada Colônia, que é, hoje, a importante e florescente cidade Floriano Peixoto, considerada o terceiro centro comercial do Estado.⁸⁴

Portanto, a localização a margem do rio escolhida para sediar o estabelecimento, foi pensada mediante as possibilidades que o espaço poderia oferecer para o ensino prático de agricultura e zootecnia, além disso também viabilizaria a construção de habitações, serrarias, indústrias.⁸⁵ Assim como o governo resolveu arrendar as fazendas da Inspeção de Nazareth para o desenvolvimento do Estabelecimento Rural S. Pedro de Alcântara, as outras duas inspeções como Piauí e Canindé foram disponibilizadas para também para venda ou arrendamento, de acordo exigências do governo no que diz respeito ao tratamento das terras. Nesse novo contexto surge a figura de Antônio José de Sampaio.

Na transição de Monarquia para República, com a prática de arrendamento estimulada pelo governo, Antônio José de Sampaio, em 1889 arrenda as Fazendas Nacionais, as exigências do contrato de arrendamento estabeleciam pontos que eram referentes ao pleno desenvolvimento das fazendas, bem como a construção de um empreendimento que serviria para a fabricação de queijo, a construção de açudes e o melhoramento das raças de gado das fazendas. A exigência do contrato imporia a Sampaio uma série de condições que o próprio governo não foi capaz de fazer ao logo dos anos no Piauí.

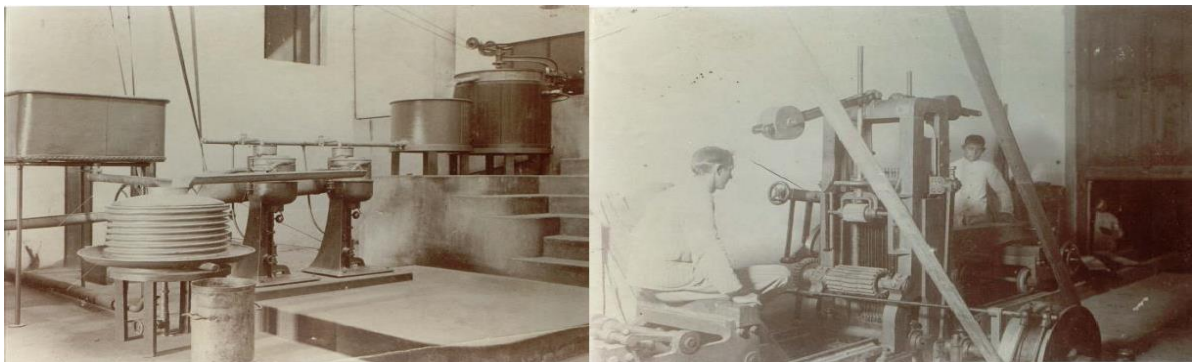
⁸⁴ SAMPAIO, Antônio José de. cit. p.240.

⁸⁵ Idem, p.259.

Antônio José de Sampaio, era natural do Piauí, proveniente de família rica, o engenheiro foi desde muito cedo estudar na Europa, sua formação acadêmica se deu em boa parte na Suíça, onde se tornou engenheiro industrial, bacharel em letras e doutor em ciências físicas e natural. Falava quatro línguas, vivenciou de perto o desenvolvimento econômico e social que a Suíça e a Alemanha vinham tendo, concernente aos avanços da ciência e da indústria, elementos norteadores que geraram riquezas a esses países, colocou a Suíça no patamar de referência mundial.⁸⁶

Dessa forma, quando Sampaio retorna ao Brasil em 1882, já se mostra determinado a executar um projeto transformador inspirado no modelo econômico dos países em que vivenciou durante seus anos de estudo. Para isso, em 1889 assina um contrato de arrendamento das fazendas nacionais do Piauí para desenvolver seu mais ambicioso projeto, uma grande indústria de laticínios em terras piauiense.

Construiu então a Fábrica dos Campos que comportava os equipamentos tecnológicos mais modernos que havia na época, trazidos diretamente da Europa, transportados por navios até a cidade de Parnaíba, “o maquinário seguiu depois seu trajeto, subindo o rio Parnaíba em barcaças movidas a vapor, até o porto da Colônia de São Pedro de Alcântara”.⁸⁷



Figuras 02 e 03: Maquinários e trabalhadores na fábrica de laticínios em Campinas do Piauí (foto sem data)
Fonte: Acervo fotográfico Museu Ozildo Albano.

Nas duas imagens acima podemos ver o aspecto da modernidade nos maquinários e os trabalhadores manuseando as peças o que mostrava essa nova relação que se colocava entre homem e tecnologia pela primeira vez no Piauí. O enredo de Antônio José de Sampaio, se coloca em um quadro em que há um conflito constante entre tradição e modernidade. O engenheiro por muitas vezes se viu sozinho na realização do seu projeto, haja vista que levar o desenvolvimento e o progresso para sua terra natal implicava mudar a mentalidade de uma

⁸⁶ VILHENA, Marcos Aurélio de. **Voo de Ícaro: tensões e drama de um industrial no sertão**. Teresina, 2006.

⁸⁷ VILHENA, Marcos A.G. cit. p.2

sociedade rural e atrasada acomodada ao paternalismo do Estado, sobretudo, era preciso também do apoio e da contribuição das classes dominantes que comandavam a política local, porém, essa classe irá se mostrar mais interessada em disputas políticas do que na melhoria e enriquecimento do estado, que não por coincidência passava por uma crise econômica descomunal no período em questão.

A crise se dá com a decadência da pecuária, havia nesse contexto a falta de assistência do governo central que por outro lado investia maciçamente nas regiões centro-sul do país. Cidades como São Paulo e Rio de Janeiro passavam por grandes avanços em relação ao processo de modernização e urbanização, enquanto isso o Piauí lutava pela sua inserção num modelo alternativo de desenvolvimento. Nesse sentido, em um espaço marcado pela fome e pela seca que assolava brutalmente a região, onde ainda predominava a mão-de-obra escrava, pela primeira vez a população do atrasado sertão piauiense pôde experimentar, o trabalho assalariado. Com a construção da indústria de laticínios, as relações de trabalho que se tinha na região essencialmente agrária do Piauí sofrem mudanças significativas.

A história e memória da fábrica de manteiga, demonstra essa mudança das relações de trabalho que foram de fato bastante significativas para a sociedade piauiense. A trajetória de Antônio José de Sampaio e sua luta em favor da concretização do desenvolvimento e progresso para a região desvenda o retrato político do Piauí do século XIX. Como já abordado, o contexto histórico das Fazendas Nacionais foi marcado por um processo de disputas políticas pelas terras, esses conflitos acabaram por gerar prejuízos para o governo. Prejuízos esses, que acabariam levando as fazendas a estado de decadência.

Antônio José de Sampaio, retorna ao Piauí em um momento mais que qualquer outro onde havia a necessidade de se instalar uma indústria que reordenaria de volta economia da região. A implantação da fábrica se dá não só para solucionar a crise econômica emergente, mas também porque Sampaio constatou que o Piauí tinha as melhores condições para o desenvolvimento de uma indústria do mesmo porte das que havia nos países europeus. No primeiro capítulo deste trabalho, podemos observar como aconteceram os confrontos políticos entre Sampaio e os grupos políticos locais, dessa forma, ficou entendido que o seu fracasso se deu em torno a esses conflitos, que fez com que o engenheiro perdesse o direito de arrendatário das fazendas.

Com a crise estrutural que o Piauí vinha tendo na segunda metade do século XIX, somando também ao fenômeno da seca que assolaria a região entre os anos de 1877 e 1879, fatores como estes contribuiriam para a intensificação da miséria e atraso da região, Antônio José de Sampaio aparece como uma luz justamente em um momento que havia a ocorrência de problemas de caráter social e econômico que a Província vinha sofrendo. Mesmo com a

construção da nova capital, Teresina, e a emergência de Parnaíba como centro comercial, não garantiram alterações significativas que pudessem para o pleno desenvolvimento do Piauí.

Em 1905 pouco tempo depois do engenheiro, Antônio José de Sampaio, ter sido destituído do cargo de arrendatário das fazendas nacionais, publica um estudo intitulado: *A General Description of State of Piauy on the northern part of Brazil its natural resource, pasturagen, climate and solubrite whit special reference to the catte breeding compared whit the conditions of de Argentina Republic and Astrália*, que posteriormente seria traduzido e publicado em partes pelo governo, dessa maneira tradução do título da obra ficaria como, *A Descrição Geral do Estado do Piauí*.

Nesse estudo Sampaio faz uma análise técnica e científica das fazendas nacionais do Piauí, usando seu vasto conhecimento de um cientista que era e pela observação rigorosa, comprova sob qualquer circunstância que o Piauí apresentava condições mais favoráveis e satisfatórias para o desenvolvimento agroindustrial que dois países pelos quais faz comparação em todo seu estudo, Argentina e Austrália. Tendo em vista que, o clima, o solo, a vegetação e a criação do gado da região oferecia condições muito mais vantajosas em relação aos países em questão. Não só o Piauí como o Brasil em geral, apresentava melhores condições para o desenvolvimento de indústrias especializadas no setor da agropecuária e da indústria pastoril como estava acontecendo na Argentina e na Austrália.

Esta obra, apesar de apresentar um rigor científico, tem também a intenção de desvelar uma crítica a elite agrária piauiense absenteísta, que não conseguia se desvincular do paternalismo de Estado. Sobretudo, este livro mostra na visão de Antônio José de Sampaio, que a política local não reconhecia o grande potencial que o Piauí poderia proporcionar se nele fosse investido projetos similares aos que estavam ocorrendo aos países que faz comparação em seu estudo. Dessa forma, a implantação da indústria de laticínios seria o ponto de partida para a transformação da região, tendo como base os ideais de naturalistas do século XIX.

Nascido no estado do Piauhy, que se presta admiravelmente á expansão da indústria pastoril e tendo feito meus estudos na Suissa, onde a criação do gado e a exploração dos lacticínios constituem a mais poderosa fonte de riqueza publica, nutri a aspiração, desde os primeiros annos de minha permanência naquele paiz de, ultimado o meu tirocinio acadêmico, volvendo ao meu Estado, aproveitar a exuberancia dos seus elementos naturaes para doptal-o de melhoramentos concernentes a esse ramo de actividade, sob cuja influencia ficaria garantida sua prosperidade.⁸⁸

⁸⁸ SAMPAIO, Antônio José de. cit. p. 262.

⁹² Idem, p.266.

Antônio José de Sampaio, deixa em evidencia que sua percepção sobre as condições do Piauí para o pleno desenvolvimento da indústria pastoril, provém da sua experiência de estudos na Suíça, lugar onde a agroindústria vinha crescendo, onde a criação de gado e a exploração de laticínios consistia na maior riqueza do país. A sua admiração pela Suíça, converte no seu desejo de transformar o Piauí adaptando tudo aquilo estava aprendendo vendo nesse país, ainda garante que a prosperidade é certa na região.

Durante toda obra, Sampaio compara cada aspecto da região piauiense, bem como a todas as raças de gado existente na região, a vegetação, quanto as plantações, a grama dos pastos, as condições climáticas do lugar, com da Argentina e Austrália, na verdade, esses fatores tinha um desenvolvimento até melhor que esses dois países em questão. E cada vez mais, constata, com grande fascínio, que as condições encontradas no Piauí se assemelhava a Suíça, como ele mesmo afirma: “Observamos aqui pela primeira vez, essa região destinada à pecuária, e que de certo modo, pode se considerar – A Suíça brasileira”.⁹²

Outro ponto que é ressaltado na obra, é o fato de que todos os dispositivos favoráveis apresentados no Piauí ainda se encontravam em permanente estado rudimentar. Sampaio, a todo momento reconhece maneiras e estratégias para o desenvolvimento da criação do gado e o desenvolvimento das terras, quanto a produtividade.

Não devemos, pois, atribuir o atraso em que ficamos no Brasil, a inferioridade das raças originárias, nem as nossas condições naturais, mas exclusivamente a nossa falta de iniciativa e energia, e a censurável negligência da parte das autoridades, e dos criadores que não contam com o auxílio permanente daquelas, tratando-se de um empobrecimento que só teria proveito aos interesses econômicos do país.⁸⁹

Para tanto, Antônio José de Sampaio não limita seu estudo somente na análise comparativa dos países referentes com o Piauí. No seu ensaio, faz todo um desdobramento de propostas para o desenvolvimento da região. Como defensor do progresso, se coloca na posição de sujeito da ação que pode transformar a região, através dos próprios elementos favoráveis que ela oferece. Portanto, Sampaio deixa claro que é a falta de iniciativa das autoridades, que tornava o empobrecimento do país, quando reforçam o discurso de que há falta de recurso e atenção do governo para o desenvolvimento da região.

Mediante a pesquisa de alguns jornais e registros da época encontrados, como no jornal *A Legalidade (PI)* de 1892 e nos registros de *Mensagens do Governador do Piauí para a Assembleia* de 1890 a 1930, podemos observar que de fato a elite justificava a sua falta de ação perante o desenvolvimento do Estado na falta de investimento do governo. Desse modo, esse era o discurso pregado que fez com que a implantação da indústria fosse vista como algo que

⁸⁹ SAMPAIO, Antônio José de. cit. p. 267.

nunca se concretizaria o seu pleno desenvolvimento. Em uma mensagem do governador do Piauí apresentada a câmara legislativa de Teresina, esse discurso se fazia de maneira resistente:

No que respeita ao desenvolvimento material do Estado, acredito que o maior obstaculo para realizar-se qualquer idéia proveitosa esta principalmente na falta de capitaes e na dificuldade de obte-los.

Da iniciativa particular pouco mais se deve se esperar, pois o arrojo commettimento empreendido pelo industrial piauihyense Antonio José de Sampaio significa uma larga conquista para a nossa indústria pastoril.

Sem auxílios a lavoura, que possam fomentar a industria e desenvolver o commercio, - jamais será effectuada a ambiciosa exploração de nossas productivas fontes de riqueza naturaes.⁹⁰

A mensagem comprova o que Antônio José de Sampaio argumentou acerca da falta de iniciativa das autoridades e das justificativas quanto ao investimento de projetos para o melhoramento da região. O governador, assume que a indústria é uma “grande conquista” investida no Estado, porém, com a falta de auxílios o empreendimento não obteria resultados positivos.

Portanto, foram discursos como esse que contribuíram para o fracasso de Sampaio, e consequentemente para o insucesso da sua indústria. A elite fazia questão de reforçar que o Piauí deveria continuar com sua organização de economia agrária, já que um desenvolvimento orientado por uma indústria não faria efeito devido à falta de recursos advindos do governo.

Mas como já discutido no início desse capítulo o engenheiro é destituído do direito de arrendatário das Fazendas Nacionais, pelo o que tudo indica os grupos políticos armaram para a sua destituição. Falido, Sampaio tenta recorrer a empréstimos, mas não consegue, volta para o Rio de Janeiro e lá elabora o ensaio *A Descrição Geral do Estado do Piauí*, ainda na tentativa de conseguir apoio para obter de volta seu direito como arrendatário das fazendas, ele envia sua obra para outros países para chamar atenção de outras vias. No entanto, antes de receber qualquer resposta positiva a seu favor o engenheiro morre aos 49 anos, e sua fábrica entra em estado de decadência.

2.3 Relatos de memórias dos trabalhadores da fábrica de laticínios.

Na cidade de Campinas do Piauí ainda é possível encontrar dois senhores que trabalharam na fábrica na época em que a mesma voltou a funcionar, ainda na fabricação de manteiga e outros derivados do leite de 1930 a 1945. José Belém de Sousa e José Mariano Filho, ambos trabalharam na fábrica nesse período, assim como eles seus pais também trabalharam lá. Não foi possível entrevista-los, José Belém reside na cidade de Teresina, mas

⁹⁰ Mensagens do Governador do Piauí para Assembleia. Mensagem apresentada a câmara legislativa. Teresina, junho, 1897.

ainda conta sobre suas experiências do período em que trabalhou na antiga indústria de laticínios com lucidez impressionante. Já José Mariano, o localizamos na cidade, porém, hoje já não pode mais contar suas lembranças, visto que sua saúde física e mental está bastante debilitada.

Contudo, em uma pesquisa feita no IPHAN na cidade de Teresina, obtivemos um documentário feito pelo instituto para instruir o processo de tombamento do prédio, produzido em março de 2007, ano que a fábrica completava 110 anos. O documentário intitulado, *A fábrica de manteiga e queijo das fazendas nacionais do Piauí: uma história contada pelos seus trabalhadores*, reproduz de forma criativa e envolvente o relato de três trabalhadores da fábrica, pois além de José Belém de Sousa e José Mariano Filho o documentário também contava com Euclides Ribeiro de Sousa, que foi garimpeiro da fábrica.

Euclides Ribeiro de Sousa, foi garimpeiro na fábrica, o mesmo conta no vídeo que era ele quem ficava a cargo de carregar o leite em latões para serem despejados nos tanques da fábrica, do outro lado escorria o leite magro, que muitos fazendeiros pegavam para a produção de queijo. Na parte do enlatamento, ele conta que trabalhavam mais mulheres. José Mariano, relata que os trabalhadores em sua maioria eram do povoado de Campos, só havia um italiano de nome João Monte Santos, que era o mecânico, que teria vindo trabalhar na indústria para montar todos os maquinários.

No depoimento de José Belém, mais conhecido como seu Zezinho, outro trabalhador da fábrica de laticínios, relembra como acontecia o funcionamento dos maquinários. Este trabalhou nos anos de 1935 a 1944, substituindo seu avô, que foi o primeiro foguista da fábrica. Seu avô chamava-se José Benedito da Silva, “ele não servia mais pra trabalhar nas caldeiras, ele ficou velho, começou lá nas fundações com o engenheiro, aí eu fiquei, quando precisava eu estava trabalhando aqui, colocando fogo para os motores funcionarem”.⁹¹

A imagem a seguir retrata os trabalhadores da fábrica de Campinas do Piauí, é importante destacar que a imagem possibilita fazer e compreender uma história, visto que há o abandono de uma epistemologia da prova para que haja à construção de uma análise histórica que leve em consideração o processo contínuo de produção de representações pelas sociedades humanas.⁹⁶ Dessa forma, as imagens relacionadas a fábrica de laticínios bem como

⁹¹ DVD com vídeo *A fábrica de manteiga e queijo das Fazendas Nacionais do Piauí: uma história contada pelos seus trabalhadores*, produzido pela 19ª Superintendência Regional do IPHAN-PI em parceria com a Associação Brasileira de Documentaristas e Curta-Metragistas no Piauí, 2007. ⁹⁶ MONTEIRO, Charles. **História, fotografia e cidade**: reflexões teórico-metodológicas sobre o campo de pesquisa. In: Revista *Métis: história & cultura* — v. 5, n. 9, p. 11-13, jan./jun. 2006.

dos trabalhadores, contribuem para compreender determinados aspectos históricos como a predominância do homem negro e a quantidade de mulheres que trabalhavam na fábrica.



Figura 4: Trabalhadores da Fábrica de Laticínios de Campinas do Piauí (foto sem data)
Fonte: Acervo fotográfico do Museu Ozildo Abano

Podemos observar pela imagem que alguns homens seguram um chapéu de abas largas, “uma forte característica do homem nordestino, primeiramente por proteger melhor contra o sol”.⁹² Há também duas mulheres negras no centro da porta e do lado direito na janela tem duas mulheres brancas e uma criança e do lado esquerdo um homem, uma mulher e duas crianças, todos brancos. As roupas usadas pelas mulheres das janelas são caracterizadas por mangas com babados, que eram quentes para o clima da região. De acordo com o dossiê de tombamento da fábrica de manteiga feito pelo IPHAN, o projeto da fábrica estipulava a inserção dos negros recém-libertos: “É interessante perceber nesse material iconográfico a participação dos negros, ex-escravos ou seus descendentes que o Projeto tentava englobar ou na produção direta dos laticínios ou no fornecimento do leite”.⁹³

José Belém ressalta que a época em trabalhou na fábrica foi no governo de Landri Sales, a indústria era administrava por Isaías Pereira. Ainda acrescenta como os maquinários chegaram até Campos, “trouxeram da Alemanha pra Floriano, era Colônia nessa época. De Floriano pra cá vieram em cangote de boi, a caldeira veio num carro com as rodas de ferro [...] Morreram muitos bois arrebetados, de botar força”. José Belém contou uma interessante

⁹² MOURA, Joyce Nunes de. cit. p. 30.

⁹³ ESTABELECIMENTO DAS FAZENDAS Nacionais do Piauí. **Dossiê de Tombamento da fábrica de manteiga e queijo em Campinas e da Escola Rural São Pedro de Alcântara em Floriano.** Dossiê produzido pelo IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Volume I. Em Abril de 2008, p. 43. Disponível no site do IPHAN: <http://www.fnt.org.br/painel.pdf>. Acesso em 10 de Outubro de 2012.

história de um quarto escuro que havia na fábrica, que servia para guardar o creme da nata, segundo ele alguns administradores que passaram pela indústria prendiam pessoas nesse quarto, como um meio de castigo aos trabalhadores. Havia o compartimento da fábrica onde os maquinários produziam as latas de manteiga. O depoente diz ser a melhor manteiga que a região já experimentou em anos, “manteiga de qualidade não havia igual”.

No vídeo os trabalhadores falam também acerca da preservação do prédio. É interessante analisar as falas dos depoentes, pois, tanto José Belém como o José Mariano lastimam o estado de degradação do edifício, não só porque fez parte da história da vida deles, mas também porque para ambos a fábrica é representativa de grande importância para o Nordeste que teve a primeira indústria de laticínios.

Os maquinários que abrigavam a indústria como já mencionado era o que havia de mais moderno para a época e são sempre mencionados nos relatos dos moradores de Campinas do Piauí que os maquinários foram roubados, tempo depois da desativação do prédio, contudo, não lembram ao certo em que ano ocorreram os furtos, mas afirmam que o interesse sobre as peças dentro prédio seria porque representavam moveis de grande valor, conscientes disso roubaram tudo que havia na antiga indústria, restando apenas a caldeira.

As lembranças dos moradores de Campinas do Piauí sobre os usos da Fábrica até mesmo quando funcionou com outras tantas diversas atividades, permeia nas narrativas partindo de lembranças mais vividas diretamente. Visto que, ao entrevistar outros depoentes como Maria do Socorro Alves, é perceptível como suas lembranças mudam totalmente, pois, ela está mais atrelada aos acontecimentos do passado, com o qual se coloca a história de Antônio José de Sampaio, porque sempre teve a preocupação de perguntar aos mais velhos, como ela mesma diz, sobre a época de funcionamento.

Com isso, observamos a maleabilidade da memória, como muda e se transforma de acordo com o tempo e com os diferentes grupos sociais. “As memórias são maleáveis, e é necessário compreender como são concretizadas, e por quem, assim como os limites dessa maleabilidade”.⁹⁴ Nesse sentido, quando tratamos acerca da memória e do esquecimento temos que compreender os modos de transmissão da memória, no caso da amnésia social, onde a transmissão oral é modo mais importante para a compreensão do fator da maleabilidade.

Evilásio Jesuíno da Silva e Maria do Socorro Alves Moura, em seus depoimentos, não importa como a caracteriza de suas lembranças se diferenciem, mas o ponto em comum é que os dois tem conhecimento acerca da história da fábrica através do que foi contado por outras

⁹⁴ BURKE, Peter. cit. p.66.

peessoas mais velhas de geração para geração. Como já visto, as lembranças em sua maioria sempre são baseadas em algo que não viveram diretamente.

Mas a relação memória e tempo não vividos não se situa somente no terreno da vida pública. A saudade, ou então a execração de algum tempo que já passou, acontece também no terreno da vida privada. São lembranças disseminadas de geração a geração, por familiares e amigos, que, muitas vezes, ao qualificá-las segundo sua visão do que passou, influenciam ou mesmo determinam sua representação no presente.⁹⁵

Além disso, essa memória que vem de outras memórias pode ser situada novamente na visão de Michael Pollak, no que se refere a memória por tabela. Um dos elementos constitutivos da memória individual ou coletiva são os acontecimentos vividos pessoalmente. O segundo fator que determina a organização da memória são os acontecimentos justamente vividos por tabela, “ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer”.⁹⁶ Muitas vezes ocorre a identificação de um passado de maneira tão forte que o indivíduo ou grupo absorve essa memória como se fosse sua.

Maria do Socorro Alves Moura relembra histórias da esposa de Antônio José de Sampaio, Augusta Franco Sá Sampaio: “Augusta era rendeira, dizem que de tarde ela colocava as almofadas e as mulheres rendeiras na frente da fábrica fazendo as rendas, ela que ensinou as mulheres a fazerem renda [...]”.⁹⁷ Essa história compartilhada pela depoente demonstra um traço que marcou a memória coletiva, pois, ainda se tem relatos dela até hoje. O que se sabe sobre Augusta Sampaio é que de fato ela conduziu a emancipação financeiras de muitas mulheres com a produção da renda que vendia para a Europa. Mudando assim as relações de gênero em espaço marcado pela tradição.

Compreender a transmissão oral para a análise da memória coletiva e sua maleabilidade, significa antes de tudo compreender que a história oral como sendo uma história compartilhada, e por isso é preciso que se leve em conta seu caráter social e o conhecimento coletivo. Todos os entrevistados apresentam suas falas com aspectos muito particulares que sempre envolvem questões que marcaram suas lembranças, como é o caso da história do piano de dona Augusta, é a projeção de uma memória transmitida que a depoente se identificou tanto com esse fato que já faz parte da sua memória.

⁹⁵ DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral- memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p.18.

⁹⁶ CHAGAS, Mário. **Casas e portas da memória e do patrimônio**. Revista Em Questão. Porto Alegre. Edição 13. n. 2, p. 207-224, jul/dez 2007.

⁹⁷ MOURA, Maria do Socorro Alves. Depoimento concedido a Camila Carvalho Moura Fé. Campinas do Piauí-PI, 08 de out 2016.

O patrimônio representa um espaço de disputa onde evidencia a diversidade acerca das pluralidades de memórias, que adentram em um terreno conflituoso, isso acontece porque a busca da memória é reforçada por esse sentimento de identificação e afinidade com o objeto histórico. Nesse sentido, o próximo capítulo abordará sobre esses laços de pertença e identidade que o patrimônio conduz sobre a memória no âmbito da coletividade. Assim sendo, é necessário elaborar uma análise que seja pautada nas formas de resistência dessa memória vinculada ao patrimônio cultural, e conseqüentemente as práticas de preservação inseridas sobre um bem patrimonial. Veremos que a sociedade de Campinas do Piauí lutou diversas vezes pela restauração da indústria de laticínios, essa luta se fez na medida em indivíduos ou grupos enxergam a fábrica como um elemento importante na construção daquilo que lhes moldam.

3 A IMPORTÂNCIA DO PATRIMÔNIO CULTURAL: UMA DISCUSSÃO SOBRE MEMÓRIA, RESISTÊNCIA E POLÍTICAS DE PRESERVAÇÃO.

Pierre Nora (1983), em sua abordagem sobre a problemática dos lugares, permite a análise dos vários pontos de referência da memória bem como arquivos, museus, monumentos, festas comemorativas, que são lugares de lembranças, lugares que expressam algo do passado, mas que se tomam como importantes no presente, esses lugares de memória são, sobretudo, lugares que representam noções de reconhecimento e de pertencimento de “grupo numa sociedade que só tende a reconhecer indivíduos iguais e idênticos”.⁹⁸

Esses são lugares de recordações de um passado que não vivemos diretamente, mas um passado que é compatível com o nosso presente, portanto, são representativos de aspectos simbólico, material e funcional onde a memória espontânea se fixa.¹⁰⁴ Os lugares de memória, são restos, vestígios por que não podem reconstituir o passado de forma total.

São lugares de unanimidade sem, de fato, representarem a unidade, porque quando se transformam em lugares de memória, significa dizer que são fruto de uma disputa, são lugares de uma história vencedora, portanto, ocultam-se outras memórias, que muitas vezes reclamam também por sua história. Afinal, tudo tem história e memória.⁹⁹

Dessa forma, esses lugares estabelecem também disputas de poder, pois não é mais só o Estado que define aquilo que seria o monumento ou o patrimônio. Há outras instituições e órgãos desvinculados a instâncias políticas que irão se posicionar mediante a busca de sua memória. Nesse capítulo será mostrado os diversos usos que a indústria de laticínios sofreu ao longo do tempo tomando novos significados ao patrimônio e como os grupos lutaram na busca formas de salvaguardar o prédio que estava ameaçado de destruição. Portanto, a discussão que se pretende aqui é pensar a importância do patrimônio, bem como práticas de preservação, numa abordagem que caminha junto com a discussão de memória no âmbito do poder, da resistência e do esquecimento.

De acordo com a Constituição Federal brasileira (1988), o conceito de patrimônio cultural designa um conjunto de bens de natureza material e imaterial que conduz referenciais de identidade, ações e a memória dos diferentes grupos que estão inseridos em uma comunidade. Esses bens abrangem todas as formas de expressões artísticas, produções

⁹⁸ NORA, Pierre. “Entre memória e história: a problemática dos lugares”. IN Revista Projeto História. Nº 10 **História & Cultura**. São Paulo: PUC-SP – Programa de Pós-Graduação em História, dezembro de 1993. ¹⁰⁴ Idem.

⁹⁹ OLIVEIRA, Almir Felix Batista de. **Memória e Patrimônio Histórico**. São Cristóvão: Editora UFS, 2010, p 206.

científicas e tecnológicas, objetos, documentos, edificações entre outros espaços que comportam manifestações artísticas-culturais; também pode ser incluído nesses bens sítios que possuem valor histórico, arqueológico, urbanístico, ecológico e científico, paisagísticos.¹⁰⁰

A definição de patrimônio é hoje bastante ampla, o que sugere uma diversidade de aspectos socioculturais que alcança diversos setores da sociedade. Os bens quando declarados de natureza patrimonial tem a finalidade de conservar lembranças, acontecimentos passados que representam valores preciosos e, assim, a importância de resguardar a memória para que elementos do passado não sejam esquecidos. Para que essa memória seja reverberada no presente. Entretanto, no que diz respeito ao debate sobre a manutenção ou conservação do patrimônio também entra aí a questão da destruição do patrimônio.

Se o ato de conservar remete a ideia da importância de lembrar, por outro lado a prática da destruição ou depredação é entendido como uma ação que induz a o não querer lembrar, sendo uma forma de dominação. É uma “forma eficaz de dominação, por vezes coercitiva, mas muitas vezes, também negociada, exercida pelos setores vencedores das relações de disputa, nas relações de poder”¹⁰¹. Conforme a percepção de Almir Felix Batista de Oliveira (2011), nas relações de poder, existe a figura do vencedor que define o que vai servir de referência a todos, e geralmente trata as outras memórias (as minoritárias) como inferiores, predominando, assim a produção cultural, o que de fato acontece ocasionando um processo de disputas das memórias.

Contudo, para o autor essa visão não pode ser limitada a puramente a essa questão de uma memória dominante, acredita-se na possibilidade de convivência das pluralidades dessas diversas memórias. O processo de construção das memórias e, conseqüentemente, na construção do patrimônio cultural quando se coloca a ideia de cidadania plena como um fator de grande importância no campo patrimonial deve se levar em conta a pluralidade cultural. Pensar a articulação do patrimônio usando como base somente a versão dos grandes heróis ou a história dos vencedores não torna essa construção democrática, nem legítima.

Para que o projeto de cidadania se coloque de maneira democrática é necessário “o direito ao passado, o direito a memória, o direito ao confronto de histórias na busca pela liberdade, devem ser determinantes na busca da construção de um projeto de cidadania”. Portanto, a construção e organização do patrimônio deve ser entendido como algo essencial na busca da cidadania.

¹⁰⁰ PELEGRINI, Sandra C. A.; Memórias, identidades e políticas preservacionistas. In: Áurea da Paz Pinheiro e Sandra C. A. Pelegrini. (Org.). **Tempo, Memória e Patrimônio Cultural**. 1a.ed.Teresina-Piauí: Editora da Universidade Federal do Piauí, 2010, v. 1, p. 233-248.

¹⁰¹ OLIVEIRA, Almir Felix Batista de. cit. p.50.

É importante explicar o conceito de cidadania, como está sendo atribuído nessa discussão. A definição de cidadão está relacionada a questões de classe, onde se exprime uma noção histórica e social onde se coloca o direito a memória, o direito ao passado, da mesma forma que se tem os direitos políticos, civis e sociais. É nesse sentido que a perspectiva sobre as práticas de preservação se fazem necessárias.

Na cidade de Campinas do Piauí é possível observar que as lutas de grupos sociais em busca da conservação e manutenção do patrimônio há esse aspecto de identidades plurais, pois ao passo que vão existir setores da população preocupados em salvaguardar patrimônio cultural, por outro lado outros não vão sentir essa mesma responsabilidade mediante um objeto histórico, isso acontece porque nem toda sociedade se identifica com um determinado acontecimento do passado, dessa forma, o patrimônio está vinculado ao fato de se identificar ou não com o objeto a ser preservado. Nesse caso, a busca pela memória se dá quando o indivíduo ou grupo sente que o passado tem influência direta na sua vida e, quando é identificado a importância do patrimônio na construção desse indivíduo como pessoa, é que a luta ou a disputa pela memória acontece.

Temos hoje uma gama de lugares construídos a partir de concepções de memórias, de história e de patrimônio, que encerram ou encobrem disputas e falam a respeito de um passado que quer se fazer homogêneo, mas que não pertence a todos, que não traduzem um sentimento de pertencimento a todos, portanto não respaldam um projeto de cidadania.¹⁰²

Dessa forma, a finalidade de preservação dos bens patrimônios, pode ser compreendido na possibilidade de fazer uma leitura desses locais de maneira crítica, e pensar nos modos de convivências cotidianas, os nos valores que poderiam representar na sua vida, enquanto indivíduo que contribui para a construção da memória também. Pois, ressaltando novamente a importância da pluralidade de memórias na construção do patrimônio, as memórias excluídas da memória oficial podem e devem se impor na construção do patrimônio porque esses grupos minoritários tem o direito a busca da suas memórias e seu passado. Em vista disso, a finalidade de preservar está ligada a possibilidade de o cidadão poder qualificar esses lugares como algo que pode fazer parte ou não da sua vida.

O direito de busca a memória e ao passado, estabelece assim, que não há uma memória única ou uma história única, mas sim uma pluralidade. Ou seja, o patrimônio expressa não somente um segmento, mas diversos segmentos sociais. Para que essa construção se faça de modo que não sirva para acobertar as disputas e fazerem a memória homogênea.

¹⁰² Idem, p.52.

De acordo com Mario Chagas (2007), o interesse pelo campo do patrimônio cresceu no século XX, quando um grande número de pessoas passam a se importar cada vez mais pelo tema, “não apenas em sua vertente jurídico-burocrática vinculada ao chamado direito administrativo, mas, sobretudo, por sua dimensão sociocultural”¹⁰³. Com isso, os estudos e pesquisas sobre a área do patrimônio começam a se alargar de maneira tão intensa que a discussão acerca da ideia de práticas preservacionistas toma maior proporção.

Para o autor, as noções tanto de patrimônio como de museu estão relacionadas a ideia de “casa de memória e poder”, e também estão vinculadas à compreensão do termo de propriedade seja nas suas dimensões material, espiritual, econômica ou simbólica.¹⁰⁴ Assim sendo, a ideia de preservar se coloca de forma inseparável a essas noções ligadas ao patrimônio e ao museu, que de maneira imediata não pode fugir da do conceito de posse. O termo posse aqui assume mais o sentido de:

Apenas aqueles que se consideram possuidores ou que exercem a ação de possuir – seja do ponto de vista individual ou coletivo – é que estão em condições de instituir o patrimônio, de deflagrar (ou não) os dispositivos necessários para a sua preservação, de acionar (ou não) os mecanismos de transferência de posse entre tempos, sociedades e indivíduos diferentes. Essa é, possivelmente, uma das radículas do “poder mágico da noção de patrimônio” [...] ¹⁰⁵.

Nesse sentido, à noção de posse que o autor coloca implica em uma questão fundamental, a da preservação, que implica diretamente em fatores como, proteção, conservação ou prevenção, além disso, todas essas ações se direcionam a dois aspectos que devemos sempre nos atentar para conseguir de forma segura as questões que envolvem nas práticas de preservação, o dano e o perigo, que vem do futuro. Dano da destruição. No entanto, esses males, que podem vir a afligir no futuro não devem ficar apenas na imaginação, é preciso que o sujeito da ação perceba a o valor social de determinado bem patrimonial no presente¹⁰⁶.

A fábrica de laticínios, pela qual passou por várias ações depredatórias pela falta de manutenção, foi temida diversas vezes pela população a sua total destruição. Nos relatos é perceptível como alguns dos moradores, sobretudo aqueles mais velhos se identificam com o prédio de forma afetiva, isso porque o patrimônio remete questões relacionadas aos laços identitários e de pertencimento como já foi mencionado. Os diversos usos que sofreu o prédio,

¹⁰³ CHAGAS, Mário. **Casas e portas da memória e do patrimônio**. Revista Em Questão. Porto Alegre. Edição 13. n. 2, p. 207-224, jul/dez 2007.

¹⁰⁴ Idem.

¹⁰⁵ CHAGAS, Mario. Cit. p. 210.

¹⁰⁶ Idem, Ibidem.

a exemplo disso demonstra a forma como a antiga indústria foi proporcionando novos significados para os grupos sociais, essa ressignificação para a população só reforça esse sentimento de pertencimento. Pois, participaram diretamente de acontecimentos que fizeram parte.

3.1 Os diferentes usos do patrimônio cultural da fábrica de manteiga.

Dos vários usos que a fábrica de laticínios teve ao longo do tempo após sua desativação, bem como igreja, clube, espaço para a produção da maniçoba, outro desses usos foi quando o prédio passou a funcionar como escola, Maria do Socorro Alves Moura, umas das entrevistadas estudou e lecionou por volta das décadas de 1960 a 1970, ela conta que junto com ela havia Noeme Madeira Moura Fé, que foi professora também no período de escola. O desenho abaixo, é uma ilustração da fábrica feito por Noeme ainda no tempo que era adolescente quando estudava em Petrolina no internato de Nossa Senhora Auxiliadora. Quem disponibilizou o desenho foi sua filha, Eliane Madeira Moura Fé, que mostrou um caderno antigo de sua mãe que havia com outras gravuras feita pela mesma, que mostrava o cotidiano no colégio interno.



Figura 05: Desenho da fábrica..., produzido por Noeme Moura Fé c.1928-1982.
Fonte: Acervo particular de Eliane Madeira Moura Fé, 2007.

Para Jacques Aumont (1995), a imagem seja ela nas formas de pintura, desenho, fotografia ou do cinema remete a dois aspectos: o reconhecimento e a lembrança. Assim sendo, a imagem se coloca na dimensão simbólica da vida cotidiana, ou seja, está empregada nas maneiras de socializações realizadas no âmbito das convenções que “regem as relações interindividuais”¹⁰⁷. Para tanto, o reconhecimento se dá quando um indivíduo ou um grupo se identifica com uma determinada imagem do real. Já o ato da lembrança que está ligado ao

¹⁰⁷ AUMONT, Jacques. **A Imagem**. Campinas: Papirus, 1995.

reconhecimento, vincula-se ao caráter de expressar experiências, vivências e lembranças. Aquilo que está contido na memória.

Sendo assim, o desenho da fábrica feito por Noeme Moura Fé expressa o reconhecimento da mesma sobre a imagem, pois, seu desenho mostra o fato de ter se identificado com o objeto. Podemos imaginar que em sua passagem por Campinas do Piauí, quando ainda era o povoado Campos, ela repara deslumbrada sobre aquele imponente prédio, quer então guardar aquela lembrança em forma de desenho para rememorar sua visita ao lugar e também seu encantamento pela fábrica, que são suas experiências e vivências do momento de sua visita.

Eliane Madeira Moura Fé, não sabe dizer muito acerca da época em que sua mãe trabalhou como professora no prédio, bem como o que ela contava de suas lembranças lecionando lá, mas menciona que o desenho foi feito usando lápis e caneta-tinteiro, acredita que se identificou com fábrica, em alguma vez que visitou o povoado de Campos. No entanto, é possível que ela tenha desenhado quando voltou ao internato, visto que, a chaminé está do lado contrário da sua arquitetura original, isto quer dizer que ela desenhou com base na memorização. Não sabemos ao certo em que contexto Noeme Moura Fé desenhou a fábrica, o que lhe motivou, mas podemos presumir que o fato dela querer fazer o registro é por querer ter a lembrança guardada consigo daquilo que seus olhos capturaram e, assim, ter o prazer de olhar em outros momentos aquela imagem.

Em Jacques Le Goff (1990) a memória tem a habilidade de conservar certas informações, apesar disso, o cérebro possui a capacidade de se reorganizar de tempos em tempos desfragmentando e gerando novas conexões. Isso pode ser observado a partir da imagem mencionada, tendo a chaminé posta do lado contrário à da arquitetura verdadeira. Noeme, apresentou a fábrica criando uma simbologia da sua identidade, apresentando sua memória através de uma representação ilustrativa em que mostrava a sua visão da fábrica, a forma em que estava marcada em sua lembrança. A fábrica como identidade apresentada de forma discursiva apresentava reinterpretações, a partir da visão de cada indivíduo retribuída ao grupo social, junto as informações passadas.

Com isso, podemos observar que a fábrica, bem como sua representação se apresentava e ainda se apresenta até hoje como um elemento marcante na vida das pessoas que remete a traços de afinidade para o observador. Para Certeau (2012), o lugar tendo como principal característica a mobilidade está propenso a transformações, deste modo, podemos destacar que esses diversos usos que a fábrica sofreu ao longo dos anos resultou em mudanças significativas na cidade, no modo de ler o patrimônio. Sendo assim, reinterpretações em torno da velha indústria podem ser analisadas também através dos outros usos que a mesma sofreu ao longo do tempo. Evilásio

Jesuíno da Silva¹⁰⁸ um dos moradores mais velhos da cidade, conta que a fábrica teve diferentes utilidades após parar de funcionar com a fabricação de manteiga:

Antes de Simplício Mendes ter luz lá tinha luz, funcionou como escritório, colégio, as festas, reuniões, era tudo lá, missa, casamento [...] Meu pai e meu avô trabalharam lá, meu avô veio de Oeiras. Aqui era fazenda nacional. Aqui nós vivemos toda vida no regime do Estado, era fazendo do estado isso aqui, meu avô veio de lá Joaquim Jesuíno. Meu pai viveu toda vida envolvido nisso aí [...]Tenho 71 anos, e quando ela parou em 45, foi o ano que eu nasci, mas aí eu vi ela funcionando pilando arroz para meu pai, estava com todas as máquinas lá, ela tinha tudo algodoeiro, desnatadeira [...] lá tinha um quartozinho de tabá que ainda tinha manteiga que sobrou e não levaram, tava esturrada lá, tava vencida. E as outras coisas eu alcancei, vi uns frandeiros, pessoas que faziam bacia, banheira essas coisas na fábrica.¹⁰⁹

Essas novas formas de usos estão relacionadas a formas de apropriação do patrimônio, e de espaços públicos que é integrado nas cidades, tudo isso remete a uma gama de novas reflexões “quanto às possibilidades de estarem sendo gerados espaços participativos e de sociabilidades públicas”.¹¹⁰ Mediante os relatos orais, a fábrica deixou de ser usada para essas diversas atividades e sujeitou-se ao completo abandono, conseqüentemente a sua degradação, entretanto, de acordo com sites e jornais consultados, foi visto que desde a década de 1991 a antiga indústria vem sofrendo um processo de lutas em busca da sua restauração. Essa busca mediada por diferentes setores da sociedade não se empenha somente no ato da restauração, mas também pela reutilização do patrimônio como um espaço para o desempenho de atividades culturais e de sociabilidades, algo que mais a frente vai ser melhor explanado.

Mas, a questão por enquanto, está atrelada ao modo de como esses diferentes usos foram tomando proporções e apropriações diferentes, ao longo do tempo. No caso dos danos que o prédio vem sendo acometido, foi também uma nova forma de apropriação do patrimônio cultural na cidade de Campinas do Piauí. Contudo, o perigo a destruição no momento de abandono do patrimônio fez com que a busca pela manutenção e conservação se fortalecessem, ou seja, a busca pela memória, na medida em que vários grupos da sociedade fizeram com que esses tipos de práticas ligadas ao bem patrimonial fossem tomadas como necessárias ao bem da comunidade.

¹⁰⁸ Evilásio Jesuíno da Silva, nasceu na cidade de Oeiras em 1945 bem quando a indústria parou de funcionar. Seu pai e seu avô foram administradores da fábrica quando ainda funcionava de 1940 a 1945. Depoimento concedido a Camila Moura Fé. Campinas do Piauí-PI, 13 jun. 2016.

¹⁰⁹ SILVA, Evilásio Jesuíno da. Depoimento concedido a Camila Carvalho Moura Fé. Campinas do Piauí-PI, 13 jun.2016

¹¹⁰ SCOCUGLIA, Jovanka Baracuhy Cavalcante. **Sociabilidades e usos contemporâneos do patrimônio cultural**. Revista Vitruvius, n. 5, 2004.



Figuras 06 e 07: Fábrica de Laticínios Puro Leite em Campinas do Piauí atualmente. Fotos tiradas em 08 de outubro de 2015. Fonte: Acervo da autora.

As duas imagens mostram como o estado em que a fábrica se encontra atualmente, podemos ver pela sua aparência traços do abandono pela qual a indústria foi submetida. Os danos imposto sobre o prédio acarretaram na sua degradação, por outro também demonstram sua imponente, uma vez que ainda permanece firme diante da sua deterioração. Os danos que ameaçam o patrimônio são temidos no momento em que há um sentimento de posse pelo qual Mário Chagas ressalta, que diz respeito a identificação e afinidade tomado pelo patrimônio

A partir do momento que esse valor é identificado é que o sentimento de posse sobre o patrimônio pode ser colocado em prática. Ou seja, esse sentimento de posse é refletido no momento em que o indivíduo identifica algo que é possuidor de valor social que faz parte da sua vida, do seu passado, da sua memória, quando esse valor é sentido são elaboradas estratégias de segurança para preservação do patrimônio. Mas, no caso do perigo, ou danos a destruição dessa memória, ainda pode ocorrer, uma vez que, “aquilo que se apresenta como perigo para uns, pode não ser percebido como perigo para outros”¹¹¹

Por isso, é preciso que haja a, por parte do indivíduo ou grupo a identificação de um valor seja ele mágico, econômico, simbólico, artístico, histórico, científico, afetivo ou cognitivo. Pois, sem essa identificação a preservação não será deflagrada, ainda que haja o perigo de destruição.

Podemos observar esse contexto em relação a fábrica de laticínios em Campinas do Piauí, os maquinários que sediavam a fábrica, que no passado e no presente foram objetos de grande fascínio entre a população, foram roubados do prédio, por que não havia estratégias de segurança para impedir os roubos, conseqüentemente houve danos ao patrimônio. Segundo os relatos dos moradores, a fábrica ficava aberta, não tinha uma pessoa que cuidasse da sua

¹¹¹ CHAGAS, Mário. Cit. p. 209.

manutenção. Além da perda dos maquinários, a fábrica ficou suscetível a depredação, pichação, lixo que inunda todo o prédio por dentro, é como se encontra hoje.

Veio para cá um cearense e carregou os maquinários. Queria levar a caldeira também, mas teve como por ser muito pesada. Quando Zé Moraes era prefeito, ele fez um apelo para o governo contando a história, então o governador proibiu. Isso foi muito tempo depois que parou de funcionar [...], mas, tinha muita coisa boa ali dentro, eu era menina, mas me lembro muito bem.¹¹²

Por outro lado, a ameaça constante dos danos a perda sobre estes objetos de valor também pode ser ocasionada, paradoxalmente, por um reconhecimento oculto do seu valor material. Quem roubou os maquinários da antiga fábrica de manteiga também reconhecia o valor que aqueles móveis representavam, o interesse sobre esses objetos partiu ou do valor relacionado a uma vantagem financeira, ou seja no dinheiro da venda que os maquinários poderia proporcionar, ou esse interesse poderia advir do valor simbólico e histórico que desses objetos, e se formos pensar nessa segunda hipótese, é possível que a pessoa que furtou queira guardar pra si as peças da fábrica por ter se identificado com essa memória. Isso é completamente possível. É o interesse privado sobre os interesses públicos.

Na cidade de Oeiras na Fundação Nogueira Tapety, é possível encontrar alguns registros, documentos e fotos da fábrica. Esses registros foram coletados por essa instituição porque na cidade não havia nenhum órgão ou políticas públicas voltadas para conservação desse material. No relato anterior a depoente diz que os maquinários foram roubados por um cearense, porém, há outros relatos que sugerem a possibilidade desses maquinários estarem escondidos em Oeiras. Mas, o fato é que seja onde estiverem esses objetos eles estarão sujeitos a novas significados e funções.

Não basta preservar contra a ação do tempo é preciso também garantir a prerrogativa do interesse público sobre o privado, mesmo reconhecendo que sob essa designação (interesse público) ocultam-se diversos grupos de interesse, interesses diferentes e até mesmo conflitantes.¹¹³

Retomando a discussão sobre o sentimento de posse que acontece no plano no da identificação do valor social do patrimônio, já foi discutido aqui que as práticas de proteção, preservação e prevenção desses bens só acontece quando há esse processo de identificação dos valores, sejam eles culturais, simbólicos, artísticos, científicos ou afetivos que alcança um sentido na vida de forma individual ou coletiva. Entretanto, é importante lembrar e considerar

¹¹² CARVALHO, Maria de Jesus. Depoimento concedido a Camila Moura Fé. Campinas do Piauí-PI, 08 out. 2016.

¹¹³ CHAGAS, Mário. Cit. p.210.

que a população não é um todo homogêneo, pelo contrário ela é composta de segmentos e interesses múltiplos e muitas vezes conflitantes.

Portanto, é totalmente capaz de uma mesma população encontrar “processos de identificação e identidades culturais completamente distintos e que não cabem em determinadas reduções teóricas”¹¹⁴. Em vista disso, podemos chegar a uma compreensão que as identidades culturais locais, não são homogêneas também, como acontece na cidade de Campinas (PI), observamos que há grupos não se identificam com a história da fábrica, em contraposição, encontramos aqueles que se identificam, a ponto de lutarem intensamente para a manutenção e conservação do prédio.

3. 2 Grupos sociais e o constante processo de lutas pela restauração da fábrica de laticínios.

Esses grupos que se identificam com a história e memória da fábrica, acontece de maneira tão forte que tentam buscar a sua reconstituição, como Maria do Socorro Alves, que tem em sua casa um pequeno acervo com fontes sobre a história do antigo prédio, o que mostra sua busca pela memória, assim como ela outras pessoas na tentativa de resgarde do patrimônio lutaram para que seu tombamento fosse efetivado. Esse panorama demonstra novamente aquilo que já foi exposto no decorrer dessa análise, é a memória em conflito.

A disputa das memórias que Pollak aborda, ocorre quando as memórias diversas entram em conflito com a memória oficial, que predomina como sugere Le Goff, as sociedades históricas. Essa memória oficial é estabelecida e fincada pelos vencedores, que dominam a memória coletiva, conseqüentemente, ditam a memória. Ditam o que/como os acontecimentos devem ser lembrados. As memórias subterrâneas entram em cena no momento em que encontram uma brecha para brigarem por seu passado, portanto, saem do seu estágio de silenciamento para se imporem na construção de novas histórias. As minorias, os excluídos ou esquecidos enfrentam uma disputa com essa memória dominante, por que não são grupos passivos.

Deste modo, a busca pela memória se mostra se mostra em um palco de disputas. “A memória elemento essencial do se costuma chamar de identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia”¹¹⁵.

¹¹⁴ Idem, p17.

¹¹⁵ LE GOFF, Jacques. Cit. p. 476.

Outro exemplo de tentativas de restauração da fábrica, foi em 2007 quando a Fundação Nogueira Tapety, convidou para visitar a fábrica artistas, jornalistas e pesquisadores, que se juntam para realizar um planejamento acerca de uma reforma, tida como emergencial para evitar a destruição do prédio. Os professores Fonseca Neto, Luiza Miranda, Marcos Vilhena, Cineas Santos, figuram os nomes que fizeram parte de tal empreitada.

A fundação Cultural do Piauí era a instituição que estava à frente dessa organização, que pretendia além de restaurar o prédio, transforma-lo em um espaço cultural, onde as pessoas pudessem desenvolver atividades educacionais e artística. Porém, a verba que o projeto iria receber de 480.000,00 reais do deputado Kleber Eulálio, não era suficiente para fazer a reforma, que se converteria no modo de um centro cultural.

[...] Um propósito observado pelos integrantes da caravana é o fato da população estar consciente da necessidade de restauração do e a sua ocupação com atividades educacionais artísticas.

Na ocasião, a equipe fez uma reunião com os moradores, que perceberam a urgência da reforma e a necessidade de preservação do espaço, que até pouco tempo era usado como depósito de lixo. Segundo o professor Cineas Santos, foram retirados da Fábrica de Laticínios 200 caminhões de entulhos.

A Fábrica de Laticínios tem uma área construída de 1000m, com dois pisos. O espaço é suficiente para abrigar mais cine-teatro, auditório, salas de aula, salas de computação, dança, galeria de arte [...] ¹¹⁶.

Nas entrevistas feitas em Campinas do Piauí, os moradores assim como a matéria menciona, percebem a urgência da tomada de medidas concernentes a uma manutenção e restauro, a serem aplicadas sobre a indústria. Participam, desse movimento juntamente com os pesquisadores, e é importante ressaltar isso, porque, como já foi mencionado essas tentativas de se conseguir a restauração do prédio, implica na busca pela memória, na memória em disputa. Evidencia as minorias, essas memórias diversas, plurais, na briga pela conservação e manutenção do patrimônio.

Deste modo, o interesse pelo patrimônio e suas ações inseridas nele, como o caso da imposição, já implica novamente a questão de resignificação com os novos usos do patrimônio, bem como na sua transformação em um centro cultural na fábrica em Campinas do Piauí. Essa preocupação parte do interesse de determinados setores da sociedade que identificam tais valores sociais, e além disso, a maior interesse surge justamente desse reconhecimento que decorre no âmbito da memória que sugere a interpretação de novas práticas socioculturais.

Nesse sentido, é esse sentimento de identificação, que determina o valor social do objeto, haja vista que o sentimento de posse é exercido através das práticas de preservação

¹¹⁶ Dossiê de Tombamento vul2. Disponível em IPHAN, Teresina. 2017.

como consequência disso a causa o resguarde pelo patrimônio é ensejada. Assim, são pensados em meios e estratégias para promover as ações de preservação. O exemplo disso, está no recorte do jornal acima, onde grupos de pesquisadores e intelectuais montam um projeto baseando em dispositivos para a manutenção do prédio, contudo, tal projeto não surte efeito.

Pelo motivo de que o recurso insuficiente impediria o projeto, então, a fábrica novamente sofre em meio a essa luta, e se encontra dentro de um conflito. É interessante notar que nas várias tentativas de restauração e manutenção da antiga indústria de laticínios, em todas não há progresso no sentido de alcançar um efeito mais consistente sobre as táticas para a manutenção do prédio.

Em 1992, o escritor piauiense Bujija Brito, natural de Oeiras, mas que morava no Rio de Janeiro a mais 50 anos, volta a sua terra natal, e veio mais que para uma simples visita em sua cidade, iria para a cidade de Campinas prontificado a verificar o estado de precariedade que se encontrava o prédio, e planejar um projeto de reivindicação para seu restauro, junto com o promotor Carlos Rubem. Os dois tinham como intuito alertar as autoridades a para a importância da sua reforma.¹¹⁷

Podemos observar que vem de muito tempo as tentativas de restauro e manutenção acerca do prédio. Já foi mencionado no primeiro capítulo um ocorrido relativo a um abaixo assinado em forma quase de suplico de uma das moradoras da cidade, uma das entrevistadas. Maria do Socorro Alves Moura, sempre teve interesse em buscar tudo quanto fosse referente a fábrica de manteiga. Nesse projeto ocorrido no ano 2000, ela pedia o tombamento do prédio através do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico (IPAHN), em nome de toda a comunidade de Campinas do Piauí. Nessa época, ela era secretária de educação da cidade. A mesma pedia não só o tombamento como a reconstrução da fábrica que se encontrava, segundo as palavras dela em total abandono:

[...] nós pedimos a V. Exa. Que tudo por quanto é sagrado, que veja com toda atenção, este pedido de socorro, a este tão valioso monumento, que para nós campinenses é um orgulho, e para o Estado é um privilégio, de entre outros, ele é o único que possui esta preciosidade. Na reconstrução desta Fábrica de Laticínios, a cidade de Campinas do Piauí, e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, é quem sai ganhando, porque no prédio, poderão ser alojados os órgãos Estaduais, Municipais e outros, trazendo para o município uma economia em aluguel, gerando renda para nosso município.¹¹⁸

¹¹⁷ Dossiê de Tombamento vul2. Disponível em IPHAN, Teresina. 2017.

¹¹⁸ Idem.

Interessante analisar no seu discurso quando argumenta sobre o orgulho que tem a fábrica para a população local e o privilégio que tem o Estado, já foi a primeira indústria de laticínios no Nordeste. Nessa perspectiva é possível pensar as relações entre patrimônio e sociedade no plano da memória. “Se assim for deduz-se que a interpretação das práticas culturais conjuga memórias e sentidos de pertença de indivíduos e grupos”¹¹⁹ Desse modo, entendemos os aspectos identitários que tendem a se fortalecerem voltando-se para a valorização dos bens culturais da comunidade. Com isso, esse sentimento de pertencimento também consolida as particularidades territoriais, possibilitando que populações de certas localidades participem dessas práticas ao longo do tempo.

“Cidim quando foi prefeito aqui, tinha vontade de conseguir ajuda para reformar a fábrica, só que com recurso da prefeitura não dava para ajudar, lutou muito, mas não conseguiu. Já foi tombada. Nos papéis ela é tombada”¹²⁰. Cid de Moura Araújo Júnior foi prefeito na cidade de Campinas do Piauí no ano de 2008. Quando começou sua gestão, a indústria já não recebia mais verbas para sua manutenção, que mesmo quando recebia não era mantida, dessa maneira, tentou arranjar formas de conseguir novamente que o edifício recebesse algum tipo de investimento financeiro, porém não obteve retorno. O referente prefeito, se mostra, aparentemente, engajado a conseguir o financiamento, no entanto, não teve êxito.

Ainda relata a depoente Maria Jesus de Carvalho sobre a fábrica, “Aí estava aberto a lei da natureza. Wellington Dias quando era candidato a governador em Pernambuco foi quem mandou fechar”. O relato diz respeito a uma tentativa de submeter a preservação e restauração da fábrica depois da sua invasão, quando um poder político se revigora, mas foi preciso que a atenção voltada ao prédio viesse de uma outra instância, já que o poder público municipal não conseguia manter a segurança do prédio.

Em 2005, o candidato a governador Wellington Dias entra com um projeto a fim de restaurar a fábrica de laticínios, seu objetivo era garantir a manutenção da mesma, em parceria com o Ministério da Cultura. Em entrevista feita o candidato se mostra atraído pelo prédio, afirmando que sua preservação conservaria a história do Piauí, tendo em vista que a indústria foi a primeira do Nordeste, dessa forma, entende a necessidade da sua manutenção, ainda ressalta tinha sido no passado uma região bastante desenvolvida, fazendo parte das fazendas nacionais, portanto, era preciso “resgatar sua memória para o bem das gerações”.

¹¹⁹ PELEGRINI, Sandra C. A. cit. p. 255.

¹²⁰ CARVALHO, Maria de Jesus. Depoimento concedido a Camila Moura Fé. Campinas do Piauí-PI, 08 out. 2016.

Até 1954, ela tava perfeita com tudo aí dentro, não faltava nada. Nenhuma porta, nenhuma janela, nem essas duas escadas. Foi muito importante para o povo que trabalhava aqui, ainda tem muitos descendentes que trabalhavam nela, tem netos e bisnetos deles. O prestígio dessa fábrica para o país como foi a primeira do Nordeste, a beleza dessa fábrica, era coisa linda.¹²¹

O termo “preservar” significa não destruir algo, pôr- (se) ao abrigo de algum mal, conservar-se, resguardar-se. Diante disso percebemos na citação acima, que essa palavra é mencionada pelo senhor José Belém de Sousa com tom de tristeza, visto que a importância da fábrica, para ele, tem utilidade para as outras gerações, e para a história da comunidade, assim, ele enfatiza de forma contundente o estado que o prédio se encontra, o que se deve à falta de preservação.

Atualmente grupos de estudiosos e pesquisadores se interessam cada vez mais pelo patrimônio pela sua dimensão não só no campo sociocultural como também uma forma de resgatar do passado e memória, para que sobreviva nas próximas gerações, é caso de grupos que lutaram pela restauração da fábrica em Campinas do Piauí. Mesmo que as experiências sejam pessoais, como a de cada um dos entrevistados, a memória se faz da interação de um indivíduo com outros, portanto, a memória coletiva resulta dessa interação entre os grupos sociais.

A memória no campo patrimonial passa a ser um fator fundamental de no que diz respeito a compreensão das memórias em disputa, pois, como já foi demonstrado ocorreram vários episódios de tentativas e lutas em prol de reformas e manutenção da fábrica. O que demonstra um processo de briga pela memória que existe até hoje na cidade de Campinas. É fácil perceber como os sujeitos que compõem esses grupos se identificam com esse passado e querem preservá-lo.

Mas, é sempre relevante destacar que a importância e o interesse no patrimônio, não se baseia apenas no seu vínculo com o passado, mas também pela sua ligação com os impasses do presente, ou seja, a insurgência de elementos cotidianos segmentados na atualidade, os modos de viver e fazer, a interação de indivíduo com os demais, noções de sentimentos e ideias. Tudo isso consiste nas formas de mediação entre tempo e espaço.

3.3 É preciso pensar em novas políticas de patrimônio.

No Brasil existia uma política cultural bastante limitada, tendo em vista que a questão do patrimônio seja, ele material ou imaterial, era antes definido por uma política restritiva, que

¹²¹ DVD com vídeo A fábrica de manteiga e queijo das Fazendas Nacionais do Piauí: uma história contada pelos seus trabalhadores, produzido pela 19ª Superintendência Regional do IPHAN-PI em parceria com a Associação Brasileira de Documentaristas e Curta-Metragistas no Piauí, 2007.

excluía grande parte das representações socioculturais da população. O povo não tinha uma participação visível no que se refere as manifestações culturais. Contudo, esse processo vem sendo rompido, e novos instrumentos são postos no que diz respeito a uma inclusão e diversificação na participação de várias camadas da sociedade. Esses novos instrumentos acabaram gerando avanços quanto ao dispositivo do tombamento.

A compreensão desses novos instrumentos parte do reconhecimento “de uma singularidade ética, mestiça, impulsionada por um grupo de pessoas completamente contemporâneas”¹²², que começam a propor um novo projeto ao país tendo como base a construção de uma nova arte, seja ela audiovisual, gráfica, urbanística, e também tendo nesse processo uma visão nova no que se refere a conservação do patrimônio.

Pensar em políticas voltadas ao patrimônio, é planejar uma política de cultura, que está relacionado a organização de práticas preservacionistas. No caso de um processo de tombamento, por exemplo de cidades, ou prédios, seja de domínio estadual ou municipal, deve-se considerar que essa ação implica na conservação e valorização de manifestações do passado, que fazem parte da nossa história, pelo menos de uma parte do que podemos contar dela.¹²⁹ Ocorre muitas vezes, no ato da efetivação do tombamento, ou seja quando transformado um objeto histórico em patrimônio cultural, esse não haver uma proteção pelo órgão estadual ou municipal.

Todo patrimônio construído no século XIX é patrimônio cultural, entretanto nem todo patrimônio cultural do século XIX é protegido pelo órgão federal, estadual ou municipal. Seguindo essa lógica devemos considerar aquilo que nos ajuda a contar a história queremos do nosso país, do nosso estado, do nosso município.¹²³

Não basta apenas mudar para a condição de tombado como patrimônio cultural, tem de haver também uma política de proteção do órgão que fundamentou esse tombamento, pois, se não se for organizado dessa maneira o patrimônio pode sofrer danos, levando a sua deterioração, pela ação humana ou pela ação natural do tempo. Outra questão que vem interligada a isso, é a educação nesse meio. A escola tem que inserir essa política de preservação do patrimônio, tem que ser ensinado com uma disciplina. Desse modo, compreender a cultura e o patrimônio se tornam atividades que envolve todo o interesse de uma comunidade.

¹²² ALMEIDA, Luís Fernando; Patrimônio, história e sociedade. In: Áurea da Paz Pinheiro e Sandra C. A. Pelegrini. (Org.). **Tempo, Memória e Patrimônio Cultural**. 1a.ed.Teresina-Piauí: Editora da Universidade Federal do Piauí, 2010, v. 1, p. 103-113. ¹²⁹ ALMEIDA, Luís Fernando. Cit. p. 111

¹²³ Idem, p.112.

Na cidade de Campinas do Piauí, pode ser analisado essas duas questões, depois que a fábrica de laticínios do final do século XIX foi submetida a condição de patrimônio cultural pelo IPHAN, continuou sem nenhuma proteção do órgão municipal. Também, no sistema de ensino da cidade não houve uma educação voltada a importância histórica do patrimônio.

No projeto de tombamento produzido pelo IPHAN, há sua justificação foi pautada em dois fatores vistos como mais relevantes para a construção do tombamento: primeira, a importância da fábrica do ponto de vista histórico, já que ela remete as Fazendas Nacionais, e assim, a formação do Piauí, transformou as relações de trabalho da região que até então se baseava na mão-de-obra escrava. Visou no crescimento econômico e social da região que se encontrava antes abandonada da pelo poder governamental.

O segundo ponto analisado foi a origem das cidades de Campinas do Piauí, em torna da indústria, ainda se levou em consideração seu aspecto arquitetônico, já que constitui em uma edificação marcada pelo modelo neoclássico, do patrimônio edificado no Brasil entre o final do século XIX e começo do XX. É a partir dessas duas questões que o documento de tombamento é articulado.

A história desse processo de acatamento já é antiga. Aqui devemos registrar alguns fatos que apenas comprovam o apoio incontestado pela sociedade piauiense a esse tombamento federal. No ano de 1977, o chefe da Procuradoria do Estado, o Sr. José Eduardo Pereira, solicitava informações ao IPHAN para que pudesse “encaminhar o pedido [de tombamento federal] dentro das exigências regulamentares”. A partir disso foi aberto um processo que – ao que tudo indica – foi arquivado em função de um erro “na digitação do banco de dados”: Campinas do Piauí foi confundida com a cidade de Campinas paulista, impedindo a instrução do processo¹³⁸.¹²⁴

Embora, a confusão que girou em torno do nome da fábrica tenha ocasionado em um equívoco de informações, nesse período a fábrica foi mencionada em vários noticiários do Estado e “o desejo de que o prédio fosse tombado era constantemente revigorado”.¹²⁵ Só no ano de 2000, é que o IPHAN recomeça os estudos da Fábrica e inicia o da Escola São Pedro de Alcântara, em Floriano, o projeto de tombamento visava as duas mesmo tempo.

Nesse mesmo ano, a secretária municipal de educação da cidade de Campinas, a Sra. Maria do Socorro Alves Moura, fez um abaixo-assinado onde coleta 334 assinaturas dos moradores da cidade e, junto a isso envia um ofício ao presidente do IPHAN pedindo o tombamento do prédio.

Em 2006, dois meses após o envio do ofício, a equipe técnica do IPHAN, por se encontrar em condições técnicas mais favoráveis, ter reiniciado os estudos para fundamentar a

¹²⁴ Dossiê de Tombamento vul1. Disponível em IPHAN, Teresina. 2017, p.68.

¹²⁵ Idem, p.69.

proposta de tombamento do conjunto da Fábrica de Laticínios das Fazendas Nacionais e da Escola Rural São Pedro de Alcântara.¹²⁶ A Fundação Nogueira Tapety, juntamente com o IPHAN deram início a uma campanha intensa em defesa do tombamento federal da Fábrica. O promotor de justiça da cidade de Oeiras, Carlos Rubem Campos Reis, em ofício no dia 13 de dezembro elaborou um histórico, que consiste em um inventário das obras escritas que tratam da “Fábrica de Laticínios dos Campos”.

Portanto, são questões importantes que giram em torno do projeto de tombamento e devem ser inseridas na criação de políticas de cultura, de preservação do patrimônio. Por que, fazem parte da história, da cultura da cidade, por consequência disso o tombamento deve ser útil não no sentido de instituir a importância de um legado, de uma memória, mas também de instituir práticas de reflexão no presente sobre as relações que o patrimônio pode contribuir a uma leitura diferente da cidade, uma leitura crítica que faça com que pensemos de maneira profundo nas vivências, na relação de um ser com outro.

Temos a criação de discursos que justificam essa ausência de política do patrimônio, usando o seguinte argumento: a falta de verba não impossibilita a restauração, a manutenção e conservação do patrimônio. Essa falta de recursos de fato existe, no entanto, devemos nos alertar para esses argumentos, no sentido de não deixar que esse fator limite nossas ações no ato das práticas de preservação.

Nunca vai haver recursos suficientes, então não podemos esperar que o poder estadual ou federal intervenha sempre no patrimônio que temos como nosso. “Porque a conservação do patrimônio cultural não deve ser resolvida por um Estado forte e intervencionista que recupera todo o patrimônio cultural brasileiro”.¹²⁷ É necessário que a planejar atividades que garantam a sustentabilidade do patrimônio, mas esse planejamento deve ser compreendido com uma ação que parte da comunidade, visto que o patrimônio estabelece essa gama de valores compartilhados.

Nesse sentido, é importante a criação de estratégias para estabelecer práticas de preservação, instituir uma política de cultura do patrimônio é uma atividade que não está restrita somente aos órgãos federais, estaduais e municipais. Ao contrário disso, é mais uma ação nossa, quando reconhecemos o patrimônio como parte da nossa vida, por seus valores sociais, simbólicos e imaginários de forma imediata, pensamos num modo de socializar, analisar, estudar procedimentos que garantam não só a segurança do patrimônio, mas também

¹²⁶ Dossiê de Tombamento vull. Disponível em IPHAN, Teresina. 2017, p.69

¹²⁷ ALMEIDA, Luís Fernando. Cit. p. 112

do direito a busca da memória. Entendendo que esse patrimônio media nossas relações entre passado e presente.

Um exemplo de estratégia para essas práticas de política de cultura é a produção trabalhos visando no reconhecimento cada vez maior do patrimônio. Todo patrimônio exerce importância não só na esfera local, tem relevância nacional, nesse sentido é essencial demonstrar de várias formas a preponderância do patrimônio em todos os diversos setores de conhecimento, como por exemplo, a questão política, econômica, social, cultural, religiosa.

A história da fábrica de laticínios entre tantas dimensões que ela pode oferecer, vai ser dado exemplo aqui da sua dimensão política e como exerce um caráter geral sobre o patrimônio. Os conflitos políticos entre Sampaio e a elite agrária do Estado, mostram relações de poder que não é novidade só no Piauí, na história Brasil de forma geral essas relações reaparecem constantemente. Temos também com Mauá, esse palco de embates políticos como foi demonstrado.

A implantação de uma indústria em meio ao nordeste pobre, e caracterizado pela seca, na tentativa de transformar a região economicamente e socialmente trazendo o progresso para Campos, demonstra uma atitude transformadora. Antônio José de Sampaio, via nessa região condições favoráveis para o funcionamento de uma grande indústria, que decide por excelência montar seu empreendimento no sertão piauiense. Se tornaria um dos homens mais ricos, por ter a propriedade das fazendas Nacionais sobre sua administração.

O impulsionamento da industrialização seria de longe o primeiro contato em todo Nordeste. Mas sua presença se tornou subversiva, os jornais pregavam um discurso ante os projetos de Sampaio. A elite que cobiçava as terras situadas nas Fazendas Nacionais vai articular estratégias para destituir o engenheiro do direito de arrendatário das fazendas. O Piauí retoma a suas velhas práticas vinculadas a uma agricultura de subsistência.

Com isso, podemos observar que são questões de relevância geral que são importantes para pensar o patrimônio. Estratégias e instrumentos concernentes as políticas de cultura do patrimônio são pensadas a partir do momento que somos capazes de analisar e qualificar elementos de importância a serem compartilhados.

Por isso, precisamos carregar o sentido daquilo que dizemos e empregar a lógica na maneira que como analisamos os problemas, temos de estar juntos e coesos para estabelecer fóruns que, cada vez mais, incorporem novos componentes e novos agentes sociais. São muitos os agentes os quais temos dialogado. Porque o patrimônio só tem sentido, como um fato social, na medida em que é compartilhado.¹²⁸

¹²⁸ ALEMIDA, Luís Fernando. Cit. p. 113

A discussão sobre patrimônio e seu valor social como já abordado aqui, insere uma contribuição para entendermos questões como, memória, poder e resistência no momento em que evidencia as disputas de memórias. O processo de controle do passado, repercute o controle do presente, mas esse domínio exercido pela memória oficial, não é eterno, nem duradouro, vai haver o momento em que outras diversas memórias vão entrar em cena para resistir as tentativas de apagamento, de silenciamento, e dominação. No campo do patrimônio essas relações são demonstradas na busca do direito a memória pelos grupos.

“Algo vivo, permanece a grupos vivos, possível de ser esquecida, porém, podendo sempre ser lembrada, desde que se tenha necessidade disso”.¹²⁹ Há uma pluralidade de memórias, e para cada grupo sempre vai existir uma multiplicidade de lembranças do passado que se impõe no presente. Essa coletividade de pensamentos é o que dá sentido ao indivíduo enquanto parte de uma comunidade. Assim, as experiências, vivências e as marcas identitárias vão ser aspectos importantes para compreender esses grupos. Ou ainda compreender os impasses das memórias subterrâneas versus memória dominante.

A articulação em torno do patrimônio pode ser excludente e perversa, pode ter função emancipadora ou coercitiva.¹³⁰ A compreensão desses fatores também mostra a mediação entre o patrimônio e a cidade, quando revela as relações cotidianas. As tentativas de da população pela restauração da fábrica, a briga da memória marca de forma profunda o desejo por essa busca da memória.

Um edifício em meio a cidade, convertido em patrimônio cultural abriga todas essas questões da memória. Essas questões são ainda mais perceptíveis quando se olha os estilhaços, as marcas depredatórias, os arranhões que transformaram o prédio em ruínas. A cidade tem uma infinidade de dimensões nas quais pode ser analisado as compreensões humanas. Uma delas é o patrimônio cultural.

¹²⁹ OLEIVEIRA, Almir Felix Batista. Cit. p. 30

¹³⁰ CHAGAS, Mário. **Casas e portas da memória e do patrimônio**. Revista Em Questão. Porto Alegre. Edição 13. n. 2, p. 207-224, jul/dez 2007.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fábrica de laticínios em Campinas do Piauí consiste em um espaço marcado por conflitos políticos travados na segunda metade do século XIX que ressoam até os dias de hoje quando observamos as ruínas que moldam o velho prédio percebemos que o passado se faz sentir no presente e que a tentativa de apagamento desse passado sofre um processo de resistência na atualidade. As formas de dominação da memória transformaram a fábrica nesse lugar assombrado e decaído, mas essa memória dominante jamais sairia ilesa porque no momento mais propício ela cairia por terra, no instante em que as memórias subterrâneas se colocam em ação, na busca pelo passado e no direito de participação na produção do conhecimento histórico.

O fracasso de Antônio José de Sampaio bem como do seu empreendimento, revela muito sobre as relações de poder que constroem a memória oficial. A elite piauiense que comandava a política no Piauí articulou não só a destituição de Sampaio como arrendatário das Fazendas Nacionais, mas também sistematizou o encaminhamento da sua memória na tentativa de um apagamento. A memória dominante é baseada por grupos sociais que agem de acordo com seus interesses e como visto as fazendas e seus benefícios vinculados a um grande poder econômico era o que girava em torno dessas classes.

Antônio José de Sampaio, desde sua chegada sempre foi consumido pelo sentimento de angústia e deslocamento. A realidade social e econômica do Brasil o fazia enxergar a maneira com que era organizada a política do país ainda atrasada e muito distante daquilo que seus olhos estavam acostumados a ver nos países da Europa em que estudou. No entanto nada disso lhe impediria de construir o maior empreendimento industrial, dono de uma volumosa herança e qualificado pelos melhores centros de ensinamento da Suíça Sampaio desejava colocar em prática aquilo que havia aprendido, ainda mais porque o país apresenta as melhores condições para o desenvolvimento da agroindústria. O Piauí, sobretudo, era comparado a Suíça por Sampaio, pelo favorecimento da vegetação, do gado, das condições climáticas.

Contudo, o forte sistema tradicional entranhado propagava frequentemente o discurso em negação ao empreendimento de Antônio José de Sampaio afirmando que tal projeto não tinha recursos suficientes para seu pleno desenvolvimento. Mas Sampaio a todo tempo se empenha em provar que essa concepção não era falida, haja vista que ele dá a solução para essa deficiência do governo como o seu descaso em relação ao Piauí, porém, sua voz não tinha efeito em meio ao discurso dominante que tomava de conta dos veículos de comunicação. Assim o fracasso do engenheiro assim como da fábrica foram dois alvos certos.

Como consequência, a construção da memória de Antônio José de Sampaio assim como da indústria se tornou dispersa e vaga, mas olhando para o prédio podemos observar através de suas ruínas que essa memória ainda resiste. As memórias subterrâneas quando entram em disputa articulando formas de resistência mostram o seu direito ao passado, mas, principalmente, mostram a existência de memórias concorrentes. Até hoje existe briga e luta pela restauração e manutenção da fábrica, visto que o patrimônio cultural é um espaço onde as pluralidades atuam. O sentimento de identidade e pertencimento estão voltados ao patrimônio de maneira forte e representativa por parte dos grupos que é sempre importante evidenciar tudo isso para que possamos sempre ver o conceito de cidadania de uma forma democrática.

As políticas de preservação se tornam mais importantes nesse sentido, pois são políticas de cultura que visam na conservação do patrimônio histórico. Quando essas políticas são planejadas o valor do patrimônio não corre o risco de danos a destruição. Na cidade de Campinas do Piauí, já foi visto diversos setores da sociedade, como moradores da cidade, grupos de pesquisadores de fora se empenhados para que a fábrica seja mantida e conservada, esses grupos sociais que se identificam com patrimônio se colocam nessa busca porque reconhecem a importância do prédio não só do ponto de vista histórico, mas também porque a fábrica faz parte da influi diretamente na vida dessas pessoas.

Portanto, a fábrica de laticínios conduz a uma relevância local e geral, quando comporta a compreensão política, econômica e social de um tempo passado, mas que influencia diretamente no presente. Para além disso, ainda contribui para compreender a busca pela reconstituição desse passado que tentou burlar o presente, são essas disputas pela memória que faz com tenhamos a capacidade de pensar de forma mais crítica o patrimônio cultural.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Luís Fernando; Patrimônio, história e sociedade. In: Áurea da Paz Pinheiro e Sandra C. A. Pelegrini. (Org.). **Tempo, Memória e Patrimônio Cultural**. 1a.ed.Teresina-Piauí: Editora da Universidade Federal do Piauí, 2010, v. 1, p. 103-113.

A Legalidade (PI), Teresina. Ano 1, n.18, 7 maio. 1892.

AUMONT, Jacques. **A Imagem**. Campinas: Papirus, 1995

BAAD, Joel Haroldo. **Princípios Metodológicos para trabalho com fontes orais**. Revista da UNIFEBE. Edição 1. Janeiro/Julho, 2013.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembrança de velhos**. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

BURKE, Peter. **História como memória social**. In: Peter Burke. Variedade de História Cultural. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 2006. P. 69-112.

CALDEIRA, Jorge. **Mauá, empresário do Império**. Companhia das Letras; Edição 1, 1995.

CARVALHO, Maria de Jesus. Depoimento concedido a Camila Moura Fé. Campinas do Piauí-PI, 08 out. 2016.

CERTEAU, Michael de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. 19. ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes 2012.

CONSENTINO, Daniel do Val. **A Transição do Trabalho Escravo para o Trabalho Livre e as Raízes das Desigualdades Sociais no Brasil**. p. 02 Disponível em: http://www.economia.unam.mx/cladhe/registro/ponencias/448_abstract.pdf. Acesso em: 24 de Agosto de 2017.

CHAGAS, Mário. **Casas e portas da memória e do patrimônio**. Revista Em Questão. Porto Alegre. Edição 13. n. 2, p. 207-224, jul/dez 2007.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Tradução Maria Manoela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. 245p.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral- memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DVD com vídeo A fábrica de manteiga e queijo das Fazendas Nacionais do Piauí: uma história contada pelos seus trabalhadores, produzido pela 19ª Superintendência Regional do IPHAN-PI em parceria com a Associação Brasileira de Documentaristas e Curta-Metragistas no Piauí, 2007.

ESTABELECIMENTO DAS FAZENDAS Nacionais do Piauí. **Dossiê de Tombamento da fábrica de manteiga e queijo em Campinas e da Escola Rural São Pedro de Alcântara em Floriano**. Dossiê produzido pelo IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Volume I. Em Abril de 2008. Disponível no site do IPHAN: <http://www.fnt.org.br/painel.pdf>. Acesso em 14 de março 2016

FREITAS, Sônia Maria. **História Oral: possibilidades e procedimentos**. São Paulo: Humanista / FFLCH / USP: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

GROSSI, Yonne e FERREIRA, Amauri. **Razão narrativa: significado e memória**. História Oral (4). São Paulo: ABHO, 2001.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffer. São Paulo: Vértice, 1990.

<https://crcfundacpiauui.wordpress.com/2012/09/10/restauracao-da-fabrica-de-laticinios-campinas-do-piauui-pi-convenio-mecenato/>

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão. [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

MOURA, Maria do Socorro Alves. Depoimento concedido a Camila Carvalho Moura Fé. Campinas do Piauí-PI, 08 de out 2016

MOURA, Joyce Nunes de. **Sociabilidade e interação entre operários da fábrica de laticínio de manteiga puro leite, em Campinas Piauí**: retrato de uma época de 1897 a 1945. 82p. Monografia (licenciatura plena em história), UFPI – PICOS, 2013.

MONTEIRO, Charles. **História, fotografia e cidade: reflexões teórico-metodológicas sobre o campo de pesquisa**. In: Revista Métis: história& cultura — v. 5, n. 9, p. 11-13, jan./jun. 2006.

MOTT, Luíz R.B. **Piauí Colonial: População, Economia e Sociedade**. Teresina: Projeto Petrônio Portella, 1985.

Mensagens do Governador do Piauí para Assembleia. Mensagem apresentada a câmara legislativa. Teresina, junho, 1897.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. IN Revista Projeto História. Nº 10 História & Cultura. São Paulo: PUC-SP – Programa de Pós-Graduação em História, dezembro de 1993: Autêntica, 2006

OLIVEIRA, Almir Felix Batista de. **Memória e Patrimônio Histórico**. São Cristóvão: Editora UFS, 2010, p 206.

PAUL, Ricoeur. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução Alain François. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

PADRÓS, Henrique Serra. **Usos da Memória e do Esquecimento na História**. Revista Literatura e Autoritarismo. Edição 4.

PELEGRINI, Sandra C. A.; Memórias, identidades e políticas preservacionistas. In: Áurea da Paz Pinheiro e Sandra C. A. Pelegrini. (Org.). **Tempo, Memória e Patrimônio Cultural**. 1a.ed.Teresina-Piauí: Editora da Universidade Federal do Piauí, 2010, v. 1, p. 233-248.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade social**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. (Tradução de Dora Rocha Flaksman). Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989

PORTELLI, Alessandro. **História Oral e Poder**. Conferência no XXV Simpósio Nacional da ANPUH, Fortaleza, 2009.

SAMPAIO, Antônio José de. **Descrição Geral do Estado do Piauí**. Tradução de Maria Cacilda. Imprensa oficial. Teresina, 1963.

SILVA, Evilásio Jesuíno da. Depoimento concedido a Camila Carvalho Moura Fé. Campinas do Piauí-PI, 08 de out. 2016.

SILVA, Leônidas Rêgo da. Depoimento concedido a Camila Carvalho Moura Fé. Campinas do Piauí-PI, 08, DE OUT. 2016.

SCOCUGLIA, Jovanka Baracuhy Cavalcante. **Sociabilidades e usos contemporâneos do patrimônio cultural**. Revista Vitruvius, n. 5, 2004.

VILHENA, Marcos Aurélio de. **Voo de Ícaro**: tensões e drama de um industrial no sertão. Teresina, 2006.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
() Dissertação
(X) Monografia
() Artigo

Eu, Camila Carvalho Moura Fe,
autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de
02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,
gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação
Memória e Patrimônio Cultural sobre a Fábrica de laticínios Puro Leite em Lançamentos do Piauí (1897-2008)
de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título
de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 24 de Setembro de 2018.

Camila Carvalho Moura Fe

Assinatura

Camila Carvalho Moura Fe

Assinatura